

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC-SP
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL MESTRADO**

PRISCILA KLAUS

NARRATIVAS IMIGRANTES: COLETIVOS JUVENIS NA CIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2021

Priscila Klaus

Narrativas imigrantes: coletivos juvenis na cidade de São Paulo

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais sob orientação da Prof^a. Dra. Silvia Helena Simões Borelli.

São Paulo

2021

Agradeço ao CNPq, que possibilitou a dedicação integral a esta pesquisa por meio da concessão da bolsa de estudos com o número de processo 130049/2018-2.

Agradecimentos

Ingressar no mestrado e passar por todo o processo que culminou nessa dissertação foi muito desafiador, não tenho dúvidas que só consegui chegar até aqui porque essas pessoas estiveram ao meu lado nessa jornada.

Primeiramente agradeço às três pessoas que me apoiaram e estiveram incondicionalmente ao meu lado: meus pais, Elisabete e Adilso, que sempre me incentivaram a seguir estudando e que, mesmo agora à kms de distância, nunca deixaram de estar por perto e de ajudar de todas as formas possíveis. Ao meu companheiro André que, graças ao seu incentivo eu tive coragem de dar o primeiro passo e me inscrever para o mestrado e que, durante a difícil jornada de escrita desse trabalho, me fazer acreditar que era possível.

À minha irmã Nicóli e sua pequena família, Jr e Théo, que se mantem sempre por perto como um lugar seguro.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Silvia Helena Simões Borelli, por ter acreditado no meu potencial, pelos seus ensinamentos e por estar sempre presente. Em especial a todo apoio durante a dissertação, por não desacreditar e desistir de mim quando eu mesma já achava que não seria possível.

Aos meus colegas do grupo de Pesquisa Jovens Urbanos, que me ensinaram, apoiaram e dividiram muitas noites de trabalho André, Ariane, Anamaria, Bianca, Camila, Livia, Thiago, Prof^a. Dra. Rosana de Lima Soares e, em especial, a Maria que ajudou com valiosos conselhos para a construção desse texto.

À Letícia, que além de ser uma amiga querida, ajudou na tradução do resumo desse trabalho.

Às queridas amigas Camila, Aline, Carol e Ilze que me acolheram e me ajudaram profissionalmente nos últimos anos.

À Lilian e Juliana amigas que transpõem as fronteiras físicas e se fazem presentes sempre na minha vida.

A todos aqueles amigos e familiares que torceram e torcem por mim, que não serão nominarei individualmente porque tenho a felicidade de serem muitos: que não nominarei

A todos os colegas e professores do mestrado que ajudaram diretamente e indiretamente para a minha formação acadêmica e pessoal: direta e indiretamente

RESUMO

Nas últimas décadas, intensificaram-se as experiências migrantes no contexto do mundo globalizado, motivadas por diferentes fatores: desenvolvimento geográfico desigual, desastres ambientais, refúgios de guerras, perseguições étnicas e religiosas, entre tantas outras. Para entender essa nova dinâmica migratória, esta pesquisa se propõe a remontar as narrativas de jovens latino-americanos residentes na cidade de São Paulo. Esses jovens estão inseridos em um contexto de lutas e (re)existências migrantes, por meio da atuação em coletivos político-culturais. Para esta investigação, foram selecionados três coletivos juvenis protagonizados por imigrantes: *Sarau das Américas*, *Visto Permanente* e *Equipe de Base Warmis*. Desse modo, propõe-se aqui, para a construção do diálogo com essas experiências migrantes, responder aos seguintes problemas de pesquisa: como ocorreu, para esses jovens imigrantes o processo de migrar? Como redesenham e repensam fronteiras sociais, físicas e simbólicas? Como tecem suas narrativas tanto do processo de migração como da cotidianidade, sendo um jovem migrante na cidade de São Paulo? Quais são as relações que estabelecem com o território físico e imaginado da metrópole? Como transformam e ressignificam territórios, espaços e lugares? (Santos, 2009; Certeau, 2014).

Baseada em metodologia qualitativa (observações e entrevistas online e offline), a pesquisa que fundamenta este trabalho foi construída sob o pressuposto da compreensão das dimensões históricas, políticas e antropológicas que atravessam o cotidiano dos coletivos de jovens imigrantes acima referidos.

Para tal, esta pesquisa está dividida em três eixos: fronteiras, relatos de imigração e territórios. No primeiro deles, são apresentadas as situações de fronteira/ barreiras de acesso vividas pelos jovens migrantes – como o idioma, a relação com o *outro*, com os preconceitos e estigmas experienciados – e suas ações de resistência para transpô-las, ações que ocorrem tanto individualmente como em uma luta coletiva. Como autores de referência para este eixo, foram utilizados Nestor García Canclini, José Manuel Valenzuela Arce, David Harvey, Arjun Appadurai, Stuart Hall e Michel Agier.

As histórias pessoais do processo de imigração são o fio condutor do segundo capítulo dessa dissertação. Refletem suas ações e seus imaginários, que fazem parte do processo “antes, durante e depois”: a escolha do destino, a expectativa em relação ao desconhecido, o que foi deixado para trás e o que encontraram ao chegar. Entre os autores que fundamentaram a construção das narrativas estão Levi-Strauss, Abdelmalek Sayad e Tzvetan Todorov.

Por fim, a relação com o novo território, seja ele real ou imaginado, é abordada utilizando como referência os autores Arjun Appadurai, Michel de Certeau, Milton Santos e Benedict Anderson. Esses jovens encontram ausências e lacunas, no que tange às políticas

públicas voltadas para a questão migratória, e a busca por pertencimento dos imigrantes mistura-se à ocupação dos espaços das cidades, sejam eles públicos ou privados. A ocupação simboliza e codifica a presença dessas vozes e corpos, tornando-se um ato político, como o de uma minoria que busca seu lugar. Esses espaços criados pelos coletivos são concebidos como etnopaisagens (Appadurai, 2004), referência à ocupação e ao território dessas pessoas que constituem o mundo em deslocamento. Enfim, trata-se da relação tanto individual como coletiva com a cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Jovens/coletivos imigrantes; Cultura/Política; Fronteiras, Narrativas de viagem; Território.

ABSTRACT

In recent decades, immigrant experiences have been intensified in the context of the globalized world, motivated by different factors: uneven geographical development, environmental disasters, war refugees, ethnic and religious persecutions, among many others. To understand this new migratory dynamic, this research analysed the narratives of young Latin Americans living in the city of São Paulo. These young people are inserted in a context of struggles and migrant (re) existences, by acting in political-cultural collectives. For this investigation, three youth groups of migrants were selected: Sarau das Américas, Visto Permanente and Equipe de Base Warmis. Therefore, it is proposed here, through the construction of the dialogue with these migrant experiences, to answer the following research problems: how did the process of migrating happen for these young immigrants? How do they redesign and rethink social, physical and symbolic boundaries? How do you build your narratives of both the migration process and everyday life, being a young migrant in the city of São Paulo? What are the relationships that they establish with the physical and imagined territory of the metropolis? How do they transform and resignify territories, spaces and places? (Santos, 2009; Certeau, 2014).

Based on qualitative methodology (online and offline observations and interviews), the research that underlies this work was built on the understanding of the historical, political and anthropological dimensions that cross the daily lives of the groups of young immigrants mentioned above.

To this purpose, this research is based on three axes: borders, travel narratives and territories. In the first one, the frontier situations experienced by young migrants are presented - such as language, the relationship with others, with the prejudices and stigmas experienced - and their resistance actions to overcome them, actions that occur both individually and as a group. The authors used as reference for this chapter were: Nestor García Canclini, José Manuel Valenzuela Arce, David Harvey, Arjun Appadurai, Stuart Hall and Michel Agier.

The personal histories of the immigration process are the guiding thread of the second chapter of this dissertation. Which is part of the “before, during and after” process: the choice of destination, the expectation in relation to the unknown, what was abandoned and what they found when they arrived. Among the authors who founded the construction of the narratives are Levi-Strauss, Abdelmalek Sayad and Tzvetan Todorov.

Finally, in the last chapter, the relationship with territory and the construction of a new territoriality is explored. Authors such as Arjun Appadurai, Michel de Certeau, Milton Santos and Benedict Anderson were used as reference. These young people found absences and gaps, related to public policies focused at the migratory issue, and the search for immigrants' belonging is mixed with the occupation of city spaces, whether they are public or private. The

occupation symbolizes and encodes the presence of these voices and bodies, becoming a political act, like that of a minority that seeks its place. These spaces created by collectives are conceived as **ethnoscapes** (Appadurai, 2004), a reference to the occupation and territory of these people who build a migratory world. It is about the relationship both individual and collective with the city of São Paulo and the creation of a new territory and a new territoriality in ICTs - Information and communication technologies

Key words: Young immigrants; Migration narratives; Culture; Policy; Youth collectives.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais Nacionalidades que ingressaram no Brasil - Período 2011 a 2018	16
Tabela 2 - Permissões de trabalho para emigrantes - Período 2011 a 2018	16
Tabela 3 - Imigrantes ingressantes na cidade de São Paulo por país de origem – Período de 2015 a 2017	17
Tabela 4 - Imigrantes residentes na cidade de São Paulo por sexo	18
Tabela 5 - Imigrantes residentes na cidade de São Paulo por estado civil	19
Tabela 6 - Imigrantes residentes na cidade de São Paulo por faixa etária	19
Tabela 7 - Categorias MaxQda	24
Tabela 8 - Coletivos de migrantes acompanhados nesta pesquisa	29
Tabela 9 - Integrantes entrevistados do Sarau das Américas	31
Tabela 10 - Integrantes entrevistados do Visto Permanente	32
Tabela 11 - Integrante entrevistados do coletivo Warmis	34

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias e subcategorias no Maxqda	25
Figura 2 – Imagem geral do projeto no Maxqda.....	26
Figura 3 – Relatório por Categoria MaxQda.....	27
Figura 4 -Gráfico de Conexões entre Categorias	27
Figura 5 – Imagem de divulgação do evento Encontro no Ponto	66
Figura 6 – Foto do Sarau na Rua	67
Figura 7 - Reprodução de material divulgado na Facebook.....	81
Figura 8 – Divulgação do evento E-Sarau das Américas	82
Figura 9 – Divulgação do evento “Carajutxs”	83
Figura 10 – Divulgação do evento Foro Social Américas de las Migraciones	84
Figura 11 – Divulgação dos eventos Licencias Políticas.....	85
Figura 12 – Divulgação de eventos de terceiros nas redes sociais.....	87
Figura 13 – Divulgação do programa de rádio	88
Figura 14 – Divulgação do evento com a participação das Lakitas Sinchi Warmis ...	88
Figura 15 – Participação das Warmis na entrevista com o Presidente Luis Arce.....	89
Figura 16 – Acervo digital Visto Permanente	90
Figura 17 – Trabalho compartilhado pelo Visto Permanente	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Problemática de pesquisa e objetivos	20
Metodologia e trabalho de campo	21
Coletivos culturais de jovens imigrantes e estratégias de (re)existência pela via do comum	28
Sarau das Américas	30
Visto Permanente	31
Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	33
1. FRONTEIRAS	35
1.1. Transfronteiras na globalização.	35
1.2. A relação com o <i>outro</i>	37
1.3. Estigma e preconceito	42
2. NARRATIVAS IMIGRANTES	49
2.1. A saída e a escolha do destino	50
2.2. O percurso e a chegada.....	56
2.3. O presente no Brasil	59
3. TERRITÓRIO	64
3.1. Territorialidades e a cidade de São Paulo: pontes e muros.....	65
3.1.1 As diferentes faces da imigração	69
3.1.2 O direito à cidade	73
3.2. Coletivos e etnopaisagens	75
3.2.1 Ações digitais	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

INTRODUÇÃO

Essa dissertação faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre jovens e coletivos juvenis na cidade de São Paulo intitulada “*Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*”, realizada pelo grupo de pesquisas *Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis*, na área de Antropologia, no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, da PUC-SP. O trabalho do grupo de pesquisa propõe dois eixos norteadores para a investigação: 1) Análise crítica de políticas públicas voltadas para a(s) juventude(s) no Brasil entre 2003 e 2015. 2) Análise das alternativas de recepção, apropriação e uso por jovens beneficiários de algumas das políticas selecionadas na etapa anterior. Esses eixos têm como objetivo a compreensão sobre as formas pelas quais as políticas públicas estão conectadas, ou não, à vida cotidiana e às ações culturais, políticas e comunicacionais protagonizadas por jovens, na cidade de São Paulo. Esses jovens pertencem a coletivos culturais que promovem, através da cultura, ações políticas de re-existência na cidade de São Paulo. Três eixos de classificação dos coletivos, quanto as suas ações culturais e características de seus participantes, guiaram a pesquisa: imigração, gênero e raça. O projeto está também vinculado ao GT CLACSO – *Conselho Latino-Americano da Ciências Sociais Juventudes, Infancias: Prácticas Políticas y Culturales, Memorias y Desigualdades en el Escenario Contemporáneo*, na etapa 2016-2019.

O percurso metodológico, para a construção desta dissertação iniciou quando ingressei no grupo de pesquisa *Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis*, no segundo semestre de 2017. Nesse momento, ocorriam as pesquisas de campo de perfil etnográfico. O trabalho de campo esteve organizado ao redor de observações presenciais e em redes digitais, entrevistas em profundidade, todas de cunho qualitativo, com coletivos juvenis que utilizam o cultural como ferramenta política na cidade de São Paulo.

A participação no grupo de pesquisa tornou possível minha aproximação com os coletivos de jovens e a articulação com os seus integrantes. Para a realização dessa dissertação, escolhi me aprofundar em um dos eixos da pesquisa conjunta: a imigração. Iniciei essa aproximação participando eventos promovidos pelos coletivos culturais e acompanhando-os regularmente no meio digital. Após conhecer um pouco de suas histórias, cotidianos, anseios e lutas, tanto individuais como coletivas, decidi remontar suas experiências migratórias, entrelaçando-as com o presente no Brasil e dando destaque para suas atuações com os coletivos culturais. Os três coletivos escolhidos para essa dissertação foram:

. Sarau das Américas: coletivo que realiza eventos culturais com artistas imigrantes da cidade de São Paulo, como cinemas, rodas de poesias, encontros musicais, ciclos de debates, entre outros.

. Visto Permanente: coletivo criado com o objetivo de construir um acervo audiovisual sobre artistas imigrantes residentes na cidade de São Paulo. Com a crescente manifestação da cena cultural imigrante, sua ação expandiu-se para outras áreas: exposições, debates, festivais, organização dos Territórios Artísticos Imigrantes (TAI's) e intervenções performáticas em espaços públicos.

. Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas: coletivo formado por mulheres imigrantes latino-americanas que atua essencialmente nas questões de gênero que atravessam o cotidiano da mulher imigrante na cidade de São Paulo. O coletivo possui um grupo musical chamado Lakita's, que se apresenta em eventos organizados pela comunidade imigrante e em manifestações organizadas por coletivos feministas.

Para remontar as narrativas dos jovens imigrantes, essa dissertação está construída seguindo três eixos norteadores: fronteiras, narrativas imigrantes e território, que formam, assim, os três capítulos que serão apresentados nesse trabalho.

No primeiro capítulo, são abordadas as situações de fronteira e transfronteira vividas pelos jovens imigrantes. Sendo esses jovens todos latino-americanos que imigraram para o Brasil, foram privilegiados, nessa abordagem, autores que discutem essa situação fronteiriça por uma perspectiva do Sul-Global, como Nestor García Canclini e José Manuel Valenzuela Arce. Para entender esse processo de viver em condição fronteiriça e o que isso implica na vida do jovem imigrante, foi preciso dialogar com autores que discutem a questão da transnacionalidade, da globalização e de seus fluxos migratórios, como David Harvey, Arjun Appadurai, Stuart Hall e Michel Agier.

No segundo capítulo, são apresentados os relatos da imigração desses jovens. As narrativas foram construídas abordando o que se compreende como as três fases fundamentais para descrever esse processo: a primeira delas, quais eram as expectativas criadas por esses jovens em relação ao destino para o qual imigraram; a segunda, como ocorreu o processo de imigração, com suas implicações práticas e simbólicas; e, por último, como foi chegar a esse novo destino e se tornar um imigrante. A construção da narrativa apoiou-se em textos de autores como: Levi-Strauss, Tzvetan Todorov e Abdelmalek Sayad.

O terceiro capítulo aborda a relação dos jovens com o território, tanto físico como imaginado, privilegiando suas ações de ocupação e re-existência, em suas lutas coletivas, assim como a construção da territorialidade na cidade de São Paulo. Este capítulo também disserta sobre a atuação dos coletivos juvenis nas TICs - Tecnologias da informação e comunicação, como forma de ocupação e transformação. Alguns autores utilizados para discutir esse assunto serão: Arjun Appadurai, Benedict Anderson e David Harvey.

Observa-se, nas últimas décadas, inúmeras experiências relacionadas as imigrações no contexto do mundo globalizado, desde imigrações por questões econômicas - impulsionadas por um desenvolvimento geográfico desigual (Harvey, 2007) -, àquelas

motivadas por desastres ambientais, refúgio de guerras, perseguições étnicas e religiosas, entre tantas outras. Independente do motivo ou do destino escolhido, migrar sempre implica uma série de ações e imaginários que fazem parte do processo do “antes, durante e depois”: a escolha do destino, a expectativa em relação ao desconhecido, o percurso e, por fim, a relação com o novo país, seja um território real ou imaginado (Anderson, 2008). Para Agier (2015a), a experiência das pessoas migrantes é, talvez, a forma que mais permite ilustrar atualmente o conceito de *estar-no-mundo*:

[...] é muito possível que as pessoas em deslocamento estejam vivendo uma experiência bem mais universal do que parece, além das categorias, classes e nacionalidades, hoje concernentes. Mesmo encontrando-se à “margem”, elas nos permitem antecipar uma maneira de estar-no-mundo que a globalização tende generalizar (pág. 12).

Para entender essas novas maneiras de estar no mundo, esta pesquisa buscou remontar o processo de migrar por meio das narrativas de jovens latino-americanos residentes na cidade de São Paulo. Jovens que fazem parte de coletivos de imigrantes – Sarau das Américas, Visto Permanente e Equipe de Base Warmis –, que buscam, por meio de ações político-culturais, um processo de negociação e interlocução com a cultura local, transformando espaços e lugares (Certeau, 2014) da cena metropolitana da cidade de São Paulo e enfrentando contextos de exclusão e estigma.

A imigração é pauta dos principais debates sociopolíticos dos últimos anos e vem sendo um movimento de transformações sociais. Esteve, e ainda está, presente nos principais veículos de comunicação, muitas vezes sendo rotulada como uma crise ou uma situação de crise humanitária: a crise migratória dos refugiados na Europa que chegam em embarcações clandestinas pelo mar mediterrâneo¹; a crise das caravanas migrantes que saem de países da América Central em direção ao Estados Unidos²; a crise do Brexit³; a crise da migração venezuelana na América Latina, que também impacta o Brasil⁴. Não se pretende, aqui, aprofundar a discussão sobre a relação entre esses movimentos migratórios e a sua qualificação enquanto “situações de crise”, mas salienta-se, que essas rotulações estão

¹ *Mais de 110 mil imigrantes e refugiados chegaram à Europa em 2019* – 03 de janeiro de 2020. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/01/03/mais-de-110-mil-imigrantes-e-refugiados-chegaram-a-europa-em-2019.htm> - Acesso em 03 de fevereiro de 2020.

² *Migrantes, refugiados: o relato de um êxodo* - 02 de dezembro de 2018 – Por: Pablo Ferri - https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/29/cultura/1543520471_740275.html - Acesso em 03 de fevereiro de 2020.

³ *Às vésperas do Brexit, imigrantes europeus lutam para regularizar permanência no Reino Unido* – Por: 03 de janeiro de 2020 - Patricia Tubella – <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-01-30/as-vesperas-do-brexit-imigrantes-europeus-lutam-para-regularizar-permanencia-no-reino-unido.html> Acesso em 03 de fevereiro de 2020.

⁴ *O êxodo venezuelano que muda a face da América do Sul* – 14 de novembro de 2019 – Por: Stephania Corpi https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/internacional/1573170768_919898.html

ancoradas em definições que produzem e reiteram a xenofobia, uma vez que, têm como foco apenas a narrativa dos países receptores e as consequências que, neles, o acolhimento de uma grande quantidade de pessoas pode ocasionar. É um discurso unilateral que atenta apenas para um dos cenários, pois não considera em sua conformação, as “crises” geradas nos países de origem desses sujeitos em fluxos e quais os motivos que levaram essas pessoas a imigrarem.

É importante e urgente contextualizar essas imigrações no mundo globalizado. Entender de forma global e local os contextos que permeiam os processos migratórios torna-se algo necessário, de forma a ilustrar como esses fluxos são contextualizados no Brasil e, no caso específico dessa pesquisa, a cidade de São Paulo.

Segundo dados de relatório *World Migration Report 2020*⁵, emitido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), estima-se que em 2019 havia 272 milhões de migrantes internacionais no mundo, o que corresponde a 3,5% da população mundial. Esse número representa um aumento de 23% na comparação com 2010, quando havia 220,78 milhões de migrantes, ou 3,2% da população global. O relatório mostra, ainda, que o deslocamento forçado interno atingiu 41 milhões de pessoas e o número de refugiados chega a aproximadamente 26 milhões.

O Brasil está inserido nessa dinâmica migratória enquanto origem, passagem e destino, e a cidade de São Paulo, por sua centralidade atual no contexto econômico da região, ganha destaque pelos migrantes tanto nacionais como estrangeiros que recebe. Segundo dados da OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais⁶, de 2011 a 2018, foram registrados, no país, 774,2 mil migrantes internacionais, considerando todos os amparos legais⁷. Nesse período, a região Sudeste do Brasil recebeu 55,1% de todos os imigrantes, sendo que 41,2% se destinaram ao estado de São Paulo. Ainda no período destacado pelo estudo, nota-se uma predominância de imigrantes latino-americanos entre os que mais se destinaram ao Brasil.

⁵ Fonte dos dados: *OIM: migrantes internacionais somam 272 milhões, 3,5% da população global*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oim-migrantes-internacionais-somam-272-milhoes-35-da-populacao-global/> Acesso em 12 de dezembro de 2020.

⁶ Fonte dos dados *Resumo Executivo: Migração e Refúgio*. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

⁷ Os amparos legais considerados são: imigrantes internacionais, solicitantes de refúgio e refugiados.

Tabela 1 - Principais Nacionalidades que ingressaram no Brasil - Período 2011 a 2018 ⁸

1º Haitianos	5º Argentinos
2º Bolivianos	6º Chineses
3º Venezuelanos	7º Portugueses
4º Colombianos	8º Peruanos

Fonte: Resumo Executivo: Migração e Refúgio

O fluxo migratório no Brasil, com predominância de latino-americanos, é caracterizado como “Sul-Sul”, termo utilizado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) para os deslocamentos que ocorrem entre os países do “Sul Global”. Esses processos de deslocamento revelam uma nova configuração das dinâmicas das migrações em tempos nos quais há cada vez mais restrições nas fronteiras dos “países do norte”, que limitam ou restringem a entrada e a permanência de imigrantes em seus territórios. As características dos trânsitos “sul-sul” impõem novos desafios aos países inseridos nessas rotas e demandam novas agendas e a construção de políticas públicas que garantam aos imigrantes acesso pleno aos direitos políticos e sociais. Dentre estas, a participação dos migrantes em processos eleitorais bem como a promoção de seu direito à reunião e à associação, com o objetivo de dinamizar o debate público em torno das políticas públicas que afetarão a todos. Essas políticas promovem o adensamento do sentimento de pertença e cidadania que condiciona sua integração efetiva na sociedade que o recebe (Baeninguer, 2018).

Ainda segundo o relatório da OIM, a necessidade de emprego é a principal razão para pessoas migrarem internacionalmente, e os trabalhadores migrantes constituem a maioria dos migrantes internacionais do mundo, majoritariamente vivendo nos países de alta renda. No Brasil não é diferente. Segundo dados do *Relatório Anual 2019 – Imigração e Refúgio no Brasil*⁹, emitido pelo OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais, no período de 2011 a 2018, foram concedidas 367.847 autorizações de trabalho, das quais 41% foram emitidas no estado de São Paulo. A Tabela 2 apresenta o desdobramento do número, ano a ano.

Tabela 2 - Permissões de trabalho para emigrantes - Período 2011 a 2018

Ano	Brasil	São Paulo
2011	68.693	33.011
2012	66.821	24.415
2013	61.842	22.247
2014	46.740	19.369
2015	36.868	15.366
2016	30.327	13.818

⁸ Não foram disponibilizados os números reais de imigrantes de cada país; apenas um *ranking* com as principais nacionalidades.

⁹ Fonte dos dados: Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorio-anual/RELAT%C3%93RIO%20ANUAL%20OBMigra%202019.pdf> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

2017	25937	11.110
2018	30.619	12.451

Fonte: Relatório Anual 2019 – Imigração e Refúgio no Brasil

A cidade de São Paulo é, historicamente, conhecida pelos fluxos migratórios que recebeu, e ainda recebe, tanto de migrantes internacionais como de nacionais. Mais de cinco milhões de imigrantes internacionais construíram a cidade ao longo dos últimos 200 anos (Baeninger, 2018). O perfil do migrante internacional que se destinou à cidade de São Paulo, segundo dados da Polícia Federal¹⁰, nos anos de 2015, 2016 e 2017¹¹, possui as seguintes características: origem latino-americana, homem, solteiro e em idade produtiva.¹² As tabelas 3, 4, 5 e 6 apresentam esse cenário:

Tabela 3 - Imigrantes ingressantes na cidade de São Paulo por país de origem – Período de 2015 a 2017

	País de Origem ¹³	Na	%
1	Bolívia	4.288	19,3
2	Haiti	2.272	10,2
3	República Popular da China	1.652	7,4
4	Estados Unidos das Américas	1.535	6,9
5	Colômbia	1.373	6,2
6	Peru	1.357	6,1
7	Síria	864	3,9
8	Índia	731	3,3
9	Angola	622	2,8
10	Senegal	594	2,7
11	França	561	2,5
12	Itália	561	2,5
13	Paraguai	542	2,4
14	Argentina	462	2,1
15	Japão	434	2,0
16	Nigéria	425	1,9
17	Alemanha	364	1,6
18	Portugal	317	1,4
19	Equador	293	1,3
20	Espanha	283	1,3
21	México	267	1,2

¹⁰ Fonte dos dados: Ministério da Justiça/ Sistema Nacional de Cadastro Registro de Estrangeiros, 2017. Cabe ressaltar que o canal de comunicação em que os dados foram obtidos não estava mais disponível no momento da construção deste texto.

¹¹ Só estão disponíveis dados até 2017, o que não possibilitou a comparação com 2018, como nos outros relatórios.

¹² Considera-se idade produtiva, conforme definição do IBGE, pessoas com 15 anos ou mais. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf> Acesso em 04 de agosto de 2020.

¹³ Seleção de países cujo número de imigrantes residentes na cidade de São Paulo ultrapassa o total de 100.

22	Chile	257	1,2
23	Venezuela	243	1,1
24	Coreia do Sul	235	1,1
25	República do Congo	174	0,8
26	Inglaterra	140	0,6
27	Líbano	127	0,6
28	Uruguai	101	0,5
Total Parcial		21.074	
Outro país de origem		1.171	5,3
Total Final		22.245	100

Fonte: Ministério da Justiça/ Sistema Nacional de Cadastro Registro de Estrangeiros, 2017

As primeiras ondas migratórias para a cidade de São Paulo eram predominantemente de imigrantes europeus e incentivadas, em sua maioria, pelo próprio governo brasileiro¹⁴. Observa-se, atualmente, que os imigrantes que chegam à cidade, são, em sua maior parte de países pertencente a América Latina, mas também, há um grande aumento da imigração africana e asiática, classificados como os países do Sul Global, reforçando assim a tendência nacional da imigração Sul-Sul. Países europeus também fazem parte da lista, mas com um fluxo menos expressivo do que aquele que ocorreu em outros tempos.

Tabela 4 - Imigrantes residentes na cidade de São Paulo por sexo

Sexo ¹⁵	Na	%
Masculino	13.235	59,5
Feminino	9.010	40,5
Total	22.245	100

Fonte: Ministério da Justiça/ Sistema Nacional de Cadastro Registro de Estrangeiros, 2017

¹⁴ O início do incentivo para a imigração europeia para o Brasil foi o decreto nº de 31 de março de 1824, que por meio dele D. Pedro I estabeleceu que as terras da colônia alemã São Leopoldo, na Província de São Pedro do Sul – atual estado do Rio Grande do Sul –, fossem reconhecidas pelo Império como um local destinado a imigração de europeus, sobretudo alemães. Outro marco da política migratória no Brasil foi a Lei de Terras, lei 601, de 18 de setembro de 1850, que em um de seus artigos diz: “Art. 18. O Governo fica autorizado a mandar vir annualmente á custa do Thesouro certo número de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em estabelecimentos agricolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração pública.” O tesouro financiava agenciadores que prometiam concessão de terras férteis, subsídios e passagens para os novos imigrantes, que, assim como no primeiro decreto, incentivou principalmente a vinda de imigrantes alemães. Contribuindo assim para os dois principais objetivos da política imigratória da época, a industrialização do Brasil através da mão-de-obra europeia e o branqueamento da sociedade. Após um declínio do número de imigrantes europeus no final do sec. XIX, em 28 de junho de 1890, estabeleceu-se o decreto nº 528, responsável por regulamentar o Serviço de Introdução e Localização de Imigrantes. A partir de então era declarada livre a entrada de imigrantes no Brasil, exceto aqueles provenientes da Ásia e África e indígenas. Até a década de 30 do século XX, outras leis que diferenciavam os imigrantes desejáveis dos indesejáveis foram propostas, sempre dando prioridade ao imigrante branco europeu. (FRAZÃO, 2017).

¹⁵ Denominação utilizada pelo Ministério da Justiça, fonte consultada.

Como historicamente é observado, o fluxo de homens imigrantes ainda é superior ao de mulheres, chegando ao índice de cerca de 60%.

Tabela 5 - Imigrantes residentes na cidade de São Paulo por estado civil

Estado Civil	Na	%
Solteiro (a)	16.251	73,1
Casado (a)	5.154	23,2
Viúvo (a)	199	0,9
Outro	641	2,9

Fonte: Ministério da Justiça/ Sistema Nacional de Cadastro Registro de Estrangeiros, 2017

O número de solteiros (as) que imigram é muito maior do que o daqueles que já estão casados. Infelizmente não foi possível analisar e identificar se a referência a casados se refere a imigrações de famílias ou de apenas um integrante, já que o banco de dados não permitiu esse cruzamento de informações.

Tabela 6 - Imigrantes residentes na cidade de São Paulo por faixa etária

Faixa Etária	Na	%
0 a 6 anos	1.194	5,4
7 a 14 anos	1.073	4,8
15 a 17 anos	330	1,5
18 a 29 anos	10.333	46,5
30 a 59 anos	8.781	39,5
60 anos ou mais	532	2,4
Não informado	2	0,01
Total	22.245	100

Fonte: Ministério da Justiça/ Sistema Nacional de Cadastro Registro de Estrangeiros, 2017

Observa-se que os jovens constituem a principal faixa etária dos que imigram para a cidade de São Paulo; a faixa etária de 15 a 29 anos representa 48% do total. Esses números indicam que as juventudes são protagonistas desses fluxos migratórios analisado, logo, a construção de suas narrativas torna-se relevante para a compreensão de forma quantitativa desse processo.

Para além de números e percentuais, as imigrações são determinantes para o contexto social e fator-chave para a compreensão dos processos de integração nos níveis global ou regional, já que seus fluxos têm consequências políticas, econômicas, sociais e culturais tanto nos países de origem como nos de destino. As migrações também são processos simbólicos que se expressam não apenas como conceitos, mas também como metáforas. Para Canclini (2014):

Sabemos que a palavra metáfora significa em grego *transporte*. Tem, portanto, uma associação cultural natural com as viagens, as migrações e outros deslocamentos. Ao comparar as representações científicas e as

artísticas surge a pergunta: quanto se pode dizer sobre as migrações através de discursos científicos, formados com conceitos unívocos, cifras e dados duros, e quanto consegue alcançar as linguagens artísticas, cuja polissemia está tramada com metáforas? (Canclini, 2014, pág. 48)

Para o autor, é preciso olhar além dos números para discutir a imigração, uma vez que os números representam dados “duros”, capazes de expressar, em grande parte, conceitos e análises numéricas e não as metáforas contidas nessa jornada. A imigração implica um modo radical de experimentar a incerteza e a descontinuidade da cotidianidade, e são necessárias diferentes linguagens para poder expressá-las. Para compreender melhor a importância que esse movimento tem para uma sociedade de milhões de pessoas, não basta apenas registrar o número de migrantes e as cifras de remessas que estes enviam para seus lugares de origem, é preciso, também, escutar o que se perde e o que se ganha nas transferências simbólicas, entender as recriações de sentido. As cenas fantasiadas dão luz a essa trama escondida de significados, criam outra densidade da experiência:

Falar do estrangeiro como metáfora não se refere somente no sentido figurado ou imaginado do estrangeiro. Ainda nas formas geográficas da migração, as mais visíveis e rotundas incluem deslocamentos e estranhezas que vão além das mudanças de paisagem ou de língua. O imigrante também se sente alheio a trajetórias históricas, condensações secretas de sentido que formaram outro modo de viver. Por isso, a metáfora não é uma cena secundária ou derivada, cuja verdade chave residiria nos dados duros que nos informam os estudos demográficos ou socioeconômicos sobre as migrações (Canclini, 2014, pág. 55).

A migração decifra um novo *estar-no-mundo* (Agier, 2015a), e os jovens imigrantes que, em seus coletivos, transformam e expressam suas vivências por meio da arte, que é transformada em luta política, contribuíram com esta pesquisa com suas narrativas, contaram um pouco dos significados desse novo *estar-no-mundo*, relatando os processos que viveram de descontinuidade da cotidianidade tão característicos das migrações.

Problemática de pesquisa e objetivos

Algumas indagações orientaram a investigação e permitiram o delineamento dos critérios desta pesquisa. Como os jovens imigrantes redesenham e repensam as fronteiras sociais, físicas e simbólicas? Quais são suas narrativas do processo tanto de imigração como de cotidianidade, sendo um jovem imigrante na cidade de São Paulo? Quais são suas relações com o território físico e imaginado da metrópole? Como transformam e ressignificam territórios, espaços e lugares (Santos, 2009; Certeau, 2014)?

Os problemas de pesquisa guiaram este trabalho na busca de construir uma investigação por meio das narrativas dos jovens imigrantes. Para tanto, será necessário identificar e analisar as fronteiras, tanto físicas como imaginárias, imposta pela metrópole de São Paulo; construir suas histórias de imigração, através de suas narrativas, refletindo suas ações e imaginário do “antes, durante e depois” do processo; analisar a relação dos jovens migrantes com o novo território. Através de uma ocupação do território que simboliza e codifica a presença de suas vozes e corpos, como símbolos políticos de uma minoria que busca seu lugar, individual ou coletivamente.

Metodologia e trabalho de campo

O grupo de pesquisa “Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis”

Este trabalho faz parte da pesquisa mais ampla sobre jovens e coletivos juvenis na cidade de São Paulo intitulada “*Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*”¹⁶, realizada na área de Antropologia, no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, da PUCSP, pelo grupo de pesquisa *Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis*.

A pesquisa propõe dois eixos norteadores para a investigação: 1) Análise crítica de políticas públicas voltadas para a(s) juventude(s) no Brasil entre 2003 e 2015. 2) Análise das alternativas de recepção, apropriação e uso por jovens beneficiários de algumas das políticas selecionadas na etapa anterior. Esses eixos têm como objetivo a compreensão sobre as formas pelas quais as políticas públicas estão conectadas, ou não, à vida cotidiana e às ações culturais, políticas e comunicacionais protagonizadas por jovens, na cidade de São Paulo. Objetivam, ainda, avaliar as relações entre cultura e política e a forma pela qual a cultura ora se manifesta como elemento de mediação das práticas políticas, ora se caracteriza, ela mesma, como ação política em si.

A concepção de juventude – jovens plurais, em suas múltiplas singularidades e contextualizados historicamente – é tratada de forma qualificada ao considerar diversas dimensionalidades, tais como condições de classe – jovens/ coletivos juvenis situados nas regiões periféricas da metrópole paulistana e de outras grandes cidades –, articuladas, em particular, à etnia, ao gênero e à condição de migrante ou refugiado. Do ponto de vista teórico

¹⁶ A pesquisa *Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo* é realizada na área de Antropologia, no PEPG em Ciências Sociais, da PUCSP. Vincula-se à Red Iberoamericana de Posgrado em Infancias y Juventudes – RedINJU; ao GT Juventud e Infancia: prácticas políticas y culturales, memorias y desigualdades en el escenario contemporáneo (2016-2019) da CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; e ao Grupo de Pesquisa (DGP/ CNPq) *Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis*.

conceitual, o diálogo fundamenta-se nos Estudos Culturais britânicos (marxismo cultural britânico) e em suas ressonâncias no Brasil e na América Latina. A metodologia integra pesquisa quantitativa e qualitativa, baseada em perspectiva multidisciplinar entre os campos da Antropologia, Sociologia, História e Comunicação e considera as narrativas juvenis como lugar metodológico privilegiado. O plano de atividades está centrado na realização de pesquisa de campo, com coleta de dados de base etnográfica e instrumentos, tais como roteiro de observação e de entrevista em profundidade.¹⁷

O universo empírico da pesquisa foi constituído por jovens moradores da cidade de São Paulo, em especial, membros de coletivos juvenis, tanto aqueles que desempenham algum tipo de função efetiva de liderança ou atuam como formadores de opinião quanto outros que atuam vinculados aos coletivos.

Os primeiros passos para o trabalho de campo foram o mapeamento e a seleção dos coletivos juvenis da cidade de São Paulo. Após esse primeiro mapeamento, eles foram classificados em três eixos analíticos, considerando o gênero, os migrantes e a raça/etnia. Após esse mapeamento e classificação, foram realizadas as observações etnográficas, guiadas por roteiros pré-estabelecidos coletivamente. As observações etnográficas permitiram o conhecimento das práticas cotidianas e das experiências desses jovens dentro do contexto de seus coletivos culturais e forneceram ferramentas para a etapa seguinte, as entrevistas em profundidade. Com o conhecimento das atividades dos coletivos por meio das observações etnográficas, foi realizada uma seleção dos coletivos a serem entrevistados, garantindo sua representatividade e diversidade.

Atualmente, a etapa em andamento da pesquisa propõe a construção de ferramentas para a divulgação dos resultados mediante duas frentes: a submissão de artigos acadêmicos a revistas da área, para divulgação junto aos pares, e a construção de uma plataforma digital¹⁸, que utilizará, principalmente, imagens, linguagens e signos do ambiente digital para

17 Informações retiradas do relatório de pesquisa de 2017: Borelli, Silvia Helena Simões.; Aboboreira, Ariane. ; Paiva, Maria Cláudia. S. ; Rangel, Lúcia. Helena Vitalli ; Soares, Rosana de Lima; Queiroz, André. Sanchez; Silva, Francine. N; Medeiros, Regina Arruda *Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*. 2017.

¹⁸ A construção da plataforma faz parte do Observatório de imagens (PIPEq 2020) como parte da pesquisa que envolve um projeto mais amplo, proposto em 2014 (e implementado em 2018-2019) pela Pró-Reitoria de Pós- Graduação, em resposta ao Edital CAPES Pró-Equipamentos Nº 011/2014. A proposta tem por objetivo aprofundar e estender o compromisso com o compartilhamento de recursos, seja de infraestrutura, seja de natureza intelectual na universidade e, muito especialmente, nos Programas de Pós-Graduação, e esteve ancorada em três subprojetos: 1. Ambiente de TI Virtual; 2. Consolidação de infraestrutura e criação de redes com centros internacionais; e 3. Observatório de Imagens (OBS-IM). Ao longo dos encontros realizados, trabalhou-se na construção de ferramentas de análise, para compreender as relações entre juventudes, cultura e política por meio da captura, do tratamento e da edição de imagens – fotográficas e audiovisuais – capazes de suscitar uma reflexão sobre modos de ser e de viver, fluxos/ experiências, tecnologias digitais/ técnicas, recepção/ usos/ apropriações na cidade de São Paulo.

construir os resultados. A plataforma tem como objetivo atingir públicos que ultrapassem os limites da academia.¹⁹

Percurso metodológico desta dissertação

Para um aprofundamento adequado, elegeu-se apenas um dos três eixos da pesquisa em conjunto para ser explorado nesta dissertação, o da imigração, limitando a atuação a três coletivos juvenis: Equipe de Base Warmis - Convergência das Culturas, Sarau das Américas e Visto Permanente.

A metodologia de pesquisa adotada por esta dissertação é de caráter qualitativo. Parte de uma perspectiva multimetodológica e multidisciplinar – que compreende a dimensão histórica e antropológica dos fenômenos – para articular e potencializar contribuições de diferentes campos do conhecimento na análise sobre as juventudes e as formas de participação e de articulação dos jovens e dos coletivos juvenis de imigrantes na cidade de São Paulo. Privilegia a análise qualitativa por meio da observação da cotidianidade, da construção de narrativas e de relatos produzidos por jovens migrantes urbanos, dispondo de ferramentas conceituais e estratégias metodológicas adequadas. Esta investigação prioriza o acesso aos relatos, às vivências e às representações que os jovens fazem de sua realidade.

O percurso metodológico para a construção desta dissertação iniciou-se na segunda etapa do trabalho em conjunto com o grupo de pesquisa Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis, quando ocorriam as pesquisas de campo da pesquisa. O trabalho de campo, de perfil etnográfico, da pesquisa esteve organizado ao redor de observações etnográficas presenciais e em redes digitais, entrevistas em profundidade, todas de cunho qualitativo, com coletivos juvenis que utilizam o cultural como ferramenta política na cidade de São Paulo.

Instrumentos de coleta e análise

A metodologia utilizada na pesquisa *Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*, para organização, codificação e análise dos dados do trabalho de campo, foi apropriada e replicada para este trabalho, com as devidas adaptações às necessidades dos objetivos a que se propõe.

Em um primeiro momento, todas as entrevistas foram transcritas de forma integral e, posteriormente, os textos gerados por essas transcrições foram importados para categorização e análise no *software* Maxqda. O Maxqda é um *software* de gerenciamento de pesquisa que permite a análise qualitativa de conteúdo, mediante a organização e a

¹⁹ Informações retiradas do relatório de pesquisa de 2017:

Borelli, Silvia Helena Simões.; Aboboreira, Ariane. ; Paiva, Maria Cláudia. S. ; Rangel, Lúcia. Helena Vitalli ; Soares, Rosana de Lima; Queiroz, André. Sanchez; Silva, Francine. N; Medeiros, Regina Arruda *Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*. 2017.

codificação em categorias previamente definidas por quem analisa, classifica e codifica. No Maxqda é possível importar e analisar entrevistas, dados de grupos de discussão (grupos focais), de pesquisas *on-line* ou de páginas da Internet, assim como imagens, arquivos de áudio ou vídeo, planilhas, dados bibliográficos ou de redes sociais. A categorização do conteúdo pode ser realizada por meio de códigos, cores ou símbolos. Para esta dissertação, apenas se utilizou a codificação de conteúdo no formato de texto, que é o resultado das transcrições das entrevistas.

Para esta investigação, não foi considerado o projeto de análise qualitativa dos dados, com o *software* MaxQda, já em curso no grupo de pesquisa *Jovens urbanos*, mas foi criado um novo projeto de gerenciamento de pesquisa no *software* e, conseqüentemente, novas categorias, subcategorias e classificações que permitissem a construção desta dissertação.

O primeiro passo foi a criação de três grandes categorias, que são os três eixos principais desta dissertação: Fronteira; Percurso/Trajatória e Território. A análise do conteúdo ocorreu com uma leitura minuciosa das entrevistas - realizadas com os integrantes dos três coletivos de jovens imigrantes: L., S. e D. do Sarau das Américas; J. do Equipe de Base Warmis; A, Dn. e Dv. do Visto Permanente - segmentando a fala dos entrevistados em pequenas unidades e atribuindo-lhes as categorias pré-definidas. Após essa primeira leitura, algumas incidências foram observadas e, portanto, foram criadas mais três categorias fundamentais para a construção da pesquisa: Ações de Resistência, Coletivos e Estereótipo/Preconceito.

A tabela 7 apresenta a incidência das categorias no texto.

Tabela 7 - Categorias MaxQda

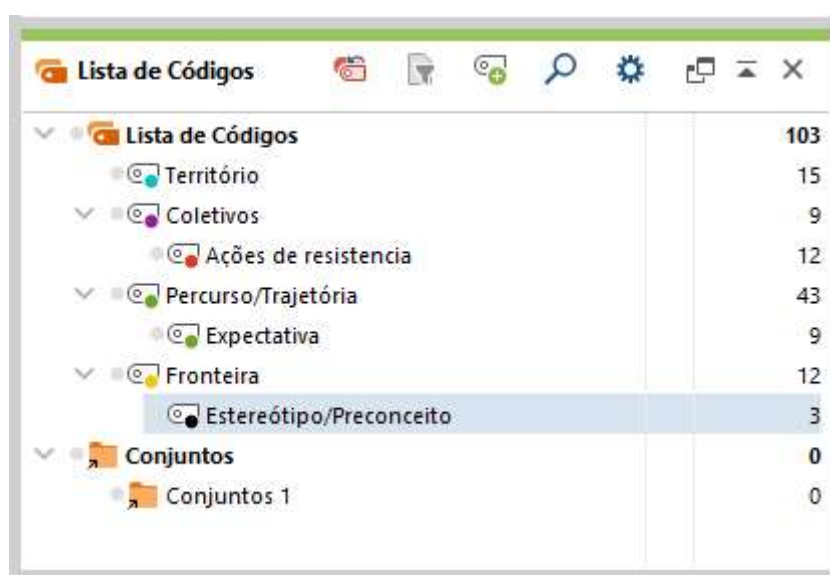
Categorias	Número de incidência das categorias nas entrevistas
Ações de (re)existência	12
Coletivos	10
Estereótipo/Preconceito	05
Fronteira	14
Percurso/Trajatória	52
Território	15

Essa codificação possibilitou analisar o texto de forma segmentada, mas, ao mesmo tempo articulada, permitindo fazer automaticamente, diferentes tipos relação e de

segmentação do conteúdo, o que auxiliou a construção desse trabalho. Além da visão segmentada do texto e das diversas relações que foi possível fazer entre as categorias selecionadas, pôde-se visualizar o conteúdo em outras formas, como em mapas conceituais, nuvens de palavras ou tabelas.

As Figuras 1, 2 e 3 ilustram como ocorreu o processo de codificação das entrevistas no software MaxQda, quando foram atribuídas categorias pré-definidas a trechos das falas dos entrevistados. A Figura 1 refere-se as categorias e subcategorias²⁰ inseridas no software, com o número de incidências encontradas nas entrevistas:

Figura 1 – Categorias e subcategorias no Maxqda



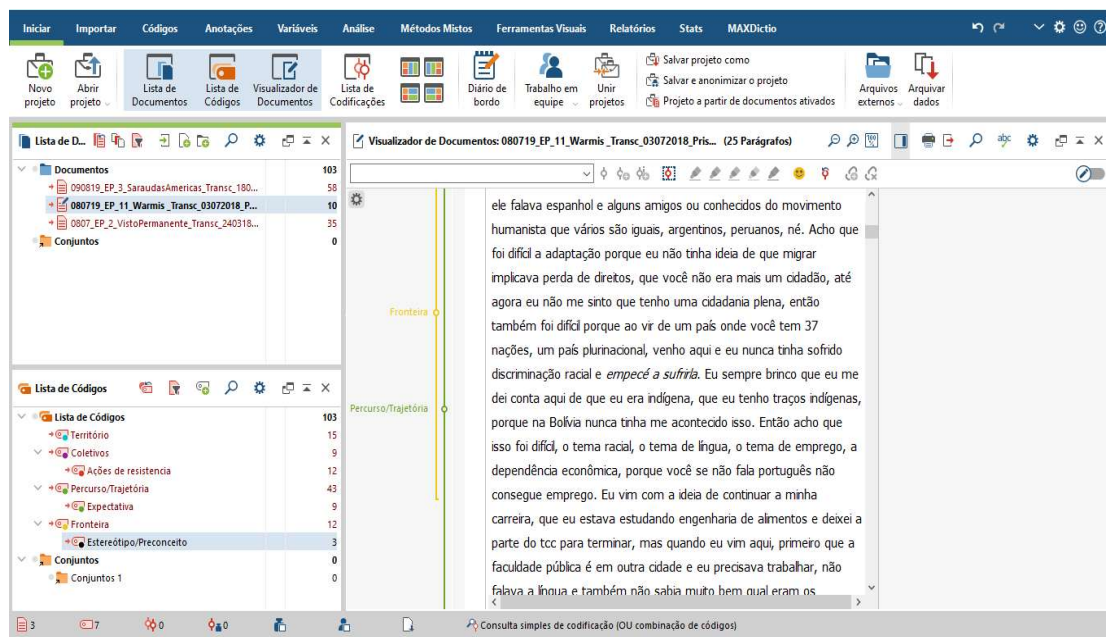
Categoria	Incidências
Lista de Códigos	103
Território	15
Coletivos	9
Ações de resistencia	12
Percurso/Trajatória	43
Expectativa	9
Fronteira	12
Estereótipo/Preconceito	3
Conjuntos	0
Conjuntos 1	0

Fonte: MaxQda – Projeto da Dissertação

A Figura 2 é uma visão geral da tela do software Maxqda, que está dividida em 3 janelas. Na primeira janela temos os documentos inseridos para a análise, na segunda à lista de categorias, já apresentada na imagem anterior, e na terceira o texto já assinalado com as codificações.

²⁰ As subcategorias foram inseridas apenas para facilitar a organização dos dados nos relatórios, portanto, não serão citadas no texto sobre a metodologia de análise.

Figura 2 – Imagem geral do projeto no Maxqda



Fonte: MaxQda – Projeto da Dissertação

A Figura 3 foi uma captura do relatório que é extraído do MaxQda com os resultados da codificação. É possível extrair o relatório com diferentes tipos de informações e combinações de resultados. Para essa dissertação, foi escolhido utilizar relatórios por categoria. Desse modo, em cada arquivo, é possível reunir todas as incidências de uma determinada categoria nas diferentes entrevistas realizadas.

O relatório abaixo está organizado da seguinte forma: na 1ª coluna a cor atribuída a categoria ou subcategorias; 2ª coluna o nome do coletivo; 3ª coluna a categoria; 4ª coluna o trecho da entrevista atribuído a essa categoria. As demais colunas referem-se à posição do trecho destacado no documento no original.

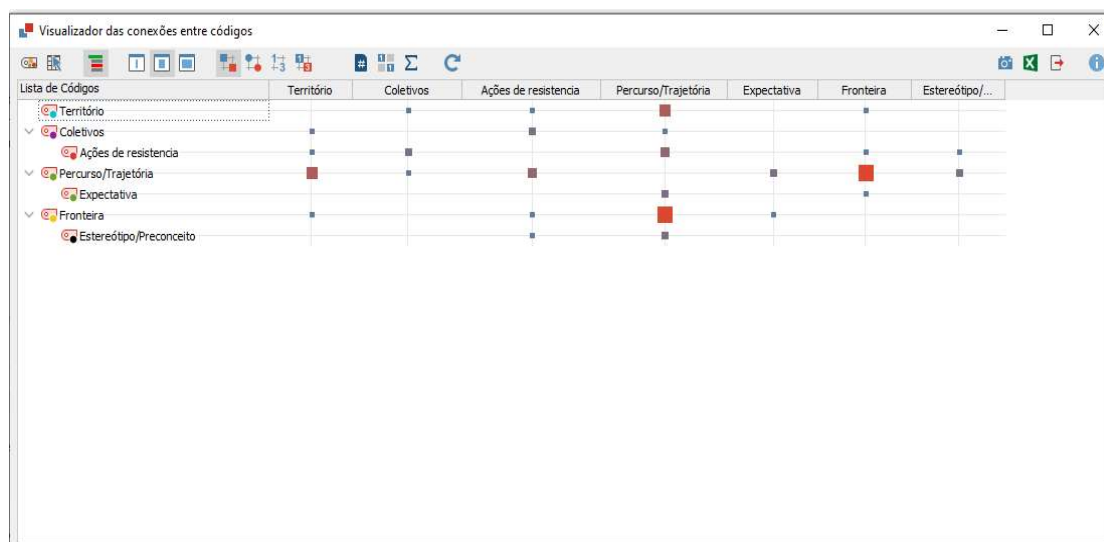
Figura 3 – Relatório por Categoria MaxQda

Segmentos codificados												
Cor	Nome do documento	Código	Resultado do peso	Segmento	Autor	Data de criação	Grupo de documentos	Início	Fim	Comentário	Área	Cobertura %
●	090819_EP_3_SaudeasAmericas_Transc_180418 - Copia	Estereótipo/Preconceito	0	fora do nicho total, eu não gosto de falar como se fosse uma vítima, porque nunca vou me colocar no papel de vítima, mas realmente as coisas tem condições que se dificultam e que você sente que as coisas apertam, aqui mesmo é uma dinâmica complicada, abrir e fechar, o que vamos vender, tem como fazer promoção, todas essas questões que agora são da minha resposta vem cheio de críticas, ninguém leva em consideração a questão de ser uma mulher imigrante no comércio que é uma questão atípica, uma refugiada que precisa sempre explicar sua situação de refúgio. Hoje eu fui no banco porque tem muita ignorância, e eu acho que as pessoas do banco confundem refugiados com foragidos, eu falei que tinha o visto de refugiado e uma moça disse que deveria chamar a polícia.	jovensurbanos2	31/10/2019 16:16:13		201	201		773	1,28
●	090819_EP_3_SaudeasAmericas_Transc_180418 - Copia	Estereótipo/Preconceito	0	sim, eu já briguei tanto não, mas enfim precisava desmontar um cheque de aulas particulares e ela não se conformava que eu tinha trabalho sendo refugiada, completa desconforto e ignorância. É aí quando junta esse monte de imigrantes que passa por situações iguais surgem boas ideias, vontade de se ajudar, por exemplo, por aqui quando eu cheguei não tinha lugar para "cansar" neste horário, agora olhando tem uma três ou quatro, então fazer parte desse movimento também serviu para que eu agora possa ouvir e ajudar outras pessoas, para dar alguma orientação sobre as dificuldades, e falar: calma é bem difícil, mas é possível, acontece tudo isso mas dá um tempo, relaxa que vai rolar, e é interessantíssimo essa recepção também.	jovensurbanos2	31/10/2019 16:18:09		205	205		735	1,22
●	0807_EP_2_VistoPermanente_Transc_240318 - Copia	Estereótipo/Preconceito	0	pode ser um papo muito manjado, mas também para que se desestigmatize essa visão que há dos imigrantes, que mesmo tendo esse bônus de imigração muito forte em São Paulo, não falo do Brasil porque não conheço, ainda tem muita xenofobia, ainda tem muito preconceito, não só da língua e das placas inflamadas, mas é tem muito preconceito e coisas manjadas, tipo o pessoal do Haiti é o negro que veio roubar, o boliviano veio roubar nosso trabalho, o outro para traficar, a colombiana trouxe pó, coisas que em pleno 2018 ainda não mudou.	jovensurbanos2	05/11/2019 16:52:26		281	281		526	0,80

Fonte: MaxQda – Projeto da Dissertação

A Figura 4 é um exemplo das análises possíveis de serem realizadas através do MaxQda, como, por exemplo, o gráfico de conexões entre categorias, ou seja, onde é possível verificar se um mesmo trecho foi categorizado em temas diferentes:

Figura 4 -Gráfico de Conexões entre Categorias



Fonte: MaxQda – Projeto da Dissertação

É possível perceber, portanto, que os trechos que abordam Território também estão relacionados a Percurso/Trajatória, assim como com Fronteira. Observar essas incidências faz com que se perceba que, por mais que a pesquisa esteja dividida em diferentes eixos ou capítulos, a análise das narrativas deve ser de forma integrada, levando em consideração que

os aspectos que atravessam as vidas dos jovens imigrantes estão sempre interrelacionados e não podem ser fragmentados e analisados como se fosse uma pequena parte isolada. Foi a partir dessa perspectiva que esta dissertação foi construída.

Coletivos culturais de jovens imigrantes e estratégias de (re)existência pela via do comum

Este trabalho é um recorte da pesquisa conjunta, que utiliza o material de campo produzido coletivamente pelo grupo de pesquisa Imagens, Metrópoles e Culturas Juvenis. Esse material da pesquisa de campo foi produzido tanto por observações etnográficas, como entrevistas em profundidade. Ademais do material produzido coletivamente pelo grupo de pesquisa, realizei em paralelo, observações etnográficas em diversos eventos promovidos pela comunidade migrante da cidade de São Paulo. O que me permitiu conhecer suas características, realidades, anseios e lutas, mostrando-me uma realidade muitas vezes oculta na grande metrópole.

A ação coletiva dos imigrantes, segundo Varela Huerta (2015), é organizada para que possam sobreviver ao racismo e à xenofobia institucionalizada, exercendo seus direitos de permanecer e pertencer. É um *novíssimo tipo de movimento social* que inicia ou potencializa discussões políticas, nas sociedades nas quais tomam lugar, acerca de temas que, até então, não haviam sido abordados; temas não previstos na agenda política ou, se previstos, conduzidos de forma contrária aos interesses da sempre plural comunidade migrante. A pluralidade das comunidades migrantes encontra-se presente, uma vez que diferentes perfis compõem a ação da luta coletiva, em que interesses e necessidades diversas são reivindicadas. São múltiplas as questões que compõe o debate sobre os processos migratórios, já que estão relacionadas a nacionalidade, gênero, etnia, religião, raça, cultura. Desse modo, salienta-se que não existe apenas uma comunidade migrante, – homogênea e com uma reivindicação única – ela é composta por diferentes lutas com o objetivo comum de permanecer e pertencer. É importante, portanto, reconhecer as lutas de coletivos migrantes como disputas de novos tipos, porque são novas tanto as subjetividades como as demandas e as estratégias que começam a surgir.

As lutas migrantes são mobilizações políticas cidadãs, ainda que protagonizadas por pessoas que permanecem clandestinamente no país devido a leis que “estrangeirizam” os sujeitos “não nacionais”, que reivindicam, principalmente, o efetivo exercício e o reconhecimento de seus direitos. São lutas transfronteiriças, feitas em diáspora, em culturas híbridas e pluriétnicas; lutas contra a “estrangeirização permanente” que as fronteiras lhes impõem. Ademais, as lutas migrantes orientam sua ação política no horizonte de um sistema global que reconheça o direito de qualquer pessoa de eleger o lugar em que quer permanecer,

o lugar em que residir e, além disso, de não se submeter a relações laborais análogo à escravidão. São lutas migrantes ou movimentos sociais de migrantes que perseguem um projeto político normativo segundo o qual a nacionalidade, a origem, a classe social e o gênero não podem ser determinantes de direitos

Por serem lutas coletivas, elas constroem estratégias do comum, isto é, estratégias que lhe possibilitem formas de (re)existir a racionalidade neoliberal do tempo atual (Hardt e Negri, 2014; Laval e Dardot, 2015; Federici, 2014). A cooperação e a interdependência produtiva são as condições do comum; as obrigações sociais, que vinculam uns aos outros, tornam-se um meio de produção e é por meio do comum que se produzem (re)existências, afetos, negociações e interlocuções, ocupações de espaços e lutas na cotidianidade da vida migrante. Nessa interdependência, descobre-se a produtividade e o poder do comum. O comum não é um bem, não é um objeto que se deve possuir ou construir, é um princípio político; são práticas que definem um novo regime de lutas. Só a atividade prática pode fazer com que as coisas se tornem comuns, do mesmo modo que apenas ela, pode produzir um novo pensar coletivo. Se existe alguma universalidade, só poderá ser uma universalidade prática, em que todos os indivíduos estão, em um momento dado e em uma condição dada, comprometidos com uma mesma causa.

É no contexto de lutas e de (re)existências que os três coletivos de jovens imigrantes acompanhados por esta pesquisa constroem o comum, transformando espaços, lugares e territórios, enfrentando contextos de estigmas, exclusões e desigualdades sociais. E, pensando e agindo de forma coletiva, buscam encontrar brechas nesse sistema tão excludente e desigual. Os coletivos dos entrevistados que construíram as narrativas imigrantes nesta pesquisa são: *Sarau das Américas*, *Visto Permanente*, *Equipe Base Warmis*.

Tabela 8 - Coletivos de migrantes acompanhados nesta pesquisa

Coletivos	Modalidade Cultural
Sarau das Américas	Poesia, literatura, arte latino-americanas
Visto Permanente	Audiovisual
Equipe Base Warmis	Debates, danças, oficinas

Sarau das Américas

O Sarau das Américas realiza eventos culturais com artistas imigrantes da cidade de São Paulo. Em suas redes sociais, descreve-se assim:

O Sarau das Américas nasce da vontade de transcender as fronteiras das línguas que habitam este continente, de vivê-las na interação poética, e de percorrer o caminho de seus poetas e poetisas, num presente criativo, imediato, que coexiste nesta megalópole paulistana.²¹

Uma vez por mês, ocorre o *Encuentro*, evento organizado pelo coletivo durante o qual integrantes e convidados realizam performances artísticas. Os Saraus ocorrem em ambientes genuinamente destinados às práticas do comum, como o Ponto de Economia Solidária do Butantã, local que promove as práticas de consumo comunitário, como a comercialização de produtos de pequenos fabricantes ou agricultores.

O Sarau das Américas:

[...] propõe um encontro para mostrar as várias facetas artísticas de imigrantes residentes na cidade de São Paulo. Por meio de distintas culturas que representamos. Histórias, canções e imagens de outras latitudes, contadas e cantadas nessa nova língua multicultural que nos abraça: elportunhol.²²

Com os Saraus, o coletivo busca atravessar fronteiras, como diz em sua descrição; nem a língua será barreira para a multiculturalidade que o coletivo propõe. Além do Sarau, o coletivo promove “cinemas”, sessões de filmes latinos, sempre acompanhados de uma discussão sobre o filme e suas relações com o cotidiano. O coletivo também participa de outros eventos relacionados à comunidade imigrante. Para seus integrantes, o Sarau das Américas é um movimento de resistência migrante, uma troca entre aqueles que estão vivendo em situação de fronteira, como se pode ver na fala de L.

Acho que a vibração da perseverança e da resistência que a gente vê muito por aqui também em vários movimentos. Então eu acho que o Sarau das Américas é mais esse movimento de resistência de nós imigrantes fora dos nossos países, né? A gente já carrega uma história nas costas e chega aqui, compartilha também a história que está vivendo, e isso poderia ser em qualquer lugar, como na Austrália ou África, mas a gente tá vivendo isso

²¹ Descrição disponível na página do coletivo no Facebook: https://www.facebook.com/pg/SarauDasAmericas/about/?ref=page_internal Acesso em: 30 de novembro de 2019.

²² Citação disponível na página do coletivo Sarau das Américas <http://saraudasamericas.com/> Acesso em: 30 de novembro de 2019.

também aqui. Então tudo se mistura e tem integrantes que são brasileiros também. Então tem muito uma troca entre nós sobre o que acontece nas fronteiras, e a gente vai caminhando por cada sítio, por cada lugar. (EP²³. Sarau das Américas, L. 18 abr. 2018)

A tabela 9 relaciona os integrantes entrevistados para esta pesquisa:

Tabela 9 - Integrantes entrevistados do Sarau das Américas

Integrante	Nacionalidade	Gênero	Perfil
D.	Cuba	Homem	Homem. Escritor, arte-educador, roteirista, produtor
L.	Venezuela	Mulher	Mulher. Advoga, ativista
S.	Cuba	Mulher	Mulher. Atriz, cantora, contadora de histórias

Visto Permanente

O coletivo Visto Permanente foi criado em 2015 com o objetivo de construir um acervo audiovisual sobre artistas imigrantes da cidade de São Paulo. Com a crescente manifestação da cena cultural imigrante, sua ação expandiu-se para outras áreas: exposições, debates, festivais, organização dos *Territórios Artísticos Imigrantes (TAI's)* e intervenções performáticas em espaços públicos. Busca reafirmar a presença do imigrante de duas formas. A primeira delas, pelo meio digital. Em seu portal, mapeia artistas imigrantes presentes na cidade de São Paulo, registrando e divulgando suas performances e fornecendo suas informações de contato. Desse modo, tem-se, ao mesmo tempo, um mapa cultural da cidade e um portfólio profissional dos artistas. A outra forma de reafirmar essa presença acontece mediante performances artísticas, que são vistas, pelo coletivo, como uma maneira de resistência migrante por meio da ocupação dos espaços físicos da cidade. Ocupar a cidade, inserindo, por intermédio da arte, a sua cultura no cotidiano da metrópole, é a forma de ressignificar espaços e lugares, como descrevem, em seu portal, na página intitulada *Paisagem*:

²³ EP: Entrevista em profundidade.

As comunidades imigrantes, muitas vezes, procuram espaços físicos onde se reconstróem algumas práticas tradicionais dos países de origem por meio da música, dança, culinária, artesanatos, entre outros. Estes espaços têm forte importância no processo de resistência à aculturação, na criação de novos imaginários nos quais a própria cultura se soma ao cotidiano da cidade, e pela força que proporciona o encontro social. As paisagens consolidam-se como lugares de troca cultural entre estrangeiros e locais, reafirmando a presença como algo fundamental dentro da criação do conceito de brasilidade. Lugares como Praça da Kantuta, Rua Coimbra, Galeria Presidente, bairro do Glicério, entre outros, são exemplos já consolidados de paisagens físicas e humanas que evidenciam transformações no tecido urbano da cidade, marcados por presenças plurais da população imigrante.²⁴

Os TAI's – Territórios Artísticos Imigrantes, são encontros que reúnem os artistas mapeados pelo coletivo e tem por objetivo discutir o lugar do imigrante na cidade de São Paulo, como um sujeito político e com direitos: “parece-nos fundamental propor espaços nos quais possa ser problematizado e debatido o lugar de imigrantes e refugiadas/os como sujeitos políticos e ativos, possuidores de direitos e capazes de produzir e recriar sua própria realidade, identidade e cultura.”²⁵ Com ações cotidianas, constroem suas lutas dentro de um contexto transfronteiriço de exclusão e estigma:

[...] eu acho que todo ato humano já é um ato político. Acho que, desde os primórdios do Visto, quando surge com a necessidade, com a premissa de dar visibilidade à questão e aos novos imigrantes que estão chegando, já é uma luta política, já é um fazer político. O fato de, no Brasil, só serem reconhecidos os imigrantes esbranquiçados, os alemães e os italianos, tentar fazer com que esses novos fluxos migratórios sejam reconhecidos como parte integrante da cidade de São Paulo e da cultura da cidade de São Paulo me parece que é um ato político. (EP. Visto Permanente, Dn. 13 mar. 2018).

Na tabela 10 é apresentado um breve perfil dos entrevistados do coletivo Visto Permanente.

Tabela 10 - Integrantes entrevistados do Visto Permanente

Integrante	Nacionalidade	Gênero	Perfil
A.	Venezuela	Mulher	Fotógrafa
Dn.	Colômbia	Mulher	Formada em Artes Cênicas, produtora cultural.
Dv.	Colômbia	Homem	Estudante Universitário

²⁴Citação disponível na página do coletivo Visto Permanente: <https://www.vistopermanente.com/paisagens.html> Acesso em: 30 de novembro de 2019.

²⁵ Citação disponível na página do coletivo Visto Permanente: <https://www.vistopermanente.com/tais.html> Acesso em: 30 de novembro de 2019.

Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas

O coletivo *Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas* é um coletivo de mulheres imigrantes latino-americanas e atua essencialmente nas questões de gênero que atravessam o cotidiano da mulher imigrante na cidade de São Paulo. Seu espaço de luta está fundamentalmente construído no que diz respeito ao lugar e à representação da mulher latino-americana no mundo globalizado. Em seu *site*, o coletivo define-se da seguinte forma:

A Equipe de Base Warmis, que faz parte do Organismo Internacional Convergência das Culturas, tem por missão facilitar e estimular o diálogo entre as culturas e denunciar e lutar contra toda forma de discriminação e todo tipo de violência, através da promoção e a proteção dos Direitos Humanos, do apoio à integração social e comunitária, da promoção da intermulticulturalidade na vida social, da promoção da Metodologia da Não Violência Ativa, promovendo ações para orientar mudanças positivas nos indivíduos e na sociedade.”²⁶

O coletivo possui um grupo musical chamado *Lakita's*, que o representa em eventos organizados pela comunidade imigrante e em manifestações organizadas por coletivos feministas. O principal instrumento do grupo *Lakita's* é o *Siku*, instrumento de sopro originário da região andina e que, tradicionalmente, era de uso exclusivo dos homens.

As lutas pelo comum são a bandeira mais destacada das Warmis. Suas atuações estão relacionadas, em grande parte, ao acesso da mulher imigrante à saúde pública e a questões relacionadas à maternidade, como, por exemplo, a campanha "No a la Violencia en el Parto", que reivindica, além da não violência obstétrica, o respeito às práticas tradicionais da cultura andina no momento do parto – como a presença de doulas e o parto natural – e a tradução dos materiais informativos relacionados à saúde distribuídos pelos órgãos estatais. J., uma das fundadoras do coletivo, relata como a experiência da maternidade foi crucial para a criação do grupo e como ela percebeu que suas dificuldades também eram as dificuldades de outras mulheres migrantes.

[...] depois de ser mãe, também aparece muito o tema de gênero, porque acho que, antes de ser mãe, eu não enxergava, sabes, a especificidade de ser mulher e todos os problemas que isso traz. Então o primeiro que se me *ocurrió* foi fazer um grupo, um coletivo, que foram As Mulheres Bolivianas, porque uma dificuldade que eu tinha era que as comunidades, até agora, são bem fechadas, sabes, cada comunidade fechada, e eu achei que seria mais fácil se fossem só bolivianas, entre Warmis. E teve um ato contra o estatuto do nascituro que várias amigas humanistas foram e eu fui com elas; uma bandeira boliviana e se acercou uma menina boliviana, a Pata, e ela se *sumó* a Warmis e com elas e outras irmãs, outras amigas brasileiras. Durante seis meses, fomos fazendo atividades com foco em mulheres bolivianas, só que, nesse transcurso, eu me dei conta que as mulheres bolivianas e as outras

²⁶ Citação disponível na página do coletivo Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas <http://www.warmis.org/quem-somos.html> Acesso em: 30 de novembro de 2019.

mulheres imigrantes *tenían* as mesmas dificuldades e que seria interessante abrir (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

A entrevista que será retratada neste trabalho é a de J, apresentada na tabela 11:

Tabela 11 - Integrante entrevistados do coletivo Warmis

Integrante	Nacionalidade	Gênero	Perfil
J.	Bolívia	Mulher	Ativista Humanista

Perfil dos entrevistados

Conforme já apresentado anteriormente, foram entrevistados 2 homens e 5 mulheres, todos eles provenientes de países da América Latina, Cuba, Venezuela, Bolívia e Colômbia. Em relação aos seus perfis, observa-se que em sua maioria, são jovens ligados a diferentes tipos de artes: fotografia, artes cênicas, escrita, música etc. Também, em alguns casos, perfis de jovens que se definem como ativistas ou ligados diretamente a um grupo específico de ativismo. Vale destacar que, no transcorrer das entrevistas, foi possível identificar que em sua maioria são jovens que tiveram acesso a educação institucionalizada, podendo ser alunos universitários, graduados ou pós-graduados.

Para Domeniconi (2018) o atual cenário econômico internacional, em consequência da expansão internacional do capital, revela a imigração de profissionais ou estudantes altamente qualificados. Além da expansão do capital, a autora atribui esse movimento as mudanças nas tecnologias da informação, comunicação e transporte e, tratando-se especificamente da imigração Sul-Sul, devido as transformações nas configurações geopolíticas da região. Face esse novo cenário descrito pela autora, cabe uma reflexão multidisciplinar desses processos migratórios para a compreensão do atual cenário da imigração Sul-Sul, na América Latina e, mais especificamente no que tange essa pesquisa, no Brasil.

1. FRONTEIRAS

As fronteiras são portas, portais, muros, barreiras e margens assim como entradas e saídas. Marcam os limites; são definidores e (re)definidores de identidades. Geossímbolos que demarcam Estado e território. As fronteiras separam, unem, delimitam, marcam a diferença e a igualdade, evidenciam mapas e geografias, muitas vezes excludentes e desiguais. Para muitos imigrantes, a vida se dá no espaço fronteiro, do *entre-deux* (Agier, 2015a): “nem aqui e nem lá”. As fronteiras também produzem novos espaços, inauguram novas relações, nas quais surgem processos de re-existência e lutas em busca de permanecer e pertencer (Belausteguigoitia, 2009, Valenzuela, 2014, Canclini 2014, Agier, 2015a). Este capítulo irá analisar as narrativas dos jovens dentro desse contexto fronteiro, proveniente da migração, que atravessa diferentes aspectos e situações de suas vidas cotidianas.

1.1. Transfronteiras na globalização.

Para entender como as fronteiras atuam e se configuram atualmente, em primeiro lugar é preciso compreender o contexto em que elas são construídas, ou seja, o mundo globalizado. A globalização tem como principais características seus rápidos fluxos de pessoas, imagens, textos ou sensações midiáticas, em que as pessoas se deslocam, as imagens circulam e estão em constante movimento, as experiências e os desejos são compartilhados, assim como são produzidas e recriadas as relações sociais, econômicas, culturais e interpessoais. Globalização refere-se, geralmente, a processos por meio dos quais economias e culturas em todas as partes do planeta se tornam cada vez mais ligadas e interdependentes. O termo globalização também descreve um aumento do comércio transnacional que, juntamente, com a adoção de políticas de livre mercado, em detrimento da proteção das economias locais ou nacionais, busca uma só economia capitalista mundial (Appadurai, 2014).

Outra característica da globalização é que os constantes fluxos e intercâmbios que ela produz - sejam de pessoas, sejam de dinheiro ou mercadorias - tornam anacrônicas as definições geográficas que caracterizam determinadas regiões ou países, como no caso das definições de centro e periferia ou de países do norte e do sul, países de primeiro e de terceiro mundo, países desenvolvidos e em desenvolvimento, etc., já que se referem a zonas geográficas físicas, e a globalização cria vínculos e alianças que ocorrem em esferas não geográficas, mas sociais, em uma escala mundial (Biron, 2009). Entretanto, apesar do conceito - ou da promessa - de um mundo mais conectado e de relações definidas que ultrapassam as definições geográficas, os processos da globalização estão intrinsicamente

ligados às disparidades estruturais de riqueza e poder; suas formas de operação são globais, abrangendo interesses de empresas transnacionais de desregulamentação dos mercados mundiais e do fluxo livre do capital, de tecnologias e da comunicação, transformando a antiga estrutura de Estado-nação (Hall, 2003).

A característica transnacional da globalização tem seu centro cultural em todo e em nenhum lugar. Com isso, a noção de identidade nacional fixa foi erodida pelos fluxos econômicos e comunicacionais, pelos deslocamentos de migrantes, exilados e turistas, bem como pelos repertórios de imagens e informações distribuídas por todo o planeta. Possuir uma identidade equivalia a ser parte de uma nação ou ser parte de uma “pátria grande” (latino-americana, por exemplo), uma entidade espacialmente delimitada, em que tudo aquilo que era compartilhado por seus habitantes - língua, objetos, costumes – marcaria diferenças nítidas em relação aos demais. Porém a transnacionalização da economia e da cultura tornou pouco verossímil esse modo de legitimá-la (Canclini, 2008. Hall, 2003). “Com a globalização, múltiplas identidades surgem para além do marco nacional e dão um caráter secundário à identidade coletiva nacional, tradicionalmente caracterizadora da cidadania.” (Kerbaux e Truzzi, 2007, pag. 4). Essa “descentralização” das identidades nacionais não significa perda de poder dos Estados-nação, mas que a cidadania passa a ter um caráter transnacional, com o qual se busca o reconhecimento dos direitos que permitem a participação política, social e cultural em comunidades, independentemente de ser nacional ou não.

Em contraponto aos traços de proximidade, conectividade e simultaneidade, que definem as relações, seja em âmbito global, nacional ou local, paradoxalmente, a globalização acentua, cada vez mais, o fortalecimento e a centralidade das fronteiras, sejam físicas ou simbólicas. Para Santos (2009), a globalização pode ter criado a ideia de uma identidade universalizada, porém as fronteiras nunca estiveram tão vivas:

Fala-se, também, de uma humanidade desterritorializada, uma de suas características sendo o desfalecimento das fronteiras como imperativo da globalização, e a essa ideia dever-se-ia uma outra: a da existência, já agora, de uma cidadania universal. De fato, as fronteiras mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro do território. A humanidade desterritorializada é apenas um mito. Por outro lado, o exercício da cidadania, mesmo se avança a noção de moralidade internacional, é, ainda, um fato que depende da presença e da ação dos Estados nacionais. (Milton Santos, 2009, Pág. 22)

As fronteiras definem a fundação de um grupo em seu meio social, de um lugar no espaço natural ou habitado e de uma narrativa na história. Estabelecem relações entre o que elas distinguem, permitindo e renovando a existência social dos seres, dos lugares, das comunidades. Entretanto, a globalização – com suas características econômicas, políticas e culturais – impõe duas faces contrárias uma à outra: a da translocalidade generalizada, em

que a transnacionalidade é apenas um aspecto; e a da multiplicação dos muros, cada vez mais endurecidos e violentos. A translocalidade parece fazer desaparecer as fronteiras, mas os muros tornam-nas cada vez mais evidentes. Logo, a fronteira, sua significação e seus usos são o objeto de um conflito, já que remetem à ideia de que as mercadorias, os capitais e as imagens circulam mais livremente que as pessoas (Agier, 2015a).

Nesse cenário, as fronteiras são sistemas de classificação e distinção, que produzem processos de inclusão e exclusão, empatia e hostilidade. “Fronteiras são o início e o fim, a continuidade e a ruptura, para dentro e para fora, certezas e ambiguidades, entre tempos, junções, disjunção, injunções e transgressões, limites e pontes que possuem dinâmica inclusiva e exclusiva.” (Valenzuela, 2014, pág. 17). É por essas ambiguidades dos processos da globalização que as fronteiras não podem escapar do prefixo *trans*, que as definem como um espaço *transitivo*, de *transbordo*, *transporte*, *transpasso* e *transações*. As transfronteiras nunca se esgotam; estão sempre em movimento e são construídas com a relação que cada um tem com o *outro*.

1.2. A relação com o *outro*.

[...] acho que foi difícil a adaptação porque eu não tinha ideia de que migrar implicava perda de direitos, que você não era mais um cidadão. Até agora eu não sinto que tenho uma cidadania plena. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

A fala de J., do coletivo Warmis, simboliza uma das contradições da globalização e evidencia uma de suas faces transfronteiriças. Em um mundo que busca, cada vez mais, estar conectado, que permite e promove a livre circulação de informações, dinheiro, mercadorias etc., imigrar ainda é sinônimo de perda de direitos e de uma cidadania tida como plena. Ou seja, perde-se, muitas vezes, o direito ao voto, ao acesso aos serviços públicos, como saúde, educação, moradia etc., principalmente aqueles que são considerados “ilegais”. O não reconhecimento do imigrante como um detentor de direitos, assim como, a falta de garantias de acesso a máquina pública no país em que escolheu viver, reforça a construção de sua *estrangeirização* e da consolidação de sua identidade marcada pela ideia de ser o *outro*.

Para Agier (2015a), tudo aquilo que aparentemente é estrangeiro constitui o sujeito *outro* e, segundo Vêras (2017), “como *outros*, ou minorias, os estrangeiros são vistos como *não nós*, em franca produção de alteridade”. A situação de fronteira ocorre em lugares, momentos ou experiências em que incide uma relação com o *outro*, um sujeito exterior que adentra um espaço que não lhe é familiar, tornando-se, assim, ele próprio, um não familiar, para aqueles que ali já estavam. Conforme Vêras (2017) o *outro* coloca a fronteira no centro da reflexão, permitindo que cada indivíduo se reconheça através da comparação. Essa

situação de fronteira cria uma diferenciação entre os que "são daqui" e os que "são de lá", entre os que possuem direitos e os que não os possuem. A cidade de São Paulo está repleta de *outros*, e as fronteiras que delimitam seu trânsito dentro da metrópole já fazem parte do imaginário popular:

A cidade de São Paulo está repleta de *outros*, são *muitos* e são *distintos* (múltiplas nacionalidades, religiões, crenças e, principalmente, fenótipos – negros, negras, indígenas, árabes). São esses imigrantes que circulam pela cidade atualmente: "os bolivianos que dominam o bairro do Brás"; "os africanos que vendem seus tecidos na praça da República"; "os haitianos que ocupam o bairro do Glicério"; "os palestinos que têm um comércio no bairro do Bixiga". Entende-se que essa estranheza em ver a circulação de corpos tão distintos está pautada em um imaginário tecido à luz das imigrações europeias para o Brasil no período pós-escravidão, uma imigração cunhada no embranquecimento do país e no apagamento da cultura africana e dos afrodescendentes (Paiva 2018, Pág. 120).

É nesse contexto da cidade que a juventude migrante se confronta com a construção da alteridade, da estrangeirização e busca, por meio da (re)existência, ressignificá-lo. Essa ressignificação é do *outro*, do migrante estigmatizado.

As transfronteiras são elementos de classificação social que recorrem a significados e significantes, que delimitam sistemas de pertencimento e exclusão ou de adscrição e diferenciação. Para tanto, utilizam-se de recursos que levam à distinção em âmbitos cotidianos e os incorporam como referências estruturais de diferença e desigualdade, como ocorre com os símbolos nacionais, a cor da pele, o sexo, o idioma, os símbolos religiosos ou a estética reconhecível. Dentre esses signos, o idioma foi uma dos que mais esteve presente nos relatos dos jovens entrevistados como um fator determinante de identificação como estrangeiro:

[...] o idioma por exemplo, é realçar isso e nossa condição de imigrante nesse país e marcar espaço, ocupar espaços, ocupar a praça, ocupar o bar, ocupar a biblioteca e falar que a gente está aqui sim, que somos daqui que somos diversos, que temos milhões de sotaques e que é possível falar portunhol e que a gente se entende, que somos mais irmãos do que a gente imagina... (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018)

Observa-se, no relato de S., que esse signo de identificação usado para marcar e fixar o *outro* é transformado em (re)existência pelos jovens do coletivo Sarau das Américas, tornando-se um instrumento de ocupação e de reivindicações de espaço, tanto físico como imaginado, com o objetivo de existir e re-existir. S. propõem que esse momento de encontro com o *outro* também seja um momento de reconhecimento das semelhanças. Para Valenzuela (2014), o reconhecimento das semelhanças, demonstra a dimensão conjuntiva das transfronteiras, no sentido, por exemplo, de que "*somos mais irmãos do que a gente imagina*". A conjunção alude à união de coisas diferentes; junta ou reúne partes, lugares,

subjetividades, pessoas que até então estavam separadas. As fronteiras possuem importantes traços conjuntivos na medida em que reúnem realidades diferentes. Para além da condição elementar de pensar o que ocorre nas margens fronteiriças, as fronteiras encarceram processos que correspondem a condições não fronteiriças que aí se encontram, articulam, dialogam ou interatuam. Sem embargo, a condição conjuntiva das fronteiras não se reduz a duas grandes realidades integradas, pois elas reúnem múltiplas realidades que definem sua condição diversa e heterogênea, incluindo a dimensão étnica de povos separados por fronteiras nacionais, que mantêm práticas comuns e relações socioculturais que enchem de sentido sua própria perspectiva sobre si mesmo. Assim como o coletivo Sarau das Américas propõe “abraçar o portunhol” como uma língua multicultural que une a América Latina, D., do Visto Permanente, fala da importância de não ser condicionado a disfarçar o sotaque para passar despercebido:

Bom, na época eu não entendia. Hoje eu entendo que uma das piras que eu tinha, chegando no Brasil, era tirar o meu sotaque; queria passar despercebido, queria ser neutralizado, mas hoje eu entendo que não faz sentido, porque esse meu sotaque conta a história de onde eu nasci, por onde eu passei. E eu estava querendo apagar parte dessa história e eu não preciso fazer isso. Então eu me afirmei no portunhol. Antes eu queria falar o português certinho, mas hoje eu acredito que o portunhol é uma *interlíngua* que ajuda nesse processo de passar de uma língua para outra. [...] porque, enquanto você não pegar o espanhol ou não pegar o português, você tem essa ferramenta que é uma ajuda (EP. Visto Permanente, D. 13 mar. 2018).

Esses jovens veem o idioma como instrumento de corpos que resistem à invisibilidade e à marginalização do *outro*, do estrangeiro. São jovens lutando para permanecer e pertencer sem apagar ou silenciar suas origens e trajetórias, propondo uma *interlíngua*, nas palavras de D., que permita o reconhecimento de similaridades de uma região (latino-americana) que sofre séculos de exploração e colonização e, atualmente, vive as consequências de políticas neocolonialistas e neoliberais. O portunhol - língua derivada do português e do espanhol, comumente utilizada por migrantes, turistas ou, até mesmo, por moradores de regiões em que o Brasil faz fronteira com países de língua espanhola - é um interstício cultural que se transformou em *habitus* transfronteiriço (Valenzuela, 2014). São processos inscritos em intersecções que definem aspectos específicos da vida transfronteiriça. Os interstícios culturais transformam-se em *habitus* transfronteiriços, conceito que alude a estruturas geradoras de práticas coletivas e sistemas de disposições duradoras, em que ocorrem processos de internalização de condições objetivas historicamente construídas. Pode-se considerar também um processo de hibridação cultural, já que é possível relacioná-lo ao *spanglish* - língua originada na comunidade latina dos Estados Unidos – utilizada como exemplo por Canclini (2015) para exemplificar um processo de hibridação cultural. A hibridação cultural ocorre quando estruturas ou práticas, que existiam de forma separada, se

combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas. A hibridação ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Frequentemente surge da criatividade individual ou coletiva na vida cotidiana. Para Hall (2003), o termo hibridismo é geralmente mal interpretado:

Hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da tradução. Essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial (Hall, 2003. Pág. 74).

Na fala de J., do coletivo Warmis, encontra-se outro aspecto da relação do imigrante com o idioma local:

[...] Quando eu cheguei aqui, foi bem difícil, porque eu não falava a língua. Fiquei seis meses sem falar com ninguém; só com o meu marido, que ele falava espanhol, e alguns amigos ou conhecidos do movimento humanista, que vários são iguais, argentinos, peruanos, né? (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Essa fronteira que o idioma impôs a J., levando a um isolamento forçado, transformou-se em inspiração para sua luta junto com as demais meninas do coletivo Warmis, que buscam promover o acesso, por meio de diferentes formas, para imigrantes de língua espanhola. Uma dessas ações, por exemplo, se consistiu na reivindicação da tradução dos materiais informativos distribuídos pelo Ministério da Saúde do Brasil, provendo o acesso a outros idiomas além do português. Porém, para J., a tradução foi uma conquista, entretanto, ainda não é o bastante. A falta de preparo do sistema de saúde brasileiro para atender imigrantes ocasiona uma série de problemas, gerando desinformação, exclusão e preconceito.

[...] o coletivo, por exemplo, produz materiais; nós traduzimos um material da violência obstétrica da defensoria de forma gratuita. Fizemos a tradução porque só tinha em português. Porque o imigrante, ele é invisível, realmente invisível. É impressionante, eu fico chocada. Fizemos um material sobre o pacto andino, para que as pessoas que trabalha com saúde compreendam um pouco melhor essas mulheres gestantes que chegam. Porque, aqui, por exemplo, você vai a tomar banho em seguida depois do parto; nas culturas andinas, você não toma banho em seguida. Isso é algo cultural, mas também é político, porque é um direito de você poder escolher, não ser forçada a fazer coisas que vão contra a tuas crenças, e, para nós, político, porque faz parte da construção de uma política pública *pero* uma política pública donde os imigrantes *tenemos* pouco incidência, porque não votamos. Então o que acontece é um favor para nós, porque *mientras* você não vota, *nadie* está muito interessado em construir políticas públicas de verdade para você (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Outra forma de (re)existência pela democratização do idioma promovida pelo coletivo são as oficinas de língua inglesa²⁷ para mulheres migrantes, com o objetivo de capacitá-las para o mercado de trabalho.

Os relatos de jovens apresentados até aqui demonstram que, ao explorar apenas um símbolo de diferenciação (Valenzuela, 2014) – o idioma –, pode-se perceber como a situação de fronteira atravessa diferentes aspectos da vida cotidiana, evidenciando a relação com o *outro*, a invisibilidade frente a políticas públicas, e para além disso, o desejo de lutar para permanecer e pertencer no novo país. Nas transfronteiras cotidianas, as juventudes imigrantes tecem novas narrativas e práticas político-culturais e buscam, por meio de lutas coletivas – repletas de solidariedade, afetos e (re)existência – suprir e ressignificar as ausências – de direitos básicos, de visibilidade, de representatividade, do que foi e ficou quando decidiram se deslocar. Suas experiências edificadas em suas trajetórias transformam-se em ações culturais que alimentam essas lutas, que são diversas e plurais.

Esses jovens vivem o que Agier (2015a) chama de *cosmopolitismo banal*, uma situação consequente das adequações diárias daqueles e daquelas que migram para o exterior e que vivem em situação de fronteira, confrontando-se com dificuldades relacionadas ao idioma e às maneiras de pensar e de agir, adaptando-se e transformando-se continuamente e mutuamente. As pessoas, portanto, em situação de deslocamento estão vivendo uma experiência mais universal, para além das categorias, apenas de classe e nacionalidade atualmente concernentes. Mesmo aqueles migrantes que vivem em situações marginalizadas antecipam a maneira de estar no mundo que a globalização tende a generalizar.

Nessa concepção, o cosmopolitismo não é monopólio de uma elite globalizada, bem ao contrário, é uma experiência da rugosidade do mundo para todos aqueles e aquelas que, por gosto, por necessidade ou por pressão, por desejo ou por hábito, serão levados a viver em vários lugares quase simultaneamente e, falta de ubiquidade, a viver cada mais na mobilidade, até mesmo no *entre-deux* (Agier, 2015a).

Essas juventudes migrantes criam o que Bhabha (1998) chama de "entre-lugares", que constituem terrenos para a elaboração de subjetividades – singulares ou coletivas – que dão início a novos símbolos de identidades e a lugares de inovações, colaborações e contestações no desejo de fazer valer a própria ideia de sociedade. Esse ambiente de "entre-lugares", de criação de novas subjetividades e de vidas que estão no "entre-deux" (Agier, 2015a), está

²⁷ Coletivos Warmis: Aulas de inglês para mulheres imigrantes e refugiadas <http://www.warmis.org/projetos/aulas-de-ingles-para-mulheres-imigrantes-e-refugiadas.html> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

presente fortemente nas falas do coletivo Sarau das Américas, tanto no relato de D., como no de S.

[...] essa é uma percepção do que está acontecendo. Nós estamos experienciando uma onda migratória em uma grande cidade e em uma cidade em que se recria os pensamentos, onde a cultura absorve tudo que acontece. E não sei se há uma consciência nossa de que é isso ou aquilo, mas há uma trajetória nossa de aproximar através das línguas, das diferenças das culturas e das pessoas que estão se aproximando e estão vindo morar e vão continuar no Brasil criando mil coisas. E, no meio de tudo isso, nós estamos fazendo um percurso, desdobrando e criando encontros, porque poderíamos estar em casa assistindo jogo do São Paulo, mas a gente está aqui... Mas o que quero dizer é isso: é um grupo permeado de várias coisas, mas que é uma conotação social que é itinerante e está buscando fluir. Tem dias que bomba ou não; como é autossustentável, tem dia que está bom, mas não posso parar de fazer tudo que estou fazendo e ir fazer cultura por amor al arte. Nestas nossas tentativas, a gente cria debates e encontros com consciência de existir (EP. Sarau das Américas, D. 18 abr. 2018).

E aí, quando junta esse monte de imigrantes que passa por situações iguais, surgem boas ideias, vontade de se ajudar. Por exemplo, por aqui, quando eu cheguei, não tinha lugar para “cenar” neste horário. Agora, olhando, tem uns três ou quatro. Então fazer parte desse movimento também serviu para que eu agora possa ouvir e ajudar outras pessoas, para dar alguma orientação sobre as dificuldades, e falar: calma, é bem difícil, mas é possível; acontece tudo isso mas dê um tempo, relaxa que vai rolar. E é interessantíssimo essa recepção também. (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018)

1.3. Estigma e preconceito

[...] Foi difícil porque ao vir de um país onde você tem 37 nações [Bolívia], um país plurinacional, venho aqui e eu, que nunca tinha sofrido discriminação racial, *empece a sufrirla*. Eu sempre brinco que eu me dei conta aqui de que eu era indígena, de que eu tenho traços indígenas, porque, na Bolívia, nunca tinha me acontecido isso. Então acho que isso foi difícil – o tema racial, o tema de língua, o tema de emprego, a dependência econômica, porque, se você não fala português, não consegue emprego (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

O trecho destacado da entrevista de J., do coletivo Warmis, mostra uma autopercepção que põe em evidência diversas significações de sua posição de estrangeira e uma identificação de caráter racial. Foi por meio da relação com o *outro*, nesse caso com os brasileiros, que J. “se deu conta” de seus traços indígenas e andinos, de sua identidade boliviana, tendo saído de um país plurinacional, que reconhece 37 nações dentro de seu território, e passando para o status de imigrante estrangeira, com todas as suas implicações, entre elas a xenofobia e o racismo. Essa discriminação está intrinsicamente ligada aos seus traços físicos de mulher indígena, de origem andina e de fala espanhola, que a diferencia e a estigmatiza. Podemos entender esse estranhamento de J., de se reconhecer como uma pessoa com traços indígenas, que a transforma em *outro* e que marginaliza na sociedade

Brasileira, se observarmos a constituição de seu país de origem. Para isso, destaca-se aqui os Artigos 1, 2, 3 e 5 da constituição do Estado Plurinacional de Bolívia:

Artigo 1. Bolívia se constitui em um Estado Social Unitário de Direito Comunitário Plurinacional, livre, independente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado e com autonomias. Bolívia se fundamenta na pluralidade e no pluralismo político, econômico, jurídico, cultural e linguístico, dentro do processo de integração do país.

Artigo 2. Dada a existência pré-colonial das nações e povos indígenas camponeses nativos e seu controle ancestral sobre seus territórios, sua autodeterminação é garantida no âmbito da unidade do Estado, que consiste em seu direito à autonomia, a autogoverno, e a sua cultura, ao reconhecimento das suas instituições e a consolidação dos seus entes territoriais, nos termos desta Constituição e da lei.

Artigo 3. A nação boliviana é formada pela totalidade de bolivianos e bolivianas, as nações e povos indígenas nativos originários camponeses e as comunidades interculturais e afro-bolivianas que em conjunto constituem o povo boliviano.

Artigo 5.

São idiomas oficiais do Estado o espanhol e todas as línguas de nações e povos indígenas nativos camponeses, que são o aymara, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasu'we, guarayu, itonama, leco, machajuyakallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quechua, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uru-chipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré e zamuco.

O governo plurinacional e os governos departamentais devem utilizar pelo menos duas línguas oficiais. Um deles deve ser espanhol, e o outro será decidido levando em consideração o uso, a conveniência, as circunstâncias, as necessidades e preferências da população em sua totalidade ou no território em questão. Os outros governos autônomos devem usar os idiomas próprios de seu território, e um deles deve ser o espanhol. (tradução livre do original por esse trabalho)²⁸

Para Hall (2000) as culturas nacionais, locais onde nascemos, constituem uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, muitas vezes, utilizamos a nossa nacionalidade como forma de identificação: somos brasileiros, somos inglês, somos bolivianos. Porém, ao fazermos isso estamos falando de forma metafórica, já que essa identidade não está impressa em nossos genes, entretanto, ela é pensada como sendo algo de nossa natureza essencial. A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentido. As culturas nacionais, ao produzirem sentido sobre o conceito de nação, sentido com os quais é possível se identificar, constroem identidades. É esse processo de construção de identidades que vemos acontecer com a constituição de um Estado Plurinacional, a partir do ano 2009, na Bolívia. Em um país predominantemente indígena, há um processo de reconhecimento e integrações das nações e povos originários pré-coloniais,

²⁸ Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, de janeiro de 2009. Disponível em <https://ftierra.org/index.php/component/attachments/download/6> Acesso em 15 de março de 2021.

dando-lhes autonomia e reconhecendo a pluralidade dessas nações e povos originais, integrando-os, formando assim um estado moderno que abrange a todos. Essa integração e reconhecimento deixa pouco espaço para o estranhamento do *outro*, já que a identidade nacional, conforme define Hall (2000), já é uma identidade que reconhece a todos como bolivianos, mas preserva suas diferenças enquanto nações e povos autônomos.

Para Soares (2009), o estigma é uma marca visível, que isola e, ao mesmo tempo, reúne possuidores do mesmo atributo. Os estigmas estão na base dos preconceitos, operando como um julgamento prévio de um grupo ou indivíduo. Os estigmas são fruto de uma construção estereotipada do imigrante, que diferencia aqueles aceitos e bem-vindos dos que não o são. Segundo Tijoux (2014), a construção estereotipada do imigrante é o resultado de um imaginário de herança colonial – fruto da constituição dos Estados-nação latino-americanos, que buscou o progresso espelhando-se no europeu e excluindo o indígena e o negro – que perpassou os tempos e continua até hoje. Esse processo, no Brasil, ocorreu, em grande parte, devido às imigrações europeias estimuladas pelo governo brasileiro, após o fim da escravidão. Esse foi um plano nacional de embranquecimento da população do país, criando, assim, o imaginário do imigrante ideal – branco de origem europeia – e racializando e estereotipando, assim, aqueles que não se encaixam no perfil desejado, como os negros, os indígenas e todos aqueles que carregam em si marcas dessas miscigenações.

O estereótipo é um conceito arraigado na linguagem cotidiana; uma representação coletiva simplista, mas que se torna aplicável a indivíduos e a grupos determinados; uma crença, exagerada, associada a uma categoria que facilita nomear e que é associada diretamente a um grupo de pessoas, a fim de generalizá-lo (Tijoux, 2014). Os estereótipos são uma espécie de clichê, um lugar-comum, que são utilizados sem serem questionados sobre suas origens. Por meio do estereótipo, as pessoas são encaixadas em uma forma pronta e categorizados em um lugar.

Por outro lado, o estigma é algo que o estigmatizado evoca em relação ao outro, alguma marca que ele possui e faz com que o outro o estigmatize devido ao conjunto dessas marcas, sustentando assim, o estereótipo e o preconceito. Para que os estigmas sociais operem, seja em relação a um grupo ou a um indivíduo, é necessário que o estigmatizado esteja em um lugar que, supostamente, não lhe pertence e/ ou no qual não deveria estar. Com isso, chega-se aos atos cotidianos de discriminação, que promovem isolamento e segregam aqueles que carregam estigmas de sua condição, privando-os de diferentes formas do convívio social. É das relações de discriminação, exclusão e dominação que se constituem as minorias. Desse modo, vale ressaltar que as minorias não se dão em termos numéricos, isto é, em termos quantificáveis, se dão, entretanto, em termos de poder, uma vez que, as relações de dominação que os submetem são mantidas por uma maioria supostamente detentora de maior poder (Soares, 2009).

Nas ações cotidianas pode-se ver como o estigma e o preconceito operam, como elucida o relato de J., o preconceito atravessa as vidas não apenas daqueles que carregam a condição de imigrante, mas também daqueles são herdeiros de traços e símbolos estigmatizados, já que, mesmo seu filho sendo brasileiro, acaba sofrendo os mesmos preconceitos frutos de seu fenótipo andino:

[...] por exemplo, uma anedota: os quéchuas utilizam cabelos compridos (os homens) e, aqui, em São Paulo, os jovens equatorianos, especialmente, sofrem muita discriminação. Meu filho, que tem 4 anos, sofreu discriminação na escolinha por ter cabelo comprido, e foi superdifícil. Eu fiquei falando com outras mulheres, com educadoras, para tentar entender o que se podia fazer. Aí claro, óbvio, não tem uma formação continuada, as professoras não têm ferramentas, é bem complexo. São mal pagas, muitas vezes não têm sensibilidade nenhuma, porque muitas são racistas, são discriminadoras, mas você encontra de tudo, encontra pessoas maravilhosas e pessoas que não são (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Hall (2003) distingue conceitualmente as categorias raça e etnia. Para o autor, *raça* é uma construção política e social, uma categoria discursiva que organiza o sistema de exploração e exclusão. Utiliza-se de justificativas e de termos de distinções genéticas e biológicas - ou seja, tidas como "naturais" - para sustentar as exclusões sociais e culturais que opera. A naturalização busca transformar a diferença racial em algo fixo e científico, que não responde a nenhuma mudança social reformista. Nesse aspecto, segundo o autor, o racismo compartilha com o sexismo e com o antissemitismo, o preconceito ancorado em questões biológicas. Como as diferenças genéticas não são facilmente identificadas, elas são materializadas em características físicas visíveis, facilmente reconhecíveis, como, por exemplo, a cor de pele, as características do cabelo, as feições do rosto etc., que são utilizadas como instrumento de estigma e, conseqüentemente, de preconceito nas situações cotidianas, assim como narrado por J. no relato acima.

A *etnia*, para Hall (2003), funda-se sob características culturais e religiosas. Da mesma forma como o racismo privilegia marcadores de estigmas, como a cor da pele, os estigmatizados por razões étnicas, por serem culturalmente diferentes, são também caracterizados por marcas físicas, porém não tão visíveis como os dos negros.

O referente biológico nunca opera isoladamente, porém nunca está ausente, ocorrendo de forma mais indireta nos discursos de etnia. Quanto maior a relevância da "etnicidade", mais as suas características são representadas como relativamente fixas, inerentes ao grupo, transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e a educação, mas também pela herança biológica, inscrita no corpo e estabilizada, sobretudo, pelo parentesco e pelas regras do matrimônio endógamo, que garantem ao grupo étnico a manutenção de sua "pureza" genética e, portanto, cultura. (pág.70)

Hall distingue analiticamente os conceitos de etnicidade e raça, considerando que, entre essas duas categorias, existem semelhanças e sobreposições. De forma geral, para o autor, a etnicidade é um conceito que está associado a traços sociais de um determinado grupo de pessoas, enquanto a raça tem sido relacionada com a discriminação, tomando características baseadas em uma biologia eugenista. No caso dos imigrantes latino-americanos, os preconceitos perpassam as duas características; são ancorados nos estigmas de seus corpos, cor de pele, cabelo, idioma, etc. e relacionados com os seus locais de origem que são, por vezes, determinantes nas estruturas sociais na sociedade, criando assim conceitos de imigrantes desejáveis e indesejáveis. Nos relatos dos jovens, observou-se que, a discriminação fundada na etnicidade e na raça está associada, principalmente, com os traços indígenas, não sendo relatada por jovens imigrantes que não a possuem.

Essas marcas de estigma foram instrumentos impulsionadores da violência verbal sofrida por J., do coletivo Warmis. Ela relatou - em um evento ocorrido no Museu da Imigração, que teve como objetivo o lançamento de um livro, e do qual ela participou na mesa de debates - que, pouco dias depois das eleições presidenciais do Brasil, em 2018, que definiram como presidente Jair Bolsonaro, ouviu, de forma agressiva, no transporte público em São Paulo, que seu espaço no país tinha acabado com o novo presidente, que era preciso voltar para o seu país de origem. Conforme suas palavras: “[com a eleição] *não teria mais espaço para ela, que agora, com o novo presidente, ela teria que voltar para o país de origem e parar de tirar as oportunidades que pertencem ao brasileiro.*”

Esses tipos de agressões já preocupavam o coletivo Warmis antes das eleições, o que levou suas integrantes a organizarem encontros com imigrantes para discutir quais seriam as estratégias de resistência a serem adotadas com a possível eleição de Jair Bolsonaro como presidente, tendo em vista que esses discursos e agressões xenofóbicos já eram percebidos e sofridos de forma mais recorrente por outras integrantes dos coletivos, com a ascensão do então candidato à presidência. Esse medo justifica-se – e essas agressões se sustentam - pelas próprias falas do atual presidente, como, por exemplo, em 2015, quando o então Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro, chamou os imigrantes refugiados de “*escória do mundo*”, ou em 2018, quando já era candidato a presidência da república e deixou claro que sua política de governo em relação à imigração não teria “*fronteiras abertas*”:

Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do

mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver. ²⁹

O Brasil não pode ser um país de fronteiras abertas. A questão de acolhimento de venezuelanos é uma coisa. Acredito que você poderia buscar a ONU para que crie campos de refugiados para atenuar esse problema deles e da população, não só de Boa Vista como de Pacaraima — disse o candidato em entrevista coletiva em São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. ³⁰

As comunidades imigrantes são comunidades étnicas minoritárias, seus integrantes não são considerados atores integrados à sociedade de forma a se tornarem sujeitos oficiais de direitos e suas cidadanias são negadas constantemente. Sua condição é agravada diante de um rechaço não só da sociedade civil, mas também de um discurso de autoridades oficiais, que nega sua presença, estabelecendo uma política de fronteiras fechadas e estimulando, por meio de discurso de ódio, a sua discriminação. Pode-se afirmar, entretanto, que essas atitudes xenofóbicas, assim como, o fechamento das fronteiras não ocorre com todos os imigrantes, mas com aqueles que trazem marcas ou estigmas diferentes das características do imigrante desejado, como já citado nessa investigação. Nesse sentido, refere-se ao desejado e estimulado imigrante europeu que veio para o Brasil com o objetivo de branqueamento da população após o período de escravidão, mas que permanece sendo um até os dias atuais um imigrante visto como ideal.

Mbembe (2015) afirma que, que na cultura ocidental, desde muito tempo, recusa a existência do “eu” que não o seu, principalmente se tratando do continente africano e dos outros “mundos não europeus”. Cada vez que se trata de povos diferentes pela raça, pela língua ou pela cultura, por exemplo, a ideia de que todos temos concretamente a mesma carne, torna-se problemática. Para o autor: O reconhecimento teórico e prático do corpo e da carne do “estrangeiro” enquanto carne e corpo semelhantes ao meu, e resumo, a ideia de uma natureza humana comum, de uma humanidade com os outros, por muito tempo criou e continua criando problemas para a consciência ocidental (Mbembe, 2015, pág. 369)

Para além dos estigmas impressos nos corpos imigrantes, outras forças de discriminação são fundadas em suas origens sociais ou de localização, como, por exemplo, a nacionalidade. Essa identificação de um imigrante ou um grupo com um local específico também é traço fundante de estereótipos, como relata D., do coletivo Visto Permanente:

²⁹ Bolsonaro chama refugiados de escória do mundo. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/> Acesso em 16 de janeiro de 2020.

³⁰ Bolsonaro quer criar campos de refugiados para venezuelanos <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-quer-criar-campos-de-refugiados-para-venezuelanos-23009362> Acesso em 16 de janeiro de 2020.

[...] Pra mim, desde as conversas para começar a escrever o projeto, essa ideia totalmente intrínseca à questão política e à questão de militar por um espaço dentro da cidade através da arte, do audiovisual e dos encontros para reconhecimento dos imigrantes. E pode ser um papo muito manjado, mas também para que se desestigmatize essa visão que há dos imigrantes, que mesmo tendo esse *boom* de imigração muito forte em São Paulo (não falo do Brasil, porque não conheço), ainda tem muita xenofobia, ainda tem muito preconceito, não só da língua e das piadas infames, como ‘o pessoal do Haiti é o negro que veio roubar’, ‘o boliviano veio roubar nosso trabalho’, o outro para traficar, ‘a colombiana trouxe pó’, coisas que, em pleno 2018, ainda não mudaram (EP. D., Visto Permanente, D. 13 mar. 2018).

“O haitiano que é negro e veio para roubar”, “o boliviano que veio roubar nosso trabalho”, “a colombiana que traz pó”, são marcas dessas discriminações e que insistem em manter-se no imaginário de muitos brasileiros. Retomando a ideia de Soares (2009) de que os estereótipos são um lugar comum, um clichê, impregnado em uma sociedade, é possível observar a perspectiva conceitual caminhando lado a lado com a realidade desses jovens imigrantes. No trecho da fala de D., revela-se a discriminação baseada - embora não apenas nos locais de origem dos imigrantes, nesse caso, relacionada com a nacionalidade desses sujeitos, que carrega em si, estereótipos, também, próprios.

O imaginário que permeia a ideia, por exemplo, de que o boliviano veio “tomar o emprego dos brasileiros” repete-se tanto na agressão sofrida e relatada por J. como no contexto citado na fala de D. “O haitiano que é negro e veio para roubar”, remonta claramente a face do racismo, pois manifesta-se associada, não apenas à localização geográfica desse imigrante, mas também marca sua cor da pele e criminaliza de antemão o imigrante. Criminalização também sofrida pelos imigrantes colombianos, que acabam sendo associados, por generalização, ao tráfico de drogas.

Essa juventude que vive na fronteira construída pelo preconceito busca derrubá-la com seus corpos ocupando espaços não esperados, não estigmatizados - como o espaço da arte -, criados por meio de seus coletivos político-culturais. Como disse D., esses jovens buscam “militar por um espaço dentro da cidade através da arte, do audiovisual e dos encontros para reconhecimento dos imigrantes”, espaço que não os estigmatize enquanto imigrantes. Eles querem ser assimilados pela cidade para além dos espaços, físicos e simbólicos já preestabelecidos pelos estereótipos que carregam.

2. NARRATIVAS IMIGRANTES

Este capítulo protagonizará as vozes dos jovens com o propósito de construir os seus processos migratórios, e consequentemente, tecer suas narrativas. Segundo Osman (2018) as pesquisas que ligam narrativas orais e migração destacam a importância da experiência subjetiva na mudança de um lugar a outro. Porém, segundo o autor, os estudos deveriam ir além da experiência da mudança de lugar, que, embora de relevante importância, não abarca outras questões da experiência migratória, como os conflitos decorrentes do encontro com novos padrões culturais, a necessidade de adaptação, reinserção e inserção a uma nova sociedade. O autor completa:

Outra importante abordagem permitida pela história oral nos estudos da migração refere-se aos imaginários culturais transportados pelos migrantes em seus deslocamentos e estabelecimentos em diferentes lugares, do ponto de vista da construção de uma imagem, idealizada ou concretizada, dessas diferentes culturas, da dinâmica do retorno como o mito de reencontro com a pátria idealizada. (Pág. 339)

Segundo Todorov (2006) os relatos particulares de viagem podem ocupar todas as posições imagináveis de uma narrativa, que vai do puramente exterior ao puramente interior. É essa relação entre o que o interior e o exterior, que se pretende destacar nas narrativas dos jovens imigrantes. O autor complementa, no trecho a seguir, que viagem é o deslocamento no espaço, e deslocamento no espaço indica mudança física, que, invariavelmente, implica em mudança interior:

O que não é uma viagem? Por menos que se dê um sentido figurado a esse termo – e jamais pudemos deixar de fazê-lo – a viagem coincide com a vida, nem mais, nem menos: o que é esta, além de uma passagem do nascimento à morte? O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz, diz mudança. O relato também se alimenta da mudança; nesse sentido, viagem e relato aplicam-se mutuamente. A viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior; tudo é viagem, mas trata-se de um tudo sem identidade. A viagem transcende todas as categorias, incluindo a da mudança, do mesmo e do outro, pois desde a mais remota Antiguidade são acumuladas viagens de descobrimento, explorações do desconhecido, e viagens de regresso, reapropriação do familiar: os argonautas são grandes viajantes, mas Ulisses também o é. (Pág. 231)

Quando Levi-Strauss (1957) fala sobre suas experiências de viagem ao Brasil, que resultou no livro *Triste Trópicos*, define a preferência por narrativas de viagem da seguinte forma: “Compreendo então a paixão, a loucura, o engano das narrativas de viagem. Elas trazem a ilusão do que não mais existe e deveria ainda existir, para que escapemos à esmagadora evidência de que 20.000 anos de história se passaram.” Para o autor, os relatos

de viagem guardam as ilusões do desconhecido e o olhar exterior que contrasta com o que já conhecemos.

É com essa premissa de Levi-Strauss, das ilusões da viagem – nesse caso migratórias – e o olhar exterior, que serão apresentadas as narrativas dos jovens entrevistados nessa pesquisa. Serão destacados três momentos da migração: primeiro, a saída do seu país e a escolha do destino, com seus anseios, expectativas e realidades; segundo, a viagem de imigração e a acolhida no Brasil; e terceiro, o processo de instalação e integração no destino final.

2.1. A saída e a escolha do destino

[...] A primeira vez que caminhei por Copacabana, pra mim foi muito importante porque toda a vida que eu via novela eu falava um dia vou fazer, e eu estou aqui no Brasil porque sempre quis conhecer o Brasil, e no fundo acho que tem a ver com isso, a gente quer, visualiza e vai e eu queria! Mas quando eu caminhei por Copacabana não foi como eu imaginei quando eu via as novelas. (EP. Sarau das Américas, L. 18 abr. 2018)

[...] Para mim foi divertido, quando eu fui lá em Copacabana me diverti muito, acho que tive mais essa sensação com minha mãe, pois minha mãe esteve uma vez aqui e a gente foi ao Rio e quando passamos por Copacabana ela “flipou”. (EP. Sarau das Américas, D. 18 abr. 2018)

Elegeu-se a fala de L. e D., do Sarau das Américas, para iniciar este item porque ilustram como uma mesma experiência pode ser diversa em comparação com o que será apresentado na sequência. A viagem da imigração começa, muitas vezes, antes mesmo dos processos burocráticos de saída do país. A escolha do destino, pode ocorrer de forma racional, mas também estar cheia de subjetividades, de sonhos antigos, de imaginários em relação ao futuro, que poderão ser concretizados ou não.

A decisão de migrar, assim como a escolha do destino, pode ser consequência de outras escolhas. Como no caso de J., do coletivo Warmis, que apesar da imigração estar ligada diretamente a sua história de vida e de lutas, foi consequência de um casamento com um brasileiro:

[...] Sou boliviana, eu vim pro Brasil porque eu casei com um brasileiro e eu também sou parte do movimento humanista e então quando eu vim, eu vim dentro de um contexto de um projeto maior. Me casei com um humanista também que era ativista, então fazia sentido pra mim mudar de país *aunque* não conhecia nada de Brasil, só o que a televisão mostrava. Aí quando chego no Brasil eu já tinha uma trajetória de ter feito coisas de ativismo com filhos de imigrantes na Bolívia, porque a minha cidade ainda tem um fenômeno muito grande de imigração para a Espanha e as mulheres são as que migram e deixam os filhos e minha mãe também foi uma imigrante, minha tia, minha irmã, muita parte de minha família e eu fiquei cuidando de *mis* três, quatro

irmãos mais novos e uma coisa que *empecé* a ver era que as mães mandavam dinheiro e os jovens tinham dinheiro mas não tinham um núcleo familiar então muita gang, muita bebida, drogas e aí comecei nas escolas, como humanista. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Na fala de J., destaca-se como a imigração atravessou vários aspectos de sua vida, mesmo muito antes dela sair da Bolívia. J. viveu uma face da imigração diferente dos relatos que encontramos nessa pesquisa, ela viveu a realidade de quem fica. Além disso, uma realidade muito específica da comunidade que estava inserida, onde as mulheres bolivianas imigravam para Espanha, sozinhas, deixando filhos e demais familiares, em busca unicamente de oportunidades profissionais. A imigração em si não era o objetivo final, mas um meio de promover uma nova realidade para os que ficam. O que se difere das narrativas dos jovens, que vem na imigração em si novos começos. Segundo Buriticá (2017), a significativa presença de mulheres na imigração latino-americana para a Espanha revelou mudanças estruturais e simbólicas nas relações de geracionais no interior das famílias latino-americanas, assim como as relações de gênero. O protagonismo das mulheres nesses movimentos migratórios, fez com que crianças e jovens fossem atores fundamentais no processo de migração. A autora já tinha destacado em seu trabalho que, assim como na Bolívia – relatado por J. –, essa imigração feminina individual, provoca o discurso de ser causadora de “desintegração familiar” e “disfunções” dos jovens (filhos) que ficam:

Na Colômbia, por exemplo, o discurso estava endereçado a destacar que a migração das mulheres provoca a “desintegração familiar” e “disfunções” (gravidez adolescente, baixo rendimento escolar e violência de gangues juvenis) nas famílias migrantes, pelo abandono das mulheres a seus filhos e filhas. [tradução livre] (Pág. 9)

Outro aspecto a ser pontuado é o seu envolvimento com coletivos de filhos de imigrantes já na Bolívia. Ao chegar no Brasil e organizar o coletivo Warmis, ela já traz uma bagagem de uma luta organizada relacionada com imigração. Se na Bolívia as suas ações eram para os filhos que ficavam sem o núcleo familiar, como ela fala, aqui no Brasil o seu foco está no outro lado. Suas lutas, e das demais mulheres do coletivo Warmis, estão focadas, em sua grande maioria nas dificuldades da mulher imigrante, e principalmente a mulher latino-americana, com destaque a mulher andina. Nota-se esse cuidado com a mulher que imigra, de quem já vivenciou os dois lados, nas ações promovidas por seu coletivo como, por exemplo, nos projetos de *Campanha a Não-Violência no Parto*³¹, *Projeto de Saúde da Mulher*

³¹ CAMPANHA NO A LA VIOLENCIA EN EL PARTO. Disponível em <http://www.warmis.org/projetos/no-a-la-violencia-en-el-parto.html> Acesso em 05 de outubro de 2020.

*Migrante Latino-Americana em São Paulo*³² e *Aulas de Inglês para Mulheres Imigrantes e Refugiadas*.³³

[...] depois de ser mãe também aparece muito o tema de gênero, porque acho que antes de ser mãe eu não enxergava, sabes, a especificidade de ser mulher e todos os problemas que isso traz. Então o primeiro que se me *ocurrió* foi fazer um grupo, um coletivo, que foram As Mulheres Bolivianas, porque uma dificuldade que eu tinha era que as comunidades, até agora, são bem fechadas, sabes, cada comunidade fechada e eu achei que seria mais fácil se fossem só bolivianas, entre Warmis, e teve um ato contra o estatuto do nascituro que várias amigas humanistas foram e eu fui com elas, uma bandeira boliviana e se acercou uma menina boliviana, a P., e ela se *sumó* a Warmis e com elas e outras irmãs, outras amigas brasileiras, durante seis meses fomos fazendo atividades com foco em mulheres bolivianas, só que nesse transcurso eu me dei conta que as mulheres bolivianas e as outras mulheres imigrantes *tenían* as mesmas dificuldades e que seria interessante abrir. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Para além de suas experiências pessoais, J. relata que a criação do coletivo ocorre com o encontro com outras mulheres imigrantes, no início bolivianas e depois expandindo para outras nacionalidades porque, como ela observou, assim como as demais criadoras do coletivo, as dificuldades das mulheres que imigram, nesse caso específico, mulheres latino-americanas para a cidade de São Paulo, estão relacionados.

A questão da imigração atrelada a um relacionamento não foi um relato exclusivo de J., L. também teve as suas escolhas enquanto a imigração atravessada a relacionamento e, também, neste caso, por razões de profissionais:

[...] eu vim para fazer um espetáculo de rua, que era algo que já trabalhava em Cuba, mas quando eu vim já namorava com uma pessoa daqui e aí casamos e eu fiquei por aqui, enfim, toda aquela coisa de ser imigrante que é por vezes um pouco difícil, então eu acho que o bom do sarau é isso também, pois é um encontro para tirar dúvidas, para se conhecer, para entrelaçar experiências de vida e de cultura. (EP. Sarau das Américas, L. 18 abr. 2018)

Na fala de L. além da questão de o porquê migrar, vemos as dificuldades que ela encontrou como imigrante e o papel importante que o coletivo Sarau das Américas desempenhou como um ponto de apoio, seja para tirar dúvidas em relação a vida cotidiana de ser imigrante no Brasil, como também, um espaço para “entrelaçar experiências de vida e de cultura.”

³² Projeto de saúde da mulher migrante latino-americana em São Paulo. Disponível em <http://www.warmis.org/projetos/saude-da-mulher-migrante.html> Acesso em 05 de outubro de 2020.

³³ Aulas de inglês para mulheres imigrantes e refugiadas. Disponível em <http://www.warmis.org/projetos/aulas-de-ingles-para-mulheres-imigrantes-e-refugiadas.html>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

Já nos relatos de A. e de Dn. do coletivo, do coletivo Visto Permanente, vemos outra realidade migratória, aquela onde há o deslocamento de uma família inteira ou um grupo, podendo ser consequência de decisões coletivas ou individuais, mas que invariavelmente afetará a vida de todo o núcleo envolvido:

[...] eu sou da Venezuela, vim com a minha família então em um processo que é bastante diferente, porque tem muita gente que vem sozinha, enfim com parceiros, eu tive a sorte de vir com a minha família e que foi uma oportunidade pela qual eu sou muito grata. Já fui imigrante sozinha também, quer dizer sem minha família, e são relações bem diferentes, mas acho que é isso. [...] [viemos] eu, duas irmãs e meus pais. Eu sinto que tenho um ponto fixo, uma raiz, uma certeza dentro de tantas incertezas, toda minha família como imigrante enfrentamos uma série de dificuldades e isso é uma coisa que esgota muito mesmo, hoje a gente teve um dia de tentar resolver várias burocracias para fazer a MEI, por exemplo, eu e o D. estamos a dias tentando tirar esse documento e tudo é um entrave, não conseguimos tirar porque não temos título de eleitor, então tem outro monte de burocracias por conta disso. Enfim dá para fazer de outro jeito, mas é bem mais trabalhoso, e isso é um detalhe, então é tudo muito chato e esgota muito todos os dias e eu acho que conversar sobre isso com pessoas que são muito próximas, como a nossa família, deixa a coisa mais leve porque você libera um monte de coisa. Quando eu cheguei aqui eu não conhecia ninguém, mas tinha a minha família, então a gente podia xingar o Brasil juntos e era muito bom, não dá para falar mal do Brasil com os brasileiros quando eu cheguei aqui eu sentia que não havia essa possibilidade agora eu sei que posso falar mal com brasileiros também. (EP. A., Visto Permanente, 13 mar. 2018).

Baseado em suas experiências anteriores, para A. imigrar acompanhada é algo que facilita o processo, já que assim terá “um ponto fixo”, um local onde se sentirá segura e acolhida em meio as complexas dinâmicas que é ser um imigrante, vivendo uma nova realidade e buscando constantemente se inserir e ser aceito em uma nova sociedade. Esse ponto fixo, que é a família para A, é similar ao papel que o coletivo Sarau das Américas exerce na vida de L., relatado anteriormente. Percebe-se, portanto, que apesar desses jovens estarem experimentando uma vida em trânsito, um *estar-no-mundo* (Agier, 2015a) próprio da globalização, que desloca e realoca constantemente as fronteiras, eles buscam uma referência, um ponto de ajuda e afeto, para transformar esse processo mais fácil.

Assim como A, a família de Dn imigrou junto, porém, neste caso, buscando no Brasil um local de segurança para fugir das perseguições políticas e dos conflitos armados em seu país de origem, a Colômbia:

[...] eu vim com meu pequeno núcleo: meus pais e minhas três irmãs, diferente da A. eu não vim por opção, toda minha família é refugiada política, então a gente veio porque tinha que vir, mas vim com eles e acho que isso é sim um privilégio, claro que foi um choque pra mim, foi bastante difícil a adaptação, é complicado uma imigração forçada e outra por vontade, mas claro que também é complicado, eu fui para Argentina também por opção e foi bem difícil também, a cultura é diferente, as pessoas são diferentes, o jeito é outro, mas enfim, foi bem chato, mas vim com eles e não sei se é algo de

latino ou o que, mas estar com a família é algo muito legal e ainda assim acho que me sinto mais a vontade quando migro para países dentro da América Latina, porque o Brasil eu entendo como sendo um país latino americano, mas como ele mesmo se segrega, ainda me sinto um pouco mais acolhida em outros países de fala espanhola ou andina do que no próprio Brasil, porque não é só o idioma que segrega e que causa esse distanciamento, mas bom vim com minha família e isso foi uma coisa bem boa. (EP. Dn., Visto Permanente, 13 mar. 2018).

Percebe-se na fala de Dn. as dificuldades e o sofrimento de uma imigração forçada, aquela onde não há escolha, que são decididas exclusivamente por outras pessoas ou fatores externos, além do mais, aquelas que são movidas pela violência, que desaloçam e transformam as vidas, não apenas daqueles envolvidos nos conflitos, mas de toda uma comunidade:

[...] a história que eu sei e que meus pais vem tecendo para mim, e que eu também sigo retalhando com os pedacinhos que vou pegando, e que construí para mim, que agora estou com vinte e oito anos, é porque a gente morava... Enfim, meus pais sempre foram agentes sociais, então eles trabalhavam em uma região na cordilheira ocidental em uma região de conflito armado – ou zona vermelha, como a gente costuma falar – e eles trabalhavam em uma reserva indígena na área pedagógica e na área social, era uma zona de conflito nos anos de 2011 e 2012 e havia conflitos entre os paramilitares e os guerrilheiros. Bom, parece meio óbvio essa informação sobre o meu país, essa região era muito complicada, então meus pais desenvolviam esse trabalho com as lideranças indígenas, não como salvadores da pátria, nem como os brancos que tomam tudo, mas sim de tentar fornecer ferramentas para que eles mesmos lutarem pelos direitos que eles têm e, obviamente, que ninguém gosta disso. Então entendo eu que houve uma ameaça por uma das partes que no caso foi a guerrilha, então conseguiram entrar em um acordo que eles queria respeitar o trabalho que meus pais realizavam e depois quem ameaçou foram os paramilitares, que são as autodefesas e com eles não teve acordo, inclusive porque julgaram que meus pais eram de algum bando já que tinham feito acordo com os guerrilheiros, então teve uma ameaça, nós fomos morar com minha avó ficamos seis meses e depois retornamos quando as coisas estavam mais calmas, aí surgiram novas ameaças e não aconteceu nada. Depois minha tia deu uma passagem de presente para minha mãe vir ao Brasil, porque não se viam há muitos anos e ela veio, e nesse interim todo que ela veio pra cá, meio pai foi ameaçado novamente e estava sozinho com a gente, então nós ficamos viajando de cidade em cidade e ficamos nas casas das pessoas em várias regiões da Colômbia até que eles decidiram que precisavam sair porque depois de tantos avisos eles já sabiam tudo da nossa vida, então minha mãe começou a pesquisar formas de morar no Brasil, já que não haveria outra opção depois da terceira ameaça. Então foi isso, na época a gente tinha consciência do que acontecia talvez eu e minha irmã mais velha, as mais novas não, mas não conseguia juntar tantas peças e pensar em tantas ameaças seguidas. Mas foi por conta do trabalho com os indígenas nessa região que a gente precisou sair. (EP. Dn., Visto Permanente, 13 mar. 2018).

Segundo Ortiz e Kaminker (2014), há pouco registro e produção acadêmica dos refugiados colombianos derivados dos conflitos armados. Para os autores, entre as

justificativas que podem ter levado a esta lacuna, se dá o fato de que a expulsão dessa população ocorre sob um regime democrático que, sucessivamente e por longos períodos, negou a natureza política do conflito. Assim, durante século XXI os estudos das imigrações forçadas na Colômbia desenvolveram-se baseadas no passado apenas, considerando que as práticas de repressão utilizadas pelos governos autoritários das ditaduras foram abandonadas. Entre os refugiados colombianos na América do Sul, se considerados por magnitude e impacto, em primeiro lugar, temos aqueles que cruzam as fronteiras terrestres - assemelhando-se à dinâmica de deslocamento forçado interno no país – são predominantemente camponeses e pessoas de setores populares da sociedade, que vivem em regiões de conflito. Em segundo lugar, temos os que são perseguidos politicamente, geralmente oponentes ao regime econômico e político do país. Por fim, há quem veja sua segurança ameaçada, no contexto do conflito interno, por pertencer a setores economicamente influentes no país e aqueles que fogem da violência ligada ao narcotráfico ou gangues criminosas. O refúgio é vivido por esses colombianos sob forte tensão subjetiva que atravessa tanto na vida pública como na vida privada. Aprender outro idioma, requalifique-se para conseguir um emprego, enfrentar outra cultura, sempre em busca de semelhanças e diferenças da vida que ficou para trás, é como renunciar a sua história e seu passado. Integrar-se na sociedade de a recepção requer grandes esforços e rupturas subjetivas significativas, uma vez que integrar é como desistir de "voltar" para o seu país

Já A., que dialogou com a história de Dn., nos conta que a saída de sua família da Venezuela foi muito mais tranquila, apesar de ter sido influenciada por fatores externos, era algo que estava no horizonte deles:

a razão da minha saída foi muito mais tranquila, meu pai sempre trabalhou em uma Organização dos Direitos Humanos e o coordenador faleceu, ele era a pessoa que tinha uma opinião muito firme de que a sede deveria ser na Venezuela, mas por questões econômicas o substituto dele decidiu que a sede deveria sair de lá e as opções eram Argentina, Brasil ou México, e a decisão foi vir pra cá e chamaram ele para vir junto, não foi toda a equipe que veio, mas ele era um coordenador político no momento e já tinha muito tempo trabalhando lá tinha importância, então eles viram como uma oportunidade. Eles sempre pensaram que sair do país era uma coisa muito enriquecedora para qualquer pessoa, por trocas culturais, opções de viver a vida de uma forma diferentes e de ver outros estilos de vida, então eles decidiram, a gente não queria de jeito nenhum sair, mas tivemos que vir (EP. A., Visto Permanente, 13 mar. 2018)

Podemos verificar nos trechos destacados nesse item do capítulo, que, nas narrativas desses jovens, fatores externos são fundamentais nas decisões do processo migratório, como na escolha do destino, e eles podem ser do mais diversos, como oportunidades profissionais, relacionamentos, questões econômicas ou de violência e perseguição política.

2.2. O percurso e a chegada

Conforme os relatos do item anterior, pode-se verificar que o motivo da imigração, assim como a escolha do destino, pode estar atrelado diretamente a fatores externos, como a realidade vivida no país de origem, ou seja, uma situação que faz necessária a busca urgente de uma nova realidade. Vimos essa necessidade no relato Dn. da Colômbia, do coletivo Visto Permanente e nas falas S. do coletivo Sarau das Américas, da Venezuela, que está no Brasil como refugiada:

S: eu vim refugiada (...) aqui quase todos os venezuelanos estão na situação de refugiados. (EP. Sarau das Américas, D. 18 abr. 2018)

Conforme informação da ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), com dados do CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), o Brasil tem registro, em 2020, de 46 mil venezuelanos reconhecidos como refugiados e refugiadas - o maior número de refugiados da América Latina – porém, o número de imigrantes da Venezuela ultrapassa os 260 mil.³⁴ Segundo Herrera (2020), que em seu trabalho junto a CLACSO - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, onde acompanhou dezenas de jovens venezuelanos e venezuelanas que imigraram para diferentes cidades da América do Sul. Em torno de 3 milhões de venezuelanos e venezuelanos saíram dos país nos últimos anos, dos quais 2 milhões estão vivendo em países da América Latina, entre eles, 25% são jovens. No início dos grandes movimentos migratórios da Venezuela, principalmente venezuelanos de classe alta e alta média foram aqueles que emigraram. Mais tarde, foram os venezuelanos de classe média e profissionais diplomados que deixaram o país. Atualmente, o grande número de mulheres e homens adultos que emigram junto com suas crianças e adolescentes pertencem às classes médias e baixas da Venezuela.

Essa migração de profissionais e diplomados, que aponta Herrera (2020), é a imigração que se enquadra S. do Sarau das Américas:

[...] eu pensei em vir para o Brasil e São Paulo sempre foi minha opção nunca fiquei fantasiando Copacabana, para mim sempre foi São Paulo a grande cidade, a metrópole da América Latina, lá Venezuela eu trabalhava – bom sou advogada – e eu trabalhava na consultoria jurídica do Banco Central da Venezuela, com assuntos financeiros e monetários então é aquela parte do banco que grana, grana, finanças e números, e eu tinha muitas reuniões por dois anos que trabalhei lá com muita gente de São Paulo, liga para a galera de São Paulo, o pessoal de São Paulo vai chegar, precisamos esperar o pessoal de São Paulo. [...] muito contato com a galera daqui e aí eu ficava pensando, mas gente que cidade que é essa São Paulo, eu tinha um pouco

³⁴ Brasil reconhece mais 7,7 mil venezuelanos como refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/08/28/brasil-reconhece-mais-77-mil-venezuelanos-como-refugiados/> Acesso em 05 de outubro de 2020.

de noção do Brasil, mas a gente geralmente é muito mais voltado para a Europa ou para os EUA, não enxerga facilmente outro país da América Latina, ou pelo menos eu na minha formação e na minha cabeça, outro país da América Latina era só legal, mesmo o Brasil sendo uma referência como país grande e com oportunidades, mas não era minha ideia e nunca fantasiava em vir morar no Brasil. E aí eu comecei a trabalhar e tudo era São Paulo, São Paulo, São Paulo e eu sempre gostei muito da integração da América Latina e eu precisava sair desse trabalho por conta de muitas coisas pessoais. (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018)

Ressalta-se ainda na fala de S. que o status de refugiado não é sinônimo de uma imigração puramente forçada, sem que o jovem possa escolher o seu destino. Por mais que S. a princípio não tinha vontade de migrar para o Brasil, acabou criando grande expectativa com a cidade de São Paulo, onde, além de morar, teve uma relação com território e uma construção de territorialidade - que serão abordadas no decorrer dessa pesquisa - através do coletivo Sarau das Américas.

Já foi discutido nesse trabalho a questão do preconceito que sofrem esses jovens imigrantes, porém, cabe observar nesse item também a discriminação que sofrem aqueles que possuem o status de imigrante refugiado, como relata S. de Sarau das Américas:

[...] fora do nicho total, eu não gosto de falar como se fosse uma vítima, porque nunca vou me colocar no papel de vítima, mas realmente as vezes tem condições que se dificultam e que você sente que as coisas apertam, aqui mesmo é uma dinâmica complicada, abrir e fechar, o que vamos vender, tem como fazer promoção, todas essas questões que agora são da minha responsa vem cheio de críticas, ninguém leva em consideração a questão de ser uma mulher imigrante no comércio que é uma questão atípica, uma refugiada que precisa sempre explicar sua situação de refúgio. Hoje eu fui no banco porque tem muita ignorância, e eu acho que as pessoas do banco confundem refugiados com foragidos, eu falei que tinha o visto de refugiado e uma moça disse que deveria chamar a polícia. (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018)

Se no capítulo anterior o preconceito estava ancorado nos conceitos de raça e estigmas, sendo os fenótipos - características de corpos estigmatizados - além de aspectos culturais como a língua, os principais motivos para que os jovens sofram racismo e preconceito, no caso de S., o preconceito está ancorado na ignorância em relação a imigração e o que significa ser refugiado, criminalização aqueles que estão nessa situação.

A ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), define refugiados da seguinte forma:

São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião

política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. (ACNUR, 2020)³⁵

Essa criminalização dos refugiados, de forma institucionalizada pelo Brasil, também já foi abordada nesse trabalho, quando retratada as falas do então Dep. Jair Bolsonaro, atual Presidente da República, que chamou refugiados de “a escória do mundo” e de que iria “construir um campo de refugiados para os imigrantes venezuelanos”. Isso demonstra a necessidade da desmistificação e discriminação dos imigrantes. Por mais que existam órgãos de acolhida como a ACNUR e leis que refúgio, é urgente o combate ao preconceito e a desinformação em relação a imigração.

Segundo Farias (2018), o preconceito relacionado a imigração de refugiados para o Brasil está relacionado, principalmente, pelo desconhecimento do significado do termo. É comum a condição de refugiado ser confundida com asilo político, já que em muitos países não há distinção entre “asilo” e “refúgio”. Porém no Brasil é diferente, já que asilo está na maioria das vezes relacionado a asilo político, já refúgio está vinculado ao chamado direito internacional dos direitos humanos e tem por objetivo amparar ou acolher aqueles que tiveram de abandonar o seu país de origem por diferentes motivos, desastres naturais, perseguições religiosas, guerras etc.

Outro aspecto abordado pelos jovens em relação do refúgio, está são ações de abrigo promovidos pela ACNUR, retratadas por D. do Coletivo Visto Permanente:

[...] nós pedimos refúgio pela ACNUR, pela ONU, então aqui que é responsável a nível estadual é a Caritas Arquidiocesana, são eles que fazem a ponte com ACNUR então minha procurou como era toda a tramitação de solicitação de refúgio para fazer tudo dentro da burocracia. No começo eles dão uma acolhida mesmo, te instruem um pouco, agora está muito melhor, mas antes era muito precário, mas ainda assim eles receberam a gente e articularam todas essas questões burocráticas, encaminham para polícia federal, tem acompanhamento de advogados da própria ACNUR fazem carta para que a gente tente ganhar bolsa em escolas particulares, tentam ajudar a conseguir emprego e bem no começo eles davam uma ajuda que seria hoje como trezentos reais por mês para as famílias. (EP. Visto Permanente, Dn. 13 mar. 2018).

Por mais que a assistência seja “precária”, conforme palavras de D. do Visto Permanente, pode-se observar a importância do apoio institucional para garantir o refúgio desses imigrantes no país receptor. Por isso, é importante a valorização de ações e órgãos governamentais que os auxiliem e, também, é necessário que haja, que eles sejam reconhecidos como refugiados e sua entrada no país seja facilitada através de leis de refúgio.

³⁵ A definição de refugiado está disponível na página Refugiados em <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

Muito diferente de uma situação de refúgio, a imigração pode ser consequência de um projeto, um sonho, como para Dv. do Coletivo Visto Permanente:

[...] eu saí viajando por alguns países da América Latina com a companheira que eu estava nesta época. A gente foi com um projeto, eu conheci o cinema em Bogotá e eu gostava muito de filmes porque era uma coisa que me levava a viajar, então eu comecei com um projeto de cineclube por um tempo e aí com essa pessoa a gente teve a ideia de viajar pela América Latina fazendo um pouco disso, divulgar um pouco mais os diretores menos conhecidos em todos os países, fazer algum workshop para realização de curtas e tal, e aí acabei chegando no Brasil, entre 2008 e 2010 eu fiquei nesta viagem e aí cheguei no Brasil, fiquei aqui por dois anos, voltei pra Colômbia, fiquei mais dois anos por lá e depois voltei pra cá (EP. Visto Permanente, Dn. 13 mar. 2018).

Se para alguns jovens, imigrar para o Brasil foi consequência de fatores que nem sempre estavam sob seus domínios, Dn., depois de uma longa viagem pela América Latina, promovendo eventos culturais, escolheu Brasil para fixar residência. Isso demonstra que a imigração, mesmo de um grupo aparentemente homogêneo, jovens latino-americanos envolvidos com coletivos culturais, pode ter muitas faces e muitos desenrolares.

2.3. O presente no Brasil

[...] eu passei por outros países, mas mesmo falando a língua e tal, por exemplo, eu gostei muito da Bolívia e eu não esperava nada da Bolívia, porque é isso ninguém fala de lá e quando eu cheguei lá o Evo Morales estava chegando, então a galera estava super na agitação então foi bem legal essa época, então lá me surpreendeu, mas aqui o Brasil foi uma coisa de encontro, eu me senti muito em casa aqui, eu acho louco, mas eu gosto deste país, ainda que eu tenha sofrido tanto aqui no sentido de lições que o Brasil me deu até hoje, em outros sentidos mas não sofri preconceitos aqui eu fui muito abraçado por aqui, mas a real é que eu gosto muito é um local que eu tenho muitos contatos. Bom é por isso que permaneço aqui, é um amor, então não foi uma escolha, não foi a família, não sinto que quero voltar a morar na Colômbia. (EP. Sarau das Américas, D. 18 abr. 2018)

A fala de D. reflete sua estadia no Brasil não como algo temporário, apesar das dificuldades já encontradas, aqui ele não pretende voltar para a Colômbia, a sua vida anterior a imigração. Mesmo que ao ficar aqui implique de que ele seja visto como o *outro*, um estrangeiro, como foi exposto nos capítulos anteriores.

Para Sayad (1998) uma das principais características da imigração é que ela está destinada a uma dupla contradição, não se sabe se é um estado provisório que se tende a prolongar indefinidamente ou, ao contrário, uma situação duradora que gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. Oscilando, conforme as circunstâncias, entre o

estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato. Essa ambivalência faz com que os imigrantes estejam sempre sendo questionados de sua permanência ou de sua situação como imigrante/estrangeiros:

[...] hoje eu estou aqui para falar, então tudo bem, mas as vezes você está em um show, está no ponto de ônibus e não quer falar sobre isso... sempre me perguntam se eu fugi, se eu gosto do Fidel, o que eu acho da política do Fidel, se eu gosto, se não gosto, se odeio, e agora se gosto dos irmãos e quase sempre a mesma coisa, se agora está mais legal, se eu vou voltar pra lá... e sim, eu penso que vou voltar pra lá, eu amo lá, não gosto da política, mas acho que não gosto da política de nenhum lugar, pelo menos de nenhum lugar que eu já conheci, que são dois: Cuba e Brasil, porque acho que a política dos dois está muito mal, está tudo errado e tem que voltar e empezar de novo, no sentido de fazer tudo diferente, e acho que isso está um pouco no sarau também, a gente se junta! (EP. Sarau das Américas, L. 18 abr. 2018)

Sayad (1998) complementa que um imigrante é alguém provisório naquela sociedade, as vezes uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Mesmo que ele seja incorporado a sociedade, mesmo que ele viva até morrer naquele destino, continuará sendo tratado como provisório, ou seja, um status de definitivo revogável a qualquer momento. Esses aspectos estão presentes na fala de L., onde sempre é questionada se irá voltar para Cuba, o que acha do país, com isso, ela sempre é reconhecida como alguém que pertence a outro lugar.

Nessa dicotomia tão própria da imigração de ser provisório ou permanente, estrangeiro ou residente, ser de lá e está aqui, que os jovens imigrantes estruturam as suas vidas e tecem as suas histórias, sejam elas pessoais, profissionais, acadêmicas ou de luta.

Mesmo eles pertencendo a um recorte bastante específico em relação a imigração para o Brasil, jovens de coletivos culturais, os seus vínculos, permanentes e provisórios, no Brasil são bastante diversos. S, em um primeiro momento, teve como seu principal vínculo institucionaliza a USP:

[...] bom quando estava no mestrado era praticamente só a dissertação né, mas eu morava aqui na frente então eu ia e voltava toda hora, eu não conhecia São Paulo, a metrópole, aquela capital, aquele movimento, aqueles vinte e cinco milhões de pessoas, na verdade eu vim morar em uma bolha e tinha a bolsa, já morava ali, comia no bandeirão, então eu achava perfeito tudo, era bem uma bolha uspiana mesmo, mora no Butantã, mora na biblioteca, bebe uma cervejinha e é isso. E aí depois eu defendi, minha bolsa acabou, a vida bate na cara; porque quando está lá na USP a gente se acha super porque fez um artigo científico, porque publicou, aí depois acaba a bolsa e você sai daí e vai ver quem é que se importa com isso?, vai fazer uma entrevista de emprego, imagina eu pensei, poxa sou advogada com mestrado na melhor universidade da América Latina, com experiência laboral, achei que ia arrumar emprego logo menos, eu estou eu aqui vendendo arepas e cervejas. [...] então aí eu sai [da USP], acabou a bolsa, e eu vim casada também e nesse meio tempo me separei e foi nesta conjuntura de tudo acontecer ao mesmo tempo, sem emprego, tendo que procurar lugar para morar, uma loucura, então comecei a dar aulas de espanhol e fui morar em

Santa Cecília e as aulas eram sei lá no Itaim Bibi, enfim nas empresas porque era espanhol para empresa, e foi assim que eu conheci São Paulo, aquela máquina, aquele metrô levando essa força de trabalho e aí sim você sente o movimento e pensa: mano, agora eu sei. (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018)

A fala de S. expressa um pouco a situação laboral do imigrante e sua dificuldade em entrar no mercado de trabalho, mesmo com formação superior e, nesse caso, pós-graduação. Assim como afirma Sayad, dificilmente o trabalhador imigrante é visto como alguém permanente, um dos motivos que podem justificar essa dificuldade.

[...] Então acho que isso foi difícil, o tema racial, o tema de língua, o tema de emprego, a dependência econômica, porque você se não fala português não consegue emprego. Eu vim com a ideia de continuar a minha carreira, que eu estava estudando engenharia de alimentos e deixei a parte do tcc para terminar, mas quando eu vim aqui, primeiro que a faculdade pública é em outra cidade e eu precisava trabalhar, não falava a língua e também não sabia muito bem qual eram os caminhos, quando eu consegui encontrar os caminhos, eu vi que não tinha acordo entre as universidades, então era praticamente voltar a estudar três anos da carreira, você conseguiu validar, homologar matérias. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Outros aspectos que implicam na dificuldade de acessar o mercado de trabalho, estão nos aspectos já abordados no capítulo anterior *Fronteira*, como relata J. do coletivo Warmis, que estão entre eles dificuldades relacionadas ao idioma ou burocrático, impossibilitando, entre outras coisas, exercer a mesma profissão que exercia no país de origem. Para Bogus e Fabiano (2015), os principais obstáculos que os imigrantes estrangeiros encontram no Brasil são: o idioma, a documentação, ou a ausência dela, o acesso à informação e ao mercado de trabalho formal. Para superar, ao menos em partes, as dificuldades acima seria necessário, entre outras ações:

- A necessidade de uma coordenação das ações dos diferentes órgãos públicos no que se refere à questão migratória;
- a urgência da implementação de diretrizes centralizadas que possam guiar e dar certa uniformidade às medidas de atendimento e proteção aos imigrantes;
- o desenvolvimento de uma perspectiva de proteção integral ao imigrante, que contemple tanto direitos migratórios como direitos humanos;
- o incremento dos recursos, tanto humanos quanto financeiros, para a implementação de políticas migratórias e para facilitar o acesso dos imigrantes aos serviços públicos;
- a capacitação dos diferentes agentes que trabalham com a questão migratória em temas relacionados aos direitos humanos e migrações. (pág. 134) ³⁶

³⁶ As informações foram analisadas pelos pesquisadores a partir da pesquisa realizada pelo instituto IPEA e o Ministério da Justiça em 2015. Resultados da pesquisa disponíveis em

Contrapondo a essa dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, há situações como de D., do coletivo Sarau das Américas, que já saiu de Cuba com a perspectiva de trabalhar em um ONG:

então fiz um bom recorte antropológico, mas eu vim trabalhar na ONG que chama Projeto Quixote, eu nunca tinha trabalhado com criança na minha vida, mas eu vim com essa proposta da poesia e ensinar línguas e fazer alguma intervenção com fanzine, e eu não sabia dessa possibilidade de ações com crianças porque em Cuba é mais rígido esse cenário de coisas para trabalhar, e de repente nós chegamos em um lugar e tem vários materiais para fazer atividades, e um grupo de psicólogos e assistentes sociais trabalhando com crianças que estão em risco social, então foi muito louco ver isso tudo. [...] eu morava no Centro no bairro de Higienópolis e trabalhava na Vila Mariana nesta ONG que era ligada a UNIFESP, mas é um projeto adjacente e independente. Eu vim para o projeto e então como voluntário nestas duas instituições, eu não podia trabalhar no Brasil porque era uma mecânica rara entre voluntário escondido que ganha uma bolsa e vale-transporte e aí tiveram várias situações com a instituição em relação a legalização para que o lugar ficasse mais dentro dos parâmetros precisou fazer alguns ajustes na ONG, então depois virou uma novela para ficar no Brasil e conseguir me regularizar... (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018)

Destaca-se o estranhamento provocado em D. ao comparar a realidade do mercado de trabalho do Brasil com Cuba, além do mais, relata suas dificuldades burocráticas para seguir trabalhando no país;

Ao apresentar os relatos pertinentes a questão do mercado de trabalho no Brasil, mostra-se que as dificuldades em relação ao mercado de trabalho são inerentes ao imigrante, mesmo para aqueles que possuem qualificação profissional e que, ao menos que já venham com um emprego definido, terão de trabalhar em áreas não relacionadas a sua profissão. Como dito anteriormente, isso se deve em grande parte, a falta de políticas públicas voltadas para imigração, que forneçam informações e auxiliem esses jovens nas questões burocráticas da documentação e mercado de trabalho. Essa lacuna deixada pelo Estado acaba sendo suprida dentro da própria comunidade migrante, no caso dessa pesquisa especificamente, através do apoio dos coletivos:

Todorov (1999) baseado em sua própria experiência migratória, vê a situação de uma forma diferente da apresentada por Sayad (1998), para ele, o imigrante não será para sempre alguém provisório, chegará um momento da vida do imigrante que a situação de estrangeiro não fará mais sentido, assim como ele não sentirá mais que o seu país de origem é um local para voltar.

Um dia, tive de admitir que não era mais um estrangeiro, ao menos não no mesmo sentido de antes. Minha segunda língua foi instalada no lugar da primeira sem choque, sem violência, ao longo dos anos. Mas é exatamente o contrário que acontece por ocasião do retorno do exilado. De um dia para o outro ele descobre ter uma vida interior de duas culturas, de duas sociedades. Bastou-me apenas encontrar-me em Sófia para que tudo me parecesse imediatamente familiar; eu economizava os processos de adaptação preliminares. Não me sentia menos à vontade em búlgaro do que em francês e tinha o sentimento de pertencer às duas culturas ao mesmo tempo. (pág.16)

Apesar desse capítulo ter sido dividido em três subtítulos, pode-se observar que as decisões e situações se entrelaçam. Por vocês, a decisão de morar no Brasil está ligada com a sua situação já depois do momento da imigração, ou seja, fazer da situação migratória algo permanente e não transitório se dá no percurso desse processo, então, por mais que se divida suas histórias, não há uma divisão tão clara assim na verdade, são as realidades que atravessam suas vidas que tecem seu destino no curso de suas histórias.

3. TERRITÓRIO

[...] é muito impressionante quando você se vê imigrante e passa por algumas situações que você pensa que só acontecem contigo, tipo 'só eu que estou super sem grana, que estou querendo voltar para casa, que não consigo parar de chorar, que tenho saudade da minha mãe' e, de repente, você encontra com outros imigrantes e as histórias são parecidas, os problemas são parecidos, as carências são parecidas, a língua parecida. Então cria-se uma irmandade e uma identidade muito grande, um espelho muito forte. Já que estamos passando pela mesma coisa, vamos nos unir e nos amar, e se apoiar e se ajudar (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018).

O território - e a relação com ele - pode ser definido de diferentes formas, entre elas, desde o aspecto político, onde o território é compreendido como uma área de jurisdição de um Estado-nação. Se o definirmos dessa forma, pode-se dizer que a territorialização – forma de organização e reorganização social em um determinado território - está ligada a ocupação de um local por um certo grupo humano, caracterizado por algo que os congregues, como a nacionalidade, a etnia, as condições socioeconômicas etc. Para além de um espaço físico, o território é um espaço de memória, identidade, um lugar cheio de cultura, de aspectos da comunicação dos seus residentes com seu entorno, com seu grupo, que permitem a sensação de pertencer. (Véras, 1999, 2016 e 2017).

Quando se trata da relação do imigrante com o território, é preciso também pensar no conceito de desterritorialização, que é o termo usando para dar conta da relação das pessoas que imigram, não apenas com o território físico abandonado, mas de suas relações com outras pessoas, bens, símbolos e imaginários. (Vilanova, 2009).

Portanto, esses jovens que imigram passaram pelo processo de desterritorialização ao deixar os seus países e buscaram, agora no novo local, se reterritorializar, ocupando e criando novos espaços, buscando pertencimento, entre outras coisas, no tecido social da cidade. Em um processo continua ocupar, existir e re-existir. Neste capítulo, além do território físico, será abordado a relação desses jovens e seus coletivos, com os territórios virtuais, que também devem e serão ocupados.

A fala de S. foi escolhida para iniciar esse capítulo porque ela ilustra a importância do território e da territorialidade para esses jovens migrantes, é um espaço de encontros, afetos, apoio e re-existência nessa nova realidade gerada pela imigração. São esses aspectos que serão explorados nos dois itens a seguir, tendo como plano de fundo a cidade de São Paulo, mas rompendo as barreiras do espaço físico tradicional e mostrando suas atuações e, principalmente suas ações existência e re-existência como coletivos políticos-culturais nos espaços virtuais.

3.1. Territorialidades e a cidade de São Paulo: pontes e muros

[...] eu fiquei um dia falando com a A., a gente se conheceu em outro lugar. Enfim, o Butantã tem uma questão cultural, um movimento noturno muito forte, e nos encontramos em um sarau que eles fizeram no Boteco da Elis e começamos falar várias coisas, com gostos e angústias tão parecidas, e família, e solidão, emprego, aluguel e ficamos muito loucas pensando como a questão da grana pega, é incrível como nesse processo o dinheiro é um eixo fundamental, e o mais bonito de tudo é a solidariedade que isso gera, porque quando liguei para um amigo, “D. me empresta o dinheiro do aluguel”, ele imediatamente entende a minha situação, e vai se formando uma rede, e à medida que passam os anos, vamos melhorando e se estabilizando, podendo ajudar outras pessoas [...] I Love Butantã. (EP. Sarau das Américas, S. 18 abr. 2018).

[...] sabe aquela música: não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor, mas não pode ser, moro no Butantã [...] então, se a gente não estivesse morando os três aqui, talvez o sarau fosse outra coisa, se ela morasse em Santa Cecília e ela em outro lugar, talvez o sarau fosse no centro, [...] não tinha movimento de sarau por perto, então acho que isso também ajuda, porque todo mundo tem uma poesia em casa e todo mundo quer ler um livro, sempre tem alguém com um violão, e às vezes as pessoas ficam bravas porque não conseguem falar, mas a gente precisa ir embora, ir dormir... (EP. Sarau das Américas, D. 18 abr. 2018).

Segundo Hall (1989, pág. 22 apud Zanforlin, 2012 pág. 165), “ao mesmo tempo as pessoas se sentem parte do mundo e da sua aldeia. Elas têm identidades de bairro e são cidadãs do mundo.” Essas poucas linhas de Hall ilustram a relação com território descrita nas falas de S. e D., do coletivo Sarau das Américas, que abrem esse item, no qual será explorada a relação dos jovens com o território e a territorialidade, mais especificamente na cidade de São Paulo.

Se por um lado esses jovens imigrantes estão experimentando essa nova forma de *estar-no-mundo* (Agier, 2015a), onde encontram-se cada vez mais conectados globalmente e em constante deslocamento, os traços de uma vida em comunidade não foram perdidos. Para além da cidade de São Paulo, esse sentimento de vida em comunidade é despertado pela relação que possuem com o bairro do Butantã, Zona Oeste da cidade, local historicamente identificado por ser o bairro onde está localizada a Universidade de São Paulo (USP) e que, portanto, é local de moradia de muitos estudantes, principalmente aqueles que vêm de outros lugares do Brasil e do mundo para estudar. Na fala de S., podemos identificar os sentimentos e as dificuldades que atravessam as vidas cotidianas desses jovens: família, solidão, emprego, aluguel e, fundamentalmente, o dinheiro. Para ela, poder dividir o seu espaço de moradia, nesse caso, o bairro do Butantã, com outras pessoas que compartilham dessas mesmas angústias, traz um consolo e, também, uma ajuda prática daqueles que já conhecem essa realidade e a tornam mais fácil de ser enfrentada.

Além disso, é possível observar que a noção de comunidade encontrada — e construída — pelos jovens no bairro foi fator determinante para a criação do coletivo Sarau das Américas, segundo a fala de D., destacada anteriormente. Porém, essa noção de cooperação entre os imigrantes que o bairro proporcionou, relatada por eles, também extrapolou essa comunidade e se fundiu à dinâmica social da vizinhança como um todo. Isso foi observado no *Encontro no Ponto*, evento organizado por diferentes agentes do bairro, que, na ocasião em que essa pesquisa acompanhou, foi liderado pelo coletivo Sarau das Américas. Esse *Encontro* ocorreu no *Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã*³⁷, local tradicional do bairro para comércio e socialização. O evento foi descrito na página do *Facebook* do coletivo da seguinte forma:

Sarau das Américas ocupa o Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, no nosso retorno às atividades no nosso bairro.
Desta vez "*la fiesta*" será grande. Pela primeira vez estamos organizando (não tem sido fácil) uma feira de artistas, artesãos e arteiras!
O Ponto de Economia Solidária do Butantã realiza diversos eventos temáticos. Neste mês os eventos têm como tema a questão da IMIGRAÇÃO, que será desenvolvido em dois cineclubes e no Encontros no Ponto com o Sarau das Américas.³⁸

Figura 5 – Imagem de divulgação do evento Encontro no Ponto



Fonte: Reprodução Facebook.

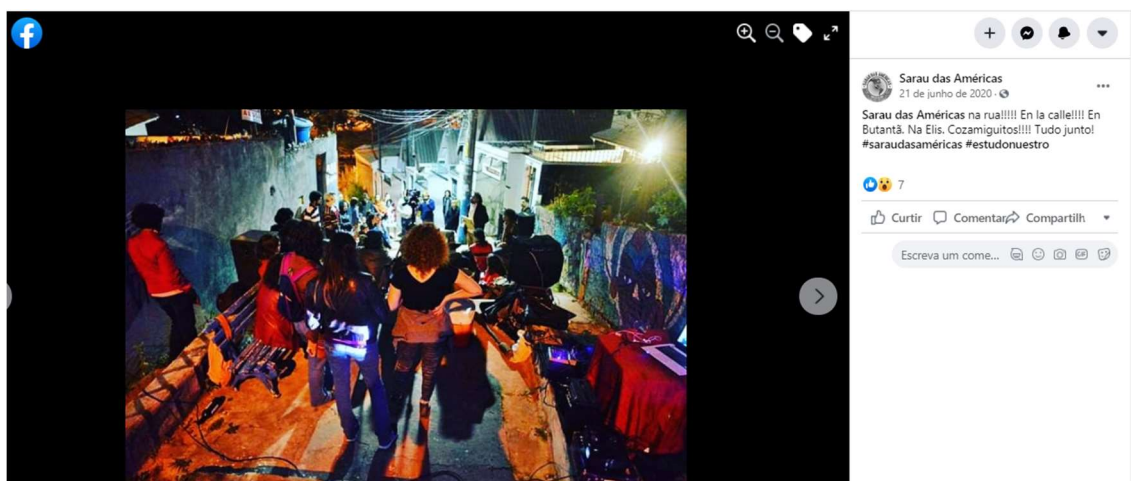
³⁷ O Ponto De Economia Solidária e Cultura Do Butantã é descrito por sua página na rede social Facebook como: “Trata-se de local de construção coletiva de ponto de cultura e geração de renda, produção e comercialização em economia solidária.” Fonte: Página do Facebook: Ponto De Economia Solidária e Cultura Do Butantã <https://www.facebook.com/pontoecosolbutanta>. Acesso em 28 de fevereiro 2021.

³⁸ Fonte: Página do evento no Facebook: Sarau das Américas no Encontros no Ponto <https://www.facebook.com/events/250329619250226>. Acesso em 28 de fevereiro 2021.

Ao acompanhar o Encontro no Ponto³⁹, foi possível perceber que os sotaques eram diversos e pode-se dizer que o “portunhol” era considerado a língua oficial do evento. A predominância de imigrantes da América Latina era notável, bandeiras de Cuba, *arepas* colombianas, comércio de livros majoritariamente em espanhol e arte indígena do Brasil dividiam o espaço de forma habitual. Era possível observar um senso de comunidade e que aquele local já era conhecido e frequentado pelos moradores do bairro.

Essa ação não foi um acontecimento isolado no processo de territorialização desses jovens imigrantes. Se por um lado a localização foi determinante para a criação do Sarau das Américas, transformando suas lutas individuais em coletivas, eles também transformam o bairro ocupando suas ruas, com seus corpos presentes no cotidiano e nas paisagens do Butantã. Abaixo há um fragmento retirado de suas redes sociais que ilustra outra de suas ações de ocupação do espaço público. A foto, que retrata um sarau realizado nas ruas do bairro e com a legenda que será reproduzida abaixo, é um bom exemplo da ocupação desse território, o que é enfatizado na legenda: *“es tudo nuestro”*: *“Sarau das Américas na rua!!!! ¡¡¡¡En la calle!!!! En Butantã. Na Elis. Cozamiguitos!!!! Tudo junto! #saraudasaméricas #estudonuestro”*⁴⁰

Figura 6 – Foto do Sarau na Rua



Fonte: Reprodução Facebook

Segundo Vilanova (2009), a desterritorialização é um conceito usado comumente para definir a relação entre o sujeito e o território no ato de deslocar-se e para determinar a ideia de movimento e mudança nas relações dos seres humanos, assim como em referência aos

³⁹ Observação etnográfica realizada no dia 26 de outubro de 2019 no evento descrito anteriormente.

⁴⁰ Fonte da foto e da legenda: Página do Facebook do coletivo Sarau das Américas: <https://www.facebook.com/SarauDasAmericas/photos/a.1527683827257741/4552238831468877>
Acesso em 20 de março de 2021.

bens, símbolos e imaginários. Estamos sempre rodeados de territorialidades diversas, podendo, portanto, sermos permanentemente desterritorializados e, de maneira indissociável, voltar a reterritorializar em um processo que sempre transforma.

É esse processo que vemos acontecer com esses jovens. Se por um lado, no momento da imigração, eles perderam a identificação com um determinado território, ou seja, sofreram o processo de desterritorialização, ao se reinstalarem na cidade de São Paulo, se reterritorializam através da transformação, tantos suas como do entorno. Transformam-se porque, agora nessa nova territorialidade, passam a desempenhar um novo papel, o do *outro*, do imigrante, e são promotores de transformação porque transformam a cidade, o bairro, as ruas, com seus corpos e suas ações coletivas, promovendo uma nova territorialidade para o local em que vivem.

Para Zanforlin (2015), o conceito de desterritorialização, além de ser um dos temas mais debatidos e associados à globalização, surge na esteira dos debates do fim do Estado-nação, já que vivemos uma crise dos pilares que o convencionaram e o davam força. Um dos movimentos que realçam essa percepção é o fenômeno migratório. De acordo com a autora:

Assim, a discussão gira em torno de binarismos assaz repetidos como o global e o local, isto é, entre uma ordem que desenraiza, ao separar o centro e a sede de ação, e a que reterritorializa, ao nível da localidade, e que remete à perda ou à flexibilização da marcação de um único território ou, ainda, de uma suspensão da necessidade física de um lugar, uma vez que passamos a dialogar e a transitar em terrenos fluidos como a Internet, por exemplo. Assim, desterritorialização estaria relacionada tanto à fragilidade das fronteiras quanto à hibridização cultural que coloca em xeque a ideia de identidades fixas e essencialistas. (Pág. 128)

Já para Santos (2009), apesar do conceito de desterritorialização ter se popularizado com a globalização, a ideia de uma humanidade desterritorializada é apenas um mito:

Fala-se, também, de uma humanidade desterritorializada, uma de suas características sendo o desfalecimento das fronteiras como imperativo da globalização, e a essa ideia dever-se-ia uma outra: a da existência, já agora, de uma cidadania universal. De fato, as fronteiras mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro do território. A humanidade desterritorializada é apenas um mito. Por outro lado, o exercício da cidadania, mesmo se avança a noção de moralidade internacional, é, ainda, um fato que depende da presença e da ação dos Estados nacionais. (Pág. 21)

De acordo com Canclini (2015), a imigração latino-americana desterritorializa não apenas aqueles que se deslocam, tampouco somente os bens simbólicos e reais, as práticas culturais e os imaginários que os acompanham, como também se deslocam as culturas, as percepções, as memórias e os sentimentos, reterritorializando-os em um novo local. Além disso, para o autor, o nacional já não pode ser um contraponto ao internacional e, portanto,

tem que se pensar em um novo conceito para esses processos, como a transnacionalização, tanto para o que se refere aos sujeitos que migram como os bens simbólicos e não-simbólicos que os acompanham e se realocam, que reterritorializam. Ainda segundo o autor, a hibridação cultural funde estruturas e práticas sociais para gerar novas estruturas e novas políticas de modo não planejado através de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Porém, a hibridação, frequentemente, surge da criatividade individual ou coletiva. Não apenas nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Para o autor:

As hibridações descritas ao longo desse livro nos levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.” (Pág. 325)

Conforme os conceitos de desterritorialização e reterritorialização descritos acima, pode-se dizer que a territorialidade é cultural, é a forma de comunicação dos residentes com o seu entorno e com seu grupo, é através dela que ocorre o sentimento de pertencimento a um determinado território. São os processos sociais que se desencadeiam dialeticamente, pois o migrante, no novo ambiente, “perde” e “doa”, transforma e é transformado. (Véras, 1999)

3.1.1 As diferentes faces da imigração

[...] eu também já morei em vários lugares aqui, o D. sempre quis que eu morasse aqui no Butantã, ele sempre falava e eu dizia que estava muito longe, e quando cheguei em São Paulo eu fazia teatro no Centro da cidade e fiquei apaixonada pela Luz e fiquei muito naquela região. Mas quando vim morar no Butantã, eu fiquei apaixonada por esse sentido de bairro, aqui na rua que eu moro é uma rua sem saída, as crianças brincam, eu acordo com elas cantando e isso é muito estranho aqui em São Paulo e eu adoro porque me lembra a coisa do bairro, em Cuba é assim ainda. (EP. Sarau das Américas, L. 18 abr. 2018)

A descrição do bairro Butantã como calmo, familiar e solidário, ilustrado no trecho da fala de L. “esse sentido de bairro, aqui na rua que eu moro é uma rua sem saída, as crianças brincam, eu acordo com elas cantando”, que faz com que ela se recorde das ruas de Cuba, e nas demais falas destacadas das entrevistas em profundidade que iniciaram esse capítulo da pesquisa, contrastam com a visão generalista que temos da metrópole São Paulo: agitada, cosmopolita, diversa e desigual.

Se no bairro do Butantã foi possível identificar um clima de cooperação entre os jovens imigrantes e os moradores do bairro, a fala de J. do coletivo Warmis mostra uma face da cidade de São Paulo completamente oposta:

Sim, mas o ser humano historicamente, a cultura tem esse valor da solidariedade, da reciprocidade, da comunidade. Não *todo tiene* [sic] um preço, há coisas que não têm preço. Me parece que hoje em dia em São Paulo tudo tem um preço, não tudo precisa ser cobrado, não posso ajudar nada a você, ensinar nada a você, ajudar nada a você, se não vou ter algo em troca. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Para J., na cidade de São Paulo tudo tem um preço, não há cooperação ou um sentimento de pertencer a uma comunidade, como foi visto com os jovens que moram no Butantã, um bairro de classe média da cidade São Paulo. J. complementa que precisou sair da cidade de São Paulo em busca de qualidade de vida e custos mais baixos:

Então, eu morei os primeiros três anos na República, mas depois eu saí para Vargem Grande Paulista e hoje em dia eu moro em Cotia. Mas tem também o tema de moradia atravessado, porque é muito caro morar no centro, muito caro, muito caro, muito difícil, aí você termina saindo, aí você tem que ver o que compensa mais, pagar um aluguel caro e morar em umas condições precárias ou morar em um lugar mais digno, porém você ter que viajar duas horas para chegar no centro, muitas vezes não *tener bus* [sic] para voltar, eu acho que toda a pessoa que mora na periferia passa por isso. [...] Mas eu acho que São Paulo é uma cidade difícil porque o transporte público é muito caro. O tema de moradia é um problema, o tema do transporte público é um problema, as mulheres, por exemplo, não vão aos equipamentos públicos, os imigrantes não vamos, porque você é discriminado. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Observa-se, portanto que há um contraste na forma como esses jovens veem a cidade de São Paulo baseado nos locais em que vivem. J. destaca os altos valores da moradia no centro da cidade, a falta de transporte público e a dificuldade de acesso aos equipamentos públicos. Isso demonstra que as experiências desses jovens são plurais. Ainda que a experiência da imigração e dos coletivos culturais os una em um mesmo grupo, há uma diferença de realidade bastante evidente em relação ao acesso à cidade.

Segundo Vêras (1999, 2016, 2017), a caracterização urbana das regiões da cidade torna-se fundamental na territorialização de um determinado grupo de pessoas, sejam eles imigrantes ou não. A localização dos imigrantes em determinados bairros da cidade de São Paulo são “pontes”, já que oferecem o suporte de outros imigrantes, facilitando a questão da língua e dos costumes. Além disso, podem proporcionar melhor acesso aos serviços públicos, como saúde e educação, permitindo, assim, a transposição das fronteiras que as cidades impõem, contribuindo para a inserção na nova sociedade, como vemos no caso do coletivo Sarau das América. Porém, também pode ocorrer o inverso: a condição de imigrante leva

esses moradores para as periferias das grandes cidades, dificultando os acessos, como ocorre com J., que, devido aos elevados custos de morar no centro da cidade de São Paulo, optou por, em busca de “*um lugar mais digno*” a preços mais baixos, morar em uma cidade que faz parte da região metropolitana de São Paulo, sofrendo as consequências, como a dificuldade de locomoção devido à precariedade do transporte público.

“A história de São Paulo não poderia ser escrita sem considerar as diferentes formas de separação socioespacial” (Véras, 2016, pág. 191). A memória cartográfica da cidade de São Paulo está muito relacionada aos fluxos migratórios que recebeu, como os bairros centrais do Brás e do Bixiga, caracterizados no passado como “Piccola Itália”, a região comercial da Rua 25 de Março, como sendo a casa de sírios e libaneses, ou o bairro da Liberdade, de origem predominantemente oriental. Imigrantes que vieram trabalhar e deixaram marcas significativas nos espaços urbanos dessas regiões, que em seus processos de desterritorializações e reterritorializações acrescentaram novas territorialidades ao mapa da cidade, deixando o legado da arquitetura, estilos de vida, cultura, hábitos alimentares, espaços públicos, rios, praças, monumentos em diferentes redes de sociabilidade.

Já os novos fluxos migratórios, impulsionados pela globalização e no limiar do século XXI, criaram uma nova cartografia. Os bairros centrais, Bom Retiro, Brás, Pari e região, anteriormente identificados com imigrantes italianos, agora são territórios, principalmente, de oficinas de costuras, locais de trabalho e, conseqüentemente, moradia de, majoritariamente, imigrantes latino-americanos, provenientes principalmente de países como Bolívia e Paraguai ou de países orientais, como China. Já a comunidade peruana na cidade de São Paulo está mais associada à gastronomia com seus restaurantes típicos, estão em maior número no Brás, Bom Retiro, na Santa Efigênia e República. Imigrantes colombianos também são vistos nesses bairros centrais escolhidos pelos imigrantes latino-americanos já citados (Véras, 1999, 2016, 2017).

Nessa nova cartografia dos imigrantes na cidade de São Paulo, destaca-se a feira Katuta, evento semanal organizado principalmente por imigrantes bolivianos e de outros países da região andina, que ocorre atualmente no bairro Pari, em São Paulo, bairro anteriormente associado aos imigrantes europeus, como italianos, espanhóis e portugueses, que se instalaram no bairro para serem operários nas fábricas da região, o qual sofria grande expansão no século XIX e atualmente é fortemente associado à comunidade boliviana residente dessa região por causa da grande concentração de fábricas de roupas, onde trabalha uma boa parte da comunidade. A feira ocorre todos os domingos em uma praça de mesmo nome. Kantuta é uma flor do altiplano andino e um dos símbolos nacionais da Bolívia, suas cores, verde, amarelo e vermelho, são as mesmas encontradas na bandeira nacional. Além de símbolo nacional, foi eleita para representar a comunidade boliviana na cidade paulista (ZANFORLIN, 2012).

Ao adentrarmos as ruas próximas à praça, já poderemos ter nossos sentidos levados a terras bolivianas. Começando com seus sons, músicas típicas tocadas nos alto-falantes espalhados pela praça, dão ritmo às diversas línguas faladas pelos participantes, o português, o quéchua e o espanhol, sendo esta última em predomínio. Os aromas também são inconfundíveis, as diversas barraquinhas com seus *chicharron*, *falsos conejos*, *salchipapas*, *salteñas*, entre tantas outras comidas típicas, nos farão sentir próximos aos Andes, aguçando também as lembranças do paladar. A visão e o tato ficam por conta dos diversos itens artesanais, seus tecidos principalmente, que coloreem a rua e possuem a textura inconfundível da lã de alpaca.

Apesar de já ocorrer há 17 anos, a feira parece ser pouco conhecida na cidade, ou por seu propósito pouco turístico e mais de reconstrução cultural, atraindo poucas pessoas que não estão ligadas a esta comunidade. Toda a organização da feira, assim como a comercialização de produtos e serviços, está sob responsabilidade do grupo local, sendo boa parte dela residente do entorno da praça. Fica claro que o comércio está construído de forma a abastecer o boliviano com produtos locais, como chá de coca ou Inka Cola, ou com serviços que lhes são convenientes, bem como cabeleireiros, ligações internacionais, fotógrafos que registram os principais acontecimentos da feira e depois enviam aos familiares e amigos dos participantes que ficaram na terra natal, emissão de documentos, passagens de ônibus internacionais, e, até mesmo, agenciamento de empregos. Podemos dizer que ela lembra as típicas feiras encontradas na Bolívia e nos demais países andinos, em proporções muito reduzidas, como a do *Mercado Camacho* em La Paz ou a desmesurável *16 de Julio* da cidade El Alto.⁴¹

A fala também serve como uma forma de introdução e assimilação dos novos imigrantes bolivianos à comunidade já instalada no Brasil, como aconteceu com J.:

[...] então tudo foi muito complicado e nesse meio tempo o pessoal do movimento humanista fazia atividades na Praça Kantuta, porque o movimento humanista tem organismos e um organismo era o Centro das Culturas, que agora se chama Convergência das Culturas, e eles tinham feito muitas atividades com o pessoal do Cami, com o Padre Roque, não? E ela falou “olha, porque você não vai na Praça Kantuta, tem muitos bolivianos, você está sozinha, quem sabe você não conhece pessoas”. E aí meu marido me levou ao Cami, eu conheci o pessoal, depois me levou na Praça Kantuta e aí terminei encontrando um tio, que nem sabia que era meu tio, que é o primo da minha mãe, descobri assim, na Praça Kantuta, e ele tinha uma oficina de costura e também era presidente de uma associação de costureiros e aí ele *me empezó* [sic] a levar nas reuniões que havia. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

⁴¹ Informações obtidas em diferentes observações etnográficas na feira da Praça da Kantuta.

Percebe-se, na fala de J., a importância desses eventos para a comunidade de imigrantes da região. Além de ser um local de lazer e cultura, a feira permite uma organização social e política da comunidade — como a Associação de Costureiros, citada por ela — já que é um instrumento importante para a formação e manutenção de laços com outros imigrantes, também para se aproximar de organizações como a Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI), que os apoiam de forma mais institucionalizada.

[...] a gente fez uma pesquisa há alguns meses por conta de um projeto que a gente está pensando e está em processo de formulação. Então, fomos pesquisar exatamente essa relação dos imigrantes com os bairros na cidade de São Paulo. Achemos alguns dados interessantes: em Guaianazes, um bairro da Zona Leste [da cidade de São Paulo], tem muita presença de grupos africanos, haitianos, bolivianos, mas, mesmo quando o bairro é central tem uma periferia social, como no bairro do Bom Retiro, por exemplo, atrás da ponte da Santa Cecília. Eu brinco porque para mim esse bairro vai nessa descida desde Higienópolis, passando novamente pelo bairro *hipster*, que é a Santa Cecília, e pela estação Marechal, até chegar do lado oposto da ponte ou do outro lado do muro, como se fosse uma Alemanha do leste e a outra do oeste. Por ali tem uma concentração de paraguaios também. A gente foi conhecer e trocamos [sic] umas ideias, aos poucos a gente quer que o projeto consiga fazer essa identificação dos bairros, é um dos planos para o futuro. Queremos saber onde os imigrantes estão e vão, porque muitas vezes os imigrantes vêm na procura da família e de amigos, e vão criando essas redes entre eles. É muito comum isso (EP. Visto Permanente, D. 13 mar. 2018).

A fala de D. do coletivo Visto Permanente nos dá a perspectiva dessa nova cartografia desenhada pela imigração através do olhar de um imigrante. O centro da cidade, região onde os imigrantes europeus se instalaram no século XIX e que hoje é habitada predominantemente por imigrantes bolivianos, é visto como uma “*periferia social*” da cidade, a localização central no bairro não é suficiente para que não seja estigmatizado dessa forma, é a presença desses imigrantes que o define. Ele fala também sobre um “muro” imaginário, fazendo uma alusão ao Muro de Berlim, que divide o centro da cidade, onde de um lado do muro estariam os bairros Higienópolis e Santa Cecília, bairros de classe alta da cidade, e do outro lado desse muro, o local de moradia dos imigrantes latino-americanos. Portanto, a presença desses imigrantes na região central da cidade não é garantia de que não sejam marginalizados e tenham pouco acesso aos equipamentos públicos dela e de moradia de qualidade, o que torna tão importantes as lutas e ações que buscam o direito de ocupar e vivenciar as cidades por esses imigrantes.

3.1.2 O direito à cidade

A cidade de São Paulo não é apenas um pano de fundo onde se ocorrem as ações dos coletivos, mas um contexto dinâmico com o qual os agentes efetivamente dialogam. Para Frúgoli (2018), a atual configuração das cidades tem sido alvo de muitas reivindicações e de

apropriações dos espaços públicos urbanos, sejam suas ruas, seus equipamentos ou suas moradias. A ocupação das ruas ou dos demais espaços da cidade, tanto no cotidiano como no extracotidiano, são práticas sociais em si mesmas. Ou seja, a presença dos jovens imigrantes e de seus coletivos em espaços não tradicionalmente ocupados por eles já é um ato político intrínseco, como, por exemplo, a ocupação do Centro Cultural São Paulo⁴² pelo coletivo Warmis para a realização de suas reuniões e ações culturais.

[...] eu nunca tinha vindo ao Centro Cultural, fazíamos as reuniões [do coletivo Warmis] na frente e um dia fomos para fazer uma gravação e aí aconteceu que nos convidaram. A pessoa que estava a cargo da ação educativa, porque ele era ativista, ele ouviu a gravação do vídeo quando estava por aí, ele gostou da proposta e ofereceu o espaço. Porque nosso coletivo tinha tentado dois anos fazer uma atividade e nunca nem retorno tivemos e vem essa pessoa e nos ajuda a entrar. Foi assim como eu e várias entramos no Centro Cultural, porque é lógico, você passa e você não entra porque você não sente que são para você os equipamentos públicos. (EP. Warmis, J. 8 jul. 2018).

Observa-se, na fala de J., a dificuldade encontrada por essas imigrantes de acessarem a um espaço público, que por muito tempo estiveram “à margem” desse espaço cultural, usando-o como referência para os encontros, mas, pela impossibilidade de entrar, realizavam suas reuniões do lado de fora dele. O Centro Cultural São Paulo fica localizado no bairro Paraíso, no centro da cidade de São Paulo, e é uma instituição pública que está a cargo da Secretaria Municipal de Cultura. Além de biblioteca, cinema, teatro e espaço para exposições, é possível reservar salas para reuniões ou atividades culturais. Adentrar nesse espaço é, para o coletivo, conquistar um pedaço da cidade de São Paulo, de existir como coletivo imigrante em um dos locais mais centrais da metrópole.

Para Harvey (2012), vivemos em um mundo onde a propriedade privada e o lucro se sobrepõem a todos os outros direitos, os ideais dos direitos humanos se deslocam do centro das discussões, tanto políticas como éticas. Apesar de uma grande energia ser gasta na promoção de seus significados para construção de um mundo melhor, para uma maioria, seus conceitos não desafiam a hegemonia e a lógica das economias e política neoliberais. Entre esses direitos, um dos mais subjugados é o *direito à cidade*. Segundo o autor, o direito à cidade não está relacionado apenas à liberdade individual de acesso aos recursos urbanos, mas é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. O direito à cidade não pode ser um direito individual, já que a transformação da cidade depende do exercício do poder coletivo de moldar o processo de urbanização. O autor afirma ainda que a qualidade de vida nas cidades tornou-se uma mercadoria, assim como a própria cidade, onde o consumo tornou-se o principal aspecto da política urbana. A ética neoliberal de intenso individualismo possessivo e a renúncia das formas de ação coletivas tornaram-se padrão para a socialização

⁴² Descrever o centro cultural São Paulo

humana. Sob estas condições, os conceitos de identidade urbana, cidadania e pertencimento tornam-se difíceis de sustentar. Mesmo que, na teoria, a cidade possa funcionar como um corpo político coletivo, onde em seu interior podem surgir movimentos sociais progressistas, parece implausível nas configurações da cidade capitalista. Entretanto, há diversos movimentos e coletivos tentando superar e remodelar a cidade de forma a fugir da lógica do capital financeiro e do Estado neoliberal. É essa superação que buscam os coletivos acompanhados por essa pesquisa.

Para Harvey (2007), os desenvolvimentos geográficos desiguais refletem diferentes maneiras nas quais os diferentes grupos sociais têm sido envolvidos materialmente e seus modos de sociabilidade dentro da trama da vida, entendida como um sistema socioeconômico envolvente. O desenvolvimento geográfico desigual da vida cotidiana é produto dos processos através dos quais nos constituímos a nós mesmos e o nosso mundo por meio de atividades transformativas, com respeito tanto a empreendimentos discursivos e quanto a práticas da vida cotidiana.

Agier (2015b), dialogando com o conceito de *direito à cidade* defendido por Harvey (2012), aponta que, assim como Harvey já definira, o direito à cidade é um significante vazio, alguma coisa que já não existe mais, que é preciso que alguém lhe confira sentido. Agier propõe, então, que a cidade seja feita essencialmente de movimento. “O fazer-cidade deve ser entendido como um processo sem fim, contínuo e sem finalidade. Ele faz sentido no contexto de uma expansão contínua dos universos sociais e urbanos” (Agier, 2015b Pág. 491). O movimento é essencial para a concepção de que a cidade é construída permanentemente e uma de suas faces é o deslocamento. “O movimento em direção ao centro desde as periferias e os subúrbios ou as ‘zonas de miséria’ é um deslocamento e uma conquista espacial em certa medida” (Agier, 2015b Pág. 491).

3.2. Coletivos e etnopaisagens

Appadurai (2004) propõe o termo *etnopaisagens* para definir as novas paisagens do mundo globalizado, ou seja, o mundo que está em constante deslocamento. Para o autor:

Por etnopaisagem designo as paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento

constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afectar a política das nações (e entre as nações) a grau sem precedentes (pág. 51)⁴³.

Para Appadurai, as *etnopaisagens* são resultado da globalização, não apenas em seu sentido homogêneo, mas em suas características disjuntivas atravessadas pela cultura, pelas ações políticas, pelos conflitos de classe, étnico-raciais, de gênero, geracionais e pela circulação de imagens e imaginários, que configuram uma ordem complexa, estratificada e contraditória. Nessa nova paisagem, as noções de centro e periferia, norte e sul, regional e internacional, precisam ser repensadas. As *etnopaisagens* são cenários fluidos, que transformam o mundo e as relações entre pessoas que nele habitam. Não negam as comunidades ou redes pessoais — de afeto, parentesco, trabalho etc. estabelecidas em seus locais de origem — mas as inserem nos processos de deslocamentos intensificados com a globalização. As *etnopaisagens* criam espaços e lugares (Certeau, 2014) que permitem repensar e conceber novas identidades culturais para além da concepção de identidades como uma categoria fixa e homogênea, relacionada sempre ao território — país — de origem. Ou seja, são múltiplas as formas possíveis de ser, estar e pertencer nesse processo de deslocamento e reterritorialização desses jovens no Brasil e na cidade de São Paulo. Para autor, os meios de comunicação e a migração são dois movimentos interligados, dois aspectos que possuem forte influência na construção das imaginações, que constituem a subjetividade da contemporaneidade. Além das pessoas, imagens, textos e sensações mediatizadas, se desloca e constrói “uma nova ordem de instabilidade na moderna produção de subjetividades” (Appadurai, 2004, pág. 15).

Ainda para o autor, há um imediatismo sem precedente causado pelas comunicações eletrônicas, suspendendo as noções de fronteira, espaço e território. A comunicação eletrônica proporciona a experiência da desterritorialização, próprio da globalização, já que possibilita experiências de construção do *eu* de diversas formas. Segundo Zanforlin (2015), Appadurai não pretende:

decretar o fim do espaço como lugar de encontro e sociabilidade, mas perceber que o espaço territorial passa a ser vivenciado num contexto em que as trocas comunicacionais já fazem parte ou complementam a vivência espacial. Quer dizer, não é obliterar a força que a conversa, o encontro, a personalidade adquirem no momento de criação, manutenção e reforço de laços sociais e interpessoais, mas entender que esses laços passam a ser alinhavados também num meio mais fluido e intermitente das comunicações eletrônicas. (pág. 49)

⁴³ Além da etnopaisagem, Appadurai (2004) propõe outras “paisagens” — *midia, financio, tecno, ideo* — como “um esquema elementar para explorar as disjunturas [...] paisagem como sufixo permite-nos apontar a forma fluida, irregular desses horizontes” (pág. 50).

Zanforlin (2015) complementa que por *etnopaisagem* entende-se como um espaço cheio de fragmentos culturais particulares reveladores de uma identidade de grupo, que se reúnem em torno de traços culturais ou uma etnicidade em comum. A justificativa para a adoção do termo etnopaisagens se fundamenta a partir da concordância que os territórios, territorialidades e o cotidiano contemporâneo são constituídos pelo deslocamento, marcados por narrativas culturais de determinados grupos.

Oliveira, Butikofer e Vêras (2019) definem o termo etnopaisagens da seguinte forma:

À vista disso, por etnopaisagem consideramos os lugares marcados por características culturais indicativas de identidades, onde determinados grupos de migrantes elegem se sociabilizar, e negociam seus espaços de pertencimento com outros grupos de migrantes e com a sociedade envolvente. O prefixo etno atribui justamente a questão cultural ao redor de uma identidade étnica em comum. Assim, a sociabilidade espacial está diretamente relacionada com a negociação do pertencimento dessas comunidades e com os acordos que constroem a partir de suas redes, dado que as etnopaisagens no mundo globalizado são altamente interativas. A etnicidade quando deslocada de seu ambiente “natural/rural” para centros urbanos não transporta consigo sua forma originária, mas uma nova construção precisamente urbana, híbrida, complexa.

As nacionalidades, assim como as características dos jovens, são diversas, do mesmo modo que seus objetivos ao migrarem, suas percepções e relações com o território, suas realidades antes e depois da migração, suas narrativas etc. Porém, entende-se que a territorialidade que construíram junto ao seus coletivos políticos-culturais na cidade de São Paulo pode ser entendida como etnopaisagens, visto que o território por eles ocupado compreende as principais características do termo criado por Appadurai, espaços e lugares (Certeau, 2014) característicos dos processos do deslocamento proporcionado pela globalização, que não nega as comunidades ou redes pessoais em seus países de origem, mas que recria essas relações nos novos territórios. Além do mais, é possível repensar novas identidade, não ligadas somente ao país de origem, mas múltiplas formas de ser, estar e pertencer. Quando pensamos nessa nova paisagem recriada e nas novas territorialidades concebidas, temos de ir além do território físico, limitado ao espaço determinado. Ele abrange também o território intangível das imagens, de uma ocupação além de física, virtual, uma das características mais fundamentais da globalização contemporânea. Portanto, para além da ocupação do território físico, é preciso destacar a ocupação que os coletivos têm no mundo virtual, onde buscam seu lugar e abrangem seu alcance.

3.2.1 Ações digitais

A comunicação constitui um lugar estratégico para a construção e distribuição de imagens e memórias, onde é possível elaborar uma narrativa própria. A assimilação das TICs

— Tecnologias da Informação e Comunicação — que podem ser das mais diversas, como sites, blogs, fóruns, redes sociais etc. — pelos imigrantes cria espaços de experimentação para a constituição e disputa por cidadania, permitindo abranger diferentes dimensões, como a socioeconômica, política, jurídica e comunicacional, sem a dependência das mídias tradicionais e de seus discursos midiáticos hegemônicos, principalmente aqueles que criminalizam e marginalizam os imigrantes.

Portanto, as TICs são ferramentas importantes para a luta pelo direito à mobilidade, permanência e pertencimento, sendo atravessados pelas dimensões culturais, políticas, sociais, econômicas etc. As TICs aumentam a dimensão comunicacional dos imigrantes e ampliam as possibilidades de intervenção na cena pública para além dos limites locais, favorecendo os processos de mobilização em uma perspectiva transnacional (Cogo, 2014 e Ledurales e Cogo, 2018).

Tratando mais especificamente da presença da comunidade imigrante nas TICs, alguns autores utilizam o termo *web diáspora* (Brignol e Costa, 2016; Elhajji e Escudero, 2016 e 2021), que se refere a um ambiente digital que promove a interação e mobilização da comunidade imigrante. São todos aqueles sites, blogs, revistas eletrônicas, grupos, comunidades e páginas em redes sociais, elaborados, mantidos e frequentados, exclusiva ou predominantemente, pela comunidade imigrante. Emergem como ferramentas comunicacionais que assumem e protagonizam demandas dos imigrantes que, por um lado, rompem a cena comunicacional, construindo, simultaneamente, vínculos, formas de identificação, participação e, sobretudo, de visibilidade da legitimidade pública do grupo envolvido. Geralmente a gestão da *web diáspora* é coletiva e polifônica, ela é redesenhada a cada indivíduo que interage e participa contribuindo com algum conteúdo. (ElHajji e Escudero 2016 e 2021).

As temáticas trabalhadas nesse espaço digital podem ser tanto culturais e identitárias como sociais, voltadas para os locais de origem de um determinado grupo ou concentrada na integração no país de destino ou, ainda, transnacionais e multiterritoriais. A *web diáspora* é uma forma midiática dinâmica, já que é redesenhada por cada novo participante, e não autodefinida pela inclusão ou exclusão de novos membros. Portanto, pode-se atribuir esse espaço a um novo território e uma nova territorialidade imigrante, não limitando-os à dimensão física estática, fundada na arbitrariedade das fronteiras e da autoridade do Estado-nação. Esse território imigrante, assim como o físico, se caracteriza pela multiplicidade dos modos de sua produção social e simbólica e a natureza multifacetada tanto da sociabilidade como da subjetividade (ElHajji e Escudero 2016 e 2021). Sob esses aspectos, podemos dizer que a *web diáspora* é um *espaço social*, que reflete a forma e a configuração das relações sociais e simbólicas criadas pelos imigrantes, conforme destacam ElHajji e Escudero (2021):

Trata-se, verdadeiramente, de um “espaço social” (Cf. BOURDIEU, 1984), cuja estrutura, forma e configuração refletem a dinâmica das relações sociais e simbólicas tecidas pelos imigrantes — indivíduos e comunidades, no seu percurso; interligando seu lugar de destino, sua terra de origem e os territórios de transição ou investidos de sua subjetividade. O que significa, em primeiro lugar, que a cartografia deste espaço não corresponde fielmente a um determinado “espaço social nacional”, nem pode se restringir a seus recortes estatais nacionais conhecidos e/ou suas instâncias político-administrativamente reconhecidas. (ElHajji e Escudero, 2021, pg)

Portanto, podemos ponderar que as atuações dos coletivos dos jovens imigrantes nas TICs podem ser consideradas uma forma de luta através da ocupação de um território e a construção de uma territorialidade própria e até agora bastante nova, já que ela se dá nas esferas intangíveis da internet. A presença dos coletivos nas TICs sempre foi constante: além de todos possuírem sites oficiais, também possuem páginas nas redes sociais mais populares, como Facebook e Instagram. As ações nas TICs são utilizadas para promover suas atividades de coletivo, eventos, interagir com a comunidade imigrante, produzir materiais informativos, e, no caso do coletivo Visto Permanente, construir um acervo cultural para promover a arte de imigrantes residentes na cidade de São Paulo. Com a pandemia da Covid-19 e a impossibilidade de fazer reuniões presenciais devido ao isolamento social, que iniciou na cidade de São Paulo em março de 2020⁴⁴, as atividades dos coletivos se transformaram, sendo as promovidas nas TICs as principais formas de atuação. Com isso, a internet passa ser, ainda mais, um território a ser ocupado. Destaca-se, a seguir, algumas das atividades nas TICs, tanto antes como durante o isolamento social, para ilustrar essa nova territorialidade produzida e reivindicada. Segundo Rigitano (2003) podemos chamar essas ações de *ciberativismo*, que é a utilização da internet por movimentos e grupos sociais politicamente motivados, com o objetivo de alcançar suas lutas históricas ou novas. Foca-se principalmente nas redes sociais, porque, conforme Scherer-Warren (2013), o estudo das redes sociais é muito recorrente nas ciências sociais, tendo em vista o seu potencial político de diferentes formas de mobilização, sejam elas presenciais ou virtuais. Para Hardt e Negri, (2014) as questões de conhecimento e comunicação estão intrinsecamente entrelaçadas, portanto a Internet é um espaço de ocupação e resistência. As novas mídias tecnológicas móveis, como Twitter, Facebook e, de forma geral, a Internet, apesar de serem mídias de caráter hegemônico, são veículos de experimentação com governança democrática e multitudinária, espaços que permitem a resistência nele mesmo, como instrumento de produção de

⁴⁴ Doria decreta quarentena no estado de SP até o dia 7 de abril para impedir avanço do coronavírus. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/21/doria-decreta-quarentena-no-estado-de-sp-ate-o-dia-7-de-abril-para-impedir-avanco-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em 20 de março de 2021.

conteúdo, mas também como ferramenta para organização de encontros, permitindo que as lutas “saíam” do digital.

Sarau das Américas

A presença do coletivo Sarau das Américas nas TICs sempre foi constante. Através de seu site oficial⁴⁵ apresenta um perfil de seus participantes, promove seus eventos presenciais e mantém um fluxo de informações relevantes através do seu blog. Porém, sua presença mais constante é através de suas redes sociais, páginas do Facebook⁴⁶ e Instagram⁴⁷, justificável pelo dinamismo que essas plataformas digitais proporcionam. Além da divulgação de eventos próprios e o registro das atividades realizadas, o Sarau das Américas utiliza suas páginas nas redes sociais divulgar informações relevantes e interagir com comunidade imigrante. Todas as pautas promovidas e reproduzidas são baseadas no conceito de luta e re-existência migrante.

⁴⁵ Site oficial Coletivo Sarau das Américas: <https://saraudasamericas.com/>. Acesso em 20 de março de 2021.

⁴⁶ Página no Facebook do Sarau das Américas: <https://www.facebook.com/SarauDasAmericas>. Acesso em 20 de março de 2021.

⁴⁷ Página no Instagram do Sarau das Américas: <https://www.instagram.com/saraudasamericas/>. Acesso em 20 de março de 2021

Figura 7 - Reprodução de material divulgado na Facebook



Fonte: Reprodução Facebook.

Como já dito anteriormente, com o advento da pandemia e necessidade do isolamento social, a atuação do coletivo Sarau das Américas nas TICs se tornou mais constante e teve uma significativa transformação. As atividades promovidas pelo coletivo nas TICs seguiram a mesma linha das ações que eram realizadas presencialmente. Tendo oportunhol como idioma oficial, os eventos promovem a diversidade e a participação de imigrantes de diferentes países da América Latina. Os temas também foram bastante diversos, de saraus infantis a rodas de discussões. As atividades ocorrem em formato de live⁴⁸, principalmente, nas páginas nas redes sociais Instagram e Facebook. Abaixo a reprodução da divulgação de alguns desses eventos citados:

⁴⁸ Live foi como ficou popularmente conhecidas as transmissões ao vivo através da internet, que permitem uma interação direta com o espectador no momento da transmissão.

Figura 8 – Divulgação do evento E-Sarau das Américas



Fonte: Reprodução Facebook

O coletivo convida a participar do evento com o seguinte texto:

E-Sarau das Américas – Amor em tempos de pandemia

E-Sarau das Américas!!! NO PERFIL O INSTAGRAM O SARAU A AMERICAS!!!

Em tempos de isolamento social, as ruas desertas e bares fechados, a poesia pede passagem livre na sua casa, na sua janela aberta de brisa de outono. É o chamado ao encontro urgente, de atravessar todas as distâncias e toda latitude.

Queremos extender el abrazo poético, la canción parada, el libro bajo la almohada. Un simple gesto de la empatía, resistente a toda cuarentena y a todos los virus.

LIVE MIC ABERTO!

Venga!!! Cantemos! Leamos un verso!

O Sarau das Américas será transmitido ao vivo NO PERFIL DO INSTAGRAM A moderação permitirá a entrada para compartilhar textos, pensamentos e divulgar seus trabalhos. Não sendo especialistas em negócios virtuais, esperamos coordenar e fazer acontecer este primeiro exercício poético, com muita sorte e muito axé! ⁴⁹

⁴⁹ Divulgação do evento E-Sarau das Américas – Amor em tempos de coronavírus, disponível na Página do Facebook do Coletivo Sarau das Américas: <https://www.facebook.com/events/540496049999176> Acesso em 02 de março de 2021.

Figura 9 – Divulgação do evento “Carajutxs”



Fonte: Reprodução Facebook

O coletivo descreve o evento da seguinte forma:

Desde as terras sagradas do Orinoco, do alto do Salto del Ángel, das nevadas andinas de Mérida ou Monte Roraima, este é um canto à cultura popular dos panas, carajitxs todos do mundo, andantes, caminantes, que a arte nos abraça na distância.

Sarau das Américas tem o prazer de receber e compartilhar a arte, voz e cultura do povo venezolano no Brasil.

Convidadxs!

[...]

Venham!!!! Avisem às amigas e amigos!!! Vem para la "directa" mais pana do Brasil!

Coletivo Sarau das Américas es auto-gestionado, sem fins lucrativos e sem vínculo atual com nenhuma instituição. Sentido, pensando e feito por mãos imigrantes.⁵⁰

Os dois primeiros eventos destacados, *E-Sarau das Américas – Amor em tempos de pandemia* e *Sarau das Américas "Carajitxs"*, promovem de forma virtual a versão que era, até então, presencial ou, como foi denominado, um E-Saurau. Um espaço aberto para poesias, trocas e afetos, sempre através da integração de imigrantes latino-americanos de diferentes origens.

⁵⁰ Divulgação do evento Sarau das Américas "Carajitxs", disponível na Página do Facebook do Coletivo Sarau das Américas: <https://www.facebook.com/events/439597220545583> Acesso em 02 de março de 2021.

Figura 10 – Divulgação do evento Foro Social Américas de las Migraciones



Fonte: Reprodução Instagram

Sarau Migrações Urbanas no Foro Social de las Migraciones

O Foro Social Mundial de las Migraciones (FSMM) é um encontro mundial do qual participam organizações sociais e redes de movimentos sociais, compartilhando experiências, estudos, dores e propostas sobre migrações no mundo. É um Fórum plural e diversificado, não governamental, não político-partidário.

Nós do Sarau das Américas, junto com o CRAI e o Centro Cultural Ocupa Ouvidor 63, fomos convidados para o eixo de atividades do dia 24/10, em uma proposta sem fronteiras e repleta de arte que TRANSbordam os olhares urbanos.⁵¹

⁵¹ Divulgação do evento Foro Social Américas de las Migraciones, disponível na Página do Facebook do Coletivo Sarau das Américas <https://www.facebook.com/events/645828242798643> Acesso em 02 de março de 2021.

Figura 11 – Divulgação dos eventos Licencias Políticas



Fonte: Reprodução Facebook

Licencias políticas - Necropolítica na América Latina

Licencias políticas propõe trocas e encontros de nossas delícias e dores. Descolonizar é preciso e URGENTE!

Nesta, a roda de conversa debaterá o conceito de necropolítica efetuada pelo Estado como “o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Desse modo, entende-se que a violência está ligada à estrutura que organiza as relações sociais, reproduzindo-se no cotidiano dos diversos grupos e, falando de América Latina, trata-se pretos, povos originários, periféricos, sem teto e simplificando (o que não dá para simplificar) ao povo pobre.⁵²

Licencias políticas – episódio Cuba

Periodismo Independiente Cubano: una nueva narrativa para la realidad em Cuba (LIVE em FACEBOOK)

Primeira de una serie de charlas sobre temas de interés regional. En esta primera, conversaremos sobre la realidad del periodismo independiente en Cuba.⁵³

As TICs também são locais para cooperação e transcender fronteiras, como no *Foro Social Américas de las Migraciones*, evento de nível internacional que promove o encontro de organizações sociais, movimentos, coletivos e redes, para discutir o atual panorama das imigrações internacionais, que na edição 2020 foi todo no formato virtual, expandindo seus alcances e permitindo a participação de forma descentralizada.

Entre os eventos organizados nesse período da pandemia, destaca-se os *Licencias Políticas*, mesas de discussão, sempre no formato virtual através de suas páginas nas redes sociais. Os *Licencias políticas* trás sempre alguma temática relacionada a América Latina,

⁵² Divulgação do evento Licencias políticas – Necropolítica na América Latina, disponível na Página do Facebook do Coletivo Sarau das Américas <https://www.facebook.com/events/915105865665010/> Acesso em 20 de março de 2021.

⁵³ Divulgação do evento Licencias políticas – episódio Cuba, disponível na Página do Facebook do Coletivo Sarau das Américas <https://www.facebook.com/events/698432187671961/> Acesso em 20 de março de 2021.

dando espaço e voz para diferentes atores, com no ocorreu no *Necropolítica na América Latina* e *Episódio Cuba*.

Pode-se, portanto, que a atuação nas TICs do coletivo Sarau das Américas segue a mesma linha dos eventos e ações promovidas presencialmente. Assim como o bairro do Butantã, o coletivo vê as redes sociais como um território a ser ocupado e transformado, com os dois aspectos que mais caracterizam o coletivo sempre presentes, a cultura e a luta política.

Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas

O coletivo de mulheres Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas utiliza, a bastante tempo, as TICs como uma extensão das suas ações presenciais. Em seu site oficial⁵⁴, além das informações que apresentam o coletivo e do grupo musical Lakitas Sinchi Warmis, há uma série de materiais, criados ou traduzidos pelo coletivo, para a ajudar, principalmente, a mulher imigrante, como cartilhas relacionadas à saúde da mulher⁵⁵, informações sobre campanha contra a violência obstétrica, com foco na mulher imigrante⁵⁶, entre outras informações.

Em relação as redes sociais, o uso é muito semelhante ao apresentado pelo coletivo Sarau das Américas. Suas contas no Facebook⁵⁷ e Instagram⁵⁸ são utilizadas com um canal de comunicação com a comunidade imigrante. Além dos próprios eventos e materiais, divulgação informações relevantes para a comunidade de imigrantes da cidade de São Paulo. Como observado na imagem 12:

⁵⁴ Site oficial Coletivo Equipe de Base Warmis — Convergência das Américas: <http://www.warmis.org/>. Acesso em 20 de março de 2021.

⁵⁵ Cartilhas disponíveis no link <http://www.warmis.org/materiais.html>. Acesso em 20 de março de 2021.

⁵⁶ Informações sobre a campanha contra a violência obstétrica. <http://www.warmis.org/projetos/no-a-la-violencia-en-el-parto.html> Acesso em 20 de março de 2021.

⁵⁷ Facebook do Coletivo Equipe de Base Warmis — Convergência das Américas: <https://www.facebook.com/EquipeDeBaseWarmisConvergenciaDasCulturas>. Acesso em 20 de março de 21

⁵⁸ Instagram do Coletivo Equipe de Base Warmis — Convergência das Américas: <https://www.instagram.com/warmisimigrantes/>. Acesso em 20 de março de 21

Figura 12 – Divulgação de eventos de terceiros nas redes sociais



Fonte: Reprodução Instagram

Com a impossibilidade realizar eventos presenciais, o coletivo Equipe de Base Warmis, continuou ocupando os espaços que lhes foi possível. Assim como o Sarau das Américas, as Warmis observa-se um crescimento da presença TICS, após a necessidade de realizar isolamento social, porém, suas formas de atuação foram um pouco diferentes das apresentadas pelo coletivo anterior. Suas redes sociais foram utilizadas para divulgar eventos que ocorreram em outras plataformas na TICs ou em outras mídias. Como, por exemplo, um programa de rádio exclusivo, 3 vezes por semana, na rádio online *Migrantes*.

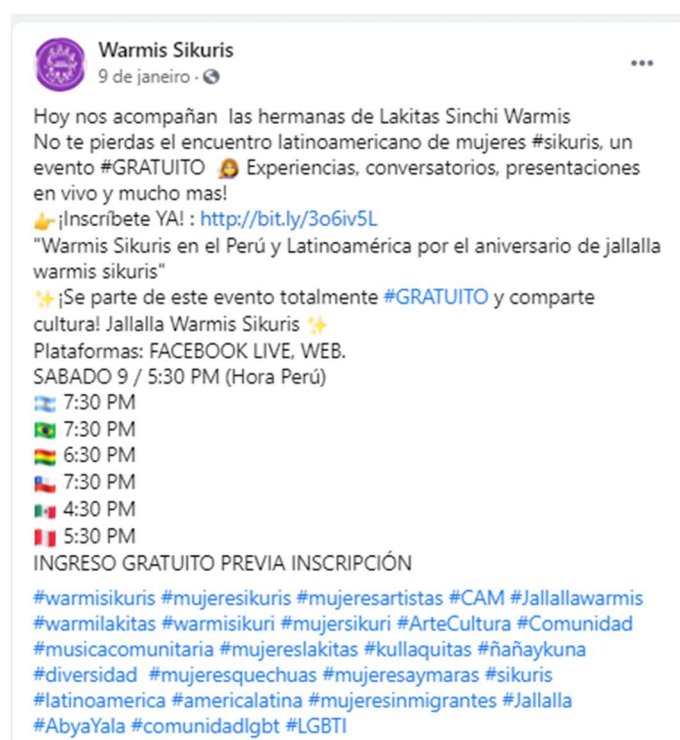
Figura 13 – Divulgação do programa de rádio



Fonte: Divulgação Instagram

Outras participações divulgadas, foram as participações, como a apresentação do grupo Lakitas Sinchi Warmis em evento promovido por um grupo homônimo peruano, Figura 14, e até mesmo, na entrevista promovida pelo canal de televisão TVT, com o novo presidente da Bolívia, Luis Arce, figura 15.

Figura 14 – Divulgação do evento com a participação das Lakitas Sinchi Warmis



Fonte: Reprodução Facebook

Figura 15 – Participação das Warmis na entrevista com o Presidente Luis Arce



Fonte: Reprodução Facebook

Analisando a participação do coletivo Warmis nas TICs, pode-se concluir o coletivo sempre utilizou de forma integrada a atuação presencial e a internet, porém, com a impossibilidade dos encontros presenciais, articulou-se com outros canais e mídias e fez com que sua presença estivesse sempre vinculada no que se refere as ações voltadas para a imigração.

Visto Permanente

A atuação do coletivo nas TICs sempre foi fundamental para a própria existência do Visto Permanente, já que, em primeiro lugar, surgiu o repositório digital de portfólios de artistas imigrantes na cidade de São Paulo. Esse acervo está hospedado no site oficial do coletivo⁵⁹.

Figura 16 – Acervo digital Visto Permanente



Fonte: Reprodução site oficial

Conforme é possível verificar na figura 16, o coletivo desenha uma cartografia dos imigrantes da cidade, tendo São Paulo como o centro desse mapa, as linhas retomam os países de origem desses imigrantes.

Assim como os demais coletivos, o Visto Permanente também possui páginas nas redes sociais mais populares, Facebook⁶⁰ e Instagram⁶¹. Assim como os demais coletivos, as redes sociais são utilizadas para divulgar as suas atividades e informações variadas relacionadas a imigração, além da interação com seus seguidores. Uma das características que diferencia o uso das redes sociais dos outros dois coletivos, é que o Visto Permanente

⁵⁹ Site oficial do coletivo Visto Permanente: <https://www.vistopermanente.com/>. Acesso em 20 de março de 2021

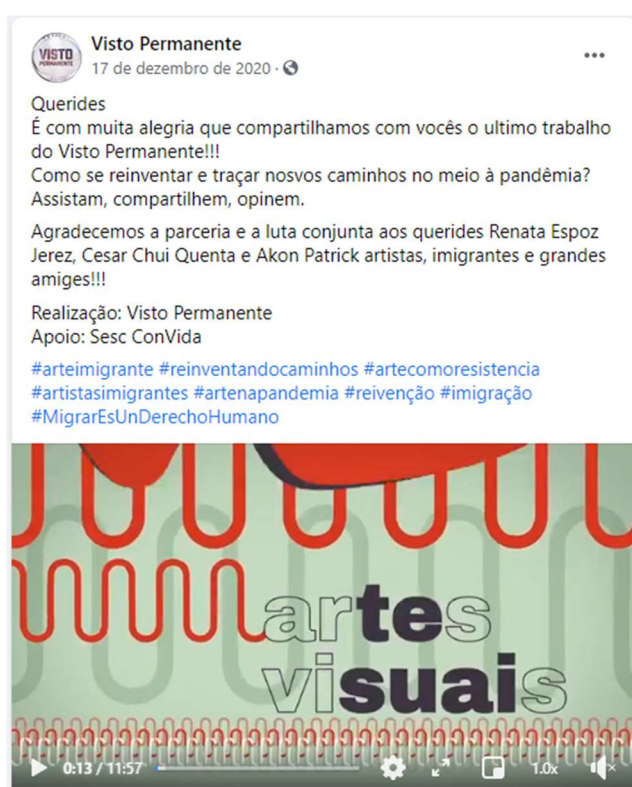
⁶⁰ Página no Facebook do coletivo Visto Permanente: <https://www.facebook.com/acervovistopermanente>. Acesso em 20 de março de 2021;

⁶¹ Perfil no Instagram do coletivo Visto Permanente: <https://www.instagram.com/vistopermanente/>. Acesso em 20 de março de 2021;

utiliza de forma mais constante para divulgar os resultados dos seus trabalhos com o acervo, tornando assim as redes sociais uma extensão do que acontece no site.

Outra coisa que diferencia o Visto Permanente dos outros dois coletivos, é que suas atividades continuaram ocorrendo durante o período de isolamento social, ou seja, ainda são divulgados vídeos produzidos com os artistas. Portanto, não foi possível perceber uma mudança tão significativa em relação as atividades, como foi possível com o Visto Permanente e o Equipe de Base Warmis.

Figura 17 – Trabalho compartilhado pelo Visto Permanente



Fonte: Reprodução Facebook

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação buscou-se reconstruir as experiências imigratórias e o ser imigrante no Brasil através das narrativas dos jovens aqui apresentados, que, por muitas vezes, se assemelharam e, em outras se distanciaram, mas que, de toda forma, construíram um panorama do que é viver esse processo no mundo globalizado. Não se pretende conceber essa realidade apresentada como algo definitivo ou homogêneo nas imigrações, mesmo dentro do recorte proposto por esse trabalho, já que o fenômeno da imigração dentro do contexto da globalização é extenso, complexo e com diferentes enfoques. As considerações que podem ser realizadas com essa pesquisa dizem respeito há um recorde bastante definido dentro desse grande universo das imigrações, pois refere-se a um grupo de jovens, em sua maioria, com acesso a ensino superior e, em sua totalidade, engajados com coletivos políticos/culturais relacionado a imigração, fatos que já os deixam em local bastante específico dentro do contexto geral das migrações. Levando isso em considerações, pode-se destacar alguns aspectos.

O primeiro deles está relacionado as suas lutas coletivas. Observou-se que suas ações políticos-culturais estão relacionadas a criar momentos de compartilhamento dentro e fora dos coletivos, de debate e trocas, de falas e escutas, que ecoam na comunidade imigrante e nos seus arredores. As vozes, assim como os discursos, são múltiplos e são variados, mas com objetivos que se confluem: resistir e re-existir em meio as adversidades cotidianas. Suas ações resistência e re-existência são reflexos das dificuldades cotidianas, enlaçam desejos com ações práticas, suas buscas por pertencer extrapolam as fronteiras institucionais e burocráticas. Não aceitam nada menos do que ser protagonistas das próprias histórias.

A presença desses jovens imigrantes como protagonistas de suas próprias histórias refaz a cartografia da imigração nesse contexto da globalização. Percebe-se a influência das fronteiras e transfronteiras em suas vidas migrantes, assim como as questões burocráticas, a dificuldade com o idioma, o preconceito, os estereótipos, porém, nas mesmas narrativas que demonstravam essas dificuldades, surgiram discursos e ações que demostram que eles não aceitam a marginalização do imigrante na sociedade brasileira, lutam e resistem, ocupam e criam novos espaços para existirem e re-existirem, buscando preencher as lacunas e espaços deixados pelo poder público, criando uma rede de ajuda e de afeto com seus coletivos culturais.

A relação, tanto individual como coletiva, dos jovens com a cidade de São Paulo e o território foi amplamente abordada por esse trabalho, portanto, cabe destacar alguns aspectos brevemente. Existe uma relação ambígua desses jovens com relação a cidade, estando vinculada principalmente ao local de moradia ou de ações dos coletivos. Aqueles que tiveram dificuldades em se instalar na cidade, principalmente pelos valores elevados de moradia e

custos de vida de uma forma geral, a veem de maneira mais hostil, com dificuldade de acessar seus espaços públicos e privados. Uma situação diferente daqueles que se alocaram em regiões mais privilegiadas da metrópole, tendo experiências com o seu entorno muito diferentes, vendo a cidade como um local de construção de vínculos, de afetos, sociabilidade e cooperação. Isso nos mostra que as diversidades dessas experiências com território estão invariavelmente ligadas a questão da estratificação social e as territorialidades na cidade de São Paulo, aspectos que podem ser estendidos para além da comunidade imigrante.

Portanto, pode-se dizer, que as experiências na imigração desses jovens são únicas e individuais, mas as lutas são coletivas. São jovens que estão experimentando a vida no espaço no espaço fronteiriço, no *entre-deux* (Agier, 2015a): “nem aqui e nem lá”. Estão em busca de produzir novos espaços, estabelecer novas relações, tornar suas vozes protagonistas, em um processo constante de negociação, consentimento e lutas, em busca de permanecer e pertencer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agier, Michel. Migrações, descentramento e cosmopolitismo – uma antropologia das fronteiras. Maceió: EDUFAL; São Paulo: Editora da Unesp, 2015a.

_____. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015b.

Anderson, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Appadurai, Arjun. Dimensões Culturais da Globalização. Lisboa: Editorial Teorema, 2014.

Baeninger, Rosana. Fases e faces da migração em São Paulo. Campinas: Núcleo de Estudos de População- Nepo/Unicamp, 2018.

Baeninger, Rosana, Bógus, Lucia M., Moreira, J.B., Vedovato, L.R, Fernandes, D., Souza, et al. Migrações Sul-Sul. Campinas: Núcleo de Estudos de População- Nepo/Unicamp, 2018.

Belausteguigoitia, Marisa. Frontera. In: Szurmuk, Mónica; Irwin, Robert McKee (Coord). *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos*. México D. F.: Instituto Mora, 2009.

Biron, Rebecca E. Globalización. In: Szurmuk, Mónica; Irwin, Robert McKee (Coord). *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos*. México D. F.: Instituto Mora, 2009.

Bhabha, Hommi K. O local da cultura. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

Biron, Rebecca E. Globalización. In: Szurmuk, Mónica; Irwin, Robert McKee (Coord). *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos*. México D. F.: Instituto Mora, 2009.

Brignol, Liliane Dutra; Costa, Nathália Drey. Migração e usos sociais do Facebook: uma aproximação à webdiáspora senegalesa no Rio Grande do Sul. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 24, n. 46, p. 91-108, 2016.

Bógus, Lucia Maria M.; Fabiano, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, n. 18, 2015.

Buriticá, María Margarita Echeverri. "Somos muitos, somos diversos e aqui estamos cruzando fronteiras": Reflexões sobre a compreensão dos processos migratórios juvenis." *DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud* v.5. n.16, 2017

Canclini, Néstor García. *Latinos-americanos à procura de um lugar neste século*. Editora Iluminuras Ltda, 2008.

_____. El Mondo Intero como um lugar extraño. In: Valenzuela Arce, José Manuel; Borelli, Silvia Helena Simões. *Ficção televisiva e multiculturalidade*. In: *Comunicação e multiculturalismo*. Cicília M. K. Peruzzo e José Benedito Pinho (org). São Paulo/Manaus: Intercom/Un.Amazonas. 2001. (coord.). *Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales*. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2014

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2015.

Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

Cogo, Denise. Comunicação e migrações transnacionais—o Brasil (re) significado em redes migratórias de haitianos. *Revista de Estudos Universitários-REU*, v. 40, n. 2, 2014.

Domeniconi, Joice. Migração internacional qualificada no século XXI: a circulação de trabalhadores do conhecimento desde uma perspectiva Sul-Sul. Em: *Migrações Sul-Sul*. Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovey de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Orgs.). Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

Elhajji, Mohammed; Escudero, Camila. Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva. *Revista Observatório*, v. 2, n. 5, p. 334-363, 2016.

_____. As comunidades latinas de São Paulo e sua comunicação webdiaspórica. *Comunicação & Inovação*, v. 22, n. 48, 2021.

Farias, Mariana Lima. Recepção e integração social dos refugiados no Brasil: preconceito social. V Encontro de pesquisas judiciárias da Escola Superior da Magistratura do Estado de Alagoas, 2018.

Federici, Silvia. O feminismo e as políticas do comum em uma era de acumulação primitiva. In: Moreno, Renata (Org.). *Feminismo, Economia e Política: Debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. Sempreviva Organização Feminista: São Paulo, 2014.

Frazão, Samira Moratti. Política migratória brasileira e a construção de um perfil de migrante desejado: lugar de memória e impasses. *Revista Antíteses* v.10 n.20. (p. 1103-1128), 2017.

Frúgoli, Heitor Jr. Ativismos urbanos em São Paulo. *Caderno CRH*, v. 31, n. 82, p. 75-86, 2018.

Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

_____. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Hardt, Michael; Negri, Antonio. *Declaração: isto não é um manifesto*. São Paulo: n-1, 2014.

Harvey, David. *Notas hacia una teoría del desarrollo geográfico desigual*. GeoBaireS. Buenos Aires: Cuadernos de Geografía, 2007.

_____. David. O direito à cidade. *Lutas sociais*, n. 29, p. 73-89, 2012.

Herrera, Gioconda. (Coord) *Voces y experiencias de la niñez y adolescencia venezolana migrante en Brasil, Colombia, Ecuador y Perú*. Buenos Aires : CLACSO, 2020.

Kerbaui, Maria Teresa Miceli; Truzzi, Oswaldo. Globalização, migrações e internacionais e novos desafios à cidadania. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 31, 2007.

Laval, Christian; Dardot, Pierre. *Común*. Barcelona: Gedisa, 2015.

Leduralles, Natália; Cogo, Denise Maria. Mulheres imigrantes haitianas, usos de TICs e experiências de ativismo. *Comunicon: Congressos Internacional de Comunicação e Consumo*. 2018.

Levi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.

Mbembe, Achille. O tempo que se move. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 24, n. 24, p. 369-397, 2015.

Ortiz, Diana; Kaminker, Sergio. Suramérica y los refugiados colombianos. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 22, n. 43, p. 35-51, 2014

Osman, Samira Adel. A imigração e a apropriação cultural do lugar: história oral no diálogo e na interseção dos espaços e das experiências de vida. Em: Baeninguer, R., Bógus, L. M., Moreira, J.B., Vedovato, L.R, Fernandes, D., Souza, et al. Migrações Sul-Sul. Campinas: Núcleo de Estudos de População- Nepo/Unicamp, 2018.

Paiva, Maria Claudia S. Juventudes transfronteiriças: (re)existência cultural e transnacional de um coletivo angolano em São Paulo. (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2018.

Rigitano, Maria Eugenia Cavalcanti. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2003.

Santos, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Sayad, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Scherer-Warren, Ilse. Redes e movimentos sociais projetando o futuro. Revista Brasileira de Sociologia, v. 1, n. 1, p. 187-218, 2013.

Soares, Rosana de Lima. "De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais". Revista E-Compós, 12 (1), 2009

Tijoux, María Emilia. El Otro inmigrante negro y el Nosotros chileno. Un lazo cotidiano pleno de significaciones. Boletín Onteakien, v. 17, p. 1-15, 2014.

Todorov, Tzvetan. O homem desenraizado. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

_____ The Journey and its Report. Revista de Letras, São Paulo, v.46, n.1. 2006.

Valenzuela Arce, J. M. Transfronteras y limites limanales. Em Valenzuela Arce, J.M. (Ed.) Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales, 17-44. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2014.

Varela Huerta, Amarela. Luchas migrantes: un nuevo campo de estudio para la sociología de los disensos. Andamios Revista de Investigación Social, v. 12, n. 28, 2015.

Véras, Maura Pardini Bicudo. Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo. Cadernos Metrópole., n. 02, p. 73-119, 1999.

_____ Dimensões sociais das desigualdades urbanas: moradias da pobreza, segregação e alteridade em São Paulo. Revista Brasileira de Sociologia-RBS, v. 4, n. 7, p. 175-210, 2016.

_____ Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo. Revista USP, n. 114, p. 45-54, 2017.

Vilanova, Núria. Desterritorialización. In: Szurmuk, Mónica; Irwin, Robert McKee (Coord). Diccionario de estudios culturales latinoamericanos. México D. F.: Instituto Mora, 2009

Zanforlin, Sofia. Etnicidade, migração e comunicação: etnopaisagens transculturais e negociação de pertencimentos. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____, Sofia Cavalcanti. Etnopaisagens emergentes na periferia de Brasília: os migrantes e as apropriações socioculturais da cidade. 2015. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación. N.º 130, pp. 163-178 diciembre 2015 - marzo 2016, 2015.